

O Dom e Mistério da Eucaristia.

Uma Síntese dos Ensinamentos Eucarísticos

do Papa João Paulo II

(Segunda Parte)

Resumo

Esta é a segunda parte de um estudo que procura reunir, numa síntese, as muitas linhas do ensinamento do servo de Deus, o Papa João Paulo II, sobre a Eucaristia, tecendo-as em torno do tema Dom-Mistério, que são os dois conceitos chave de sua teologia e espiritualidade eucarísticas.

Os capítulos um a quatro deste estudo já foram publicados no número precedente, ao passo que agora seguem os restantes três capítulos. Tendo apresentado a Eucaristia como dom da SS. Trindade (cap. III), e, de modo particular, como dom do Pai (cap. IV), o capítulo V contempla o mistério eucarístico como dom do Filho. A Eucaristia não é um dom entre muitos outros, mas o dom por excelência, porque dom de Cristo mesmo, da Sua Pessoa e também da sua obra de salvação (cf. Ecclesia de Eucharistia, 11). Realmente, Cristo nos amou até ao fim (cf. Jo 13,1), quer dizer, até ao extremo do dom total de si, fazendo-se nosso alimento e bebida sob as espécies do pão e do vinho. Como Sacramento do sacrifício, a Eucaristia não é somente o dom supremo de Cristo à Igreja, mas também um convite urgente a entrar cada vez mais profundamente na dinâmica do seu amor sacrificial.

O capítulo VI é dedicado à Eucaristia enquanto dom do Espírito Santo. Sendo o Espírito a Pessoa-Amor que une o Pai e o Filho, é por meio d'Ele que a Eucaristia se torna Comunhão. De fato, quem recebe o Corpo de Cristo com fé, une-se intimamente a Cristo e, n'Ele, a Deus Pai no amor do Espírito Santo. A dimensão vertical da comunhão, – a nossa união com Deus – é o fundamento da sua dimensão horizontal: a nossa união com os outros. Desta forma, a Eucaristia edifica a Igreja como comunidade eucarística segundo o modelo supremo da comunhão trinitária: “que todos sejam um como nós” (Jo 17,22). É em virtude da Eucaristia, sacramento de comunhão, que a Igreja é, em Cristo, sacramento,

isto é, sinal e instrumento da íntima união com Deus e dos homens entre si (cf. *Lumen Gentium*, 1).

O capítulo VII resume brevemente o caráter trinitário da Eucaristia enquanto sacramento da presença, do sacrifício e da comunhão, e indica como viver, de modo concreto, estas três dimensões. Ao mesmo tempo, aponta a importância central do mistério eucarístico para a vida e missão da Igreja que, segundo João Paulo II, deveria tornar-se cada vez mais “uma Igreja profundamente ‘eucarística’, na qual a partilha do mistério de Cristo no pão repartido esteja de certo modo imersa na unidade inefável das três Pessoas divinas, fazendo da própria Igreja um ‘ícone’ da Santíssima Trindade” (*Ecclesia de Eucharistia*, 50).

* * *

Summary

This is the second part of a study that seeks to put together the many strands in the teachings of the servant of God, Pope John Paul II, on the Eucharist, weaving them around the theme of Gift-Mystery, two key-concepts of his Eucharistic theology and spirituality.

Chapters one to four of this study were published in the last issue, while the remaining chapters follow now. After presenting the Eucharist as gift of the Trinity (chapter III) and, in a special way, as gift of the Father (chapter IV), chapter V contemplates the Eucharistic mystery as the gift of the Son. The Eucharist is not one gift among so many others, but the gift par excellence, for it is the gift of Christ himself, of his Person as well as the gift of his saving work (cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 11). Truly, Christ loved us to the very end (cf. *Jn 13,1*), that is, to the extremes of making of himself a complete gift for us, becoming our food and drink under the appearances of bread and wine. As Sacrament of the sacrifice, the Eucharist constitutes not only Christ's supreme gift to the Church, but it is also a constant and urgent call to enter ever more deeply into the dynamism of his sacrificial love.

Chapter five is dedicated to the Eucharist seen as the gift of the Holy Spirit. Being the Spirit the Person-Love who unites the Father and the Son, it is through his Person that the Eucharist becomes Communion. Indeed, those who receive the Body of Christ

with faith are closely united to him and, through him, to God the Father, in the love of the Holy Spirit. The vertical dimension of communion (our union with God) is the foundation of its horizontal dimension: our union with each other. In this way, the Eucharist builds the Church as a Eucharistic community according to the model of the Trinitarian communion: “that all may be one as we are one” (*Jn 17,22*). It is thanks to the Eucharist that the Church is in Christ the sacrament, that is, the sign and instrument of the intimate union with God and of the unity of the whole human race (cf. *Lumen Gentium*, 1).

The concluding Chapter seven summarizes briefly the Trinitarian character of the Eucharist as the sacrament of presence, of sacrifice and of communion indicating how one can live out concretely these three dimensions. At the same time, it points out the vital importance of the Eucharistic Mystery for the life and mission of the Church. According to John Paul II, she should become ever more “a profoundly Eucharistic Church in which the presence of the mystery of Christ in the broken bread is as it were immersed in the ineffable unity of the three divine Persons, making of the Church herself an ‘icon’ of the Trinity” (*Ecclesia de Eucharistia*, 50).

* * *

Capítulo V

A Eucaristia: Dom Amoroso do Filho

“O pão, que Eu hei de dar, é a minha Carne para a vida do mundo” (Jo 6,51)

No discurso sobre a Eucaristia, Jesus revelou que o Pai daria o verdadeiro Pão do céu aos homens. E prossegue dizendo: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu... E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo” (*Jo 6,51*). Isto quer dizer que, além de ser dom do Pai, a Eucaristia é também o dom que Cristo faz de si mesmo aos homens. O que Ele prometeu em Cafarnaum

... se cumpriria pouco tempo depois, durante a Última Ceia em Jerusalém, nas vésperas das solenidades pascaís. No Cenáculo, Cristo fez tudo o que

tinha predito. Deu aos apóstolos pão e vinho dizendo: “Isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança.”¹

Por meio do dom de Seu Corpo e Sangue, Ele tornou-se o pão vivo que ele outrora prometera aos homens: “O pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo” (Jo 6,51). Vejamos o sentido profundo destas palavras, tal como o Papa nos explica:

Eis que Cristo veio ao mundo para transmitir ao homem a vida divina. Ele não só anunciou a boa nova, mas instituiu também a Eucaristia que deve tornar presente o Seu mistério redentor até ao fim dos tempos. E como meio de expressão, escolheu os elementos da natureza – o pão e o vinho, o alimento e a bebida que o homem deve consumir para manter-se em vida. A Eucaristia é precisamente este alimento e esta bebida. *Este alimento contém em si toda a potência da Redenção levada a cabo por Cristo.* Para viver, o homem tem necessidade do alimento e da bebida. Para alcançar a vida eterna, o homem precisa da Eucaristia. Este é o alimento e a bebida que transforma a vida do homem, abrindo-lhe à frente o horizonte da vida eterna. Alimentando-se com o Corpo e o Sangue de Cristo, o homem já aqui na terra traz em si o gérmen da vida eterna, porque a Eucaristia é o sacramento da vida em Deus.²

1. O Sacramento no qual Cristo Se doa

A Eucaristia: o dom mais sublime de Jesus aos homens

“Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou” (Jo 13,1). “Quantas vezes em nossas vidas vimos separar-se duas pessoas que se amam” observa o Papa. “Na hora da partida, um gesto, uma fotografia, um objeto que passa de uma mão à outra para prolongar de algum modo a presença na ausência. E nada mais. O amor humano só é capaz destes símbolos.”³ Jesus, entretanto, como testemunho de amor, na véspera da derradeira Páscoa que iria passar com seus amigos neste mundo,

... tomou o pão e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: *Isto é o meu corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo*

modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que o beberdes, fazei o em memória de mim (1Cor 11,23-25).

Assim, ao despedir-se, o Senhor Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, não deixa aos seus amigos um símbolo, mas a realidade de Si mesmo. Vai para junto do Pai, mas permanece entre nós, homens. Não deixa um simples objeto para evocar sua memória. Sob as espécies do pão e do vinho *Ele está realmente presente*, com o seu Corpo e o seu Sangue, sua Alma e Divindade.⁴

A Eucaristia, o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo, é deste modo o maior tesouro da Igreja porque contém a plenitude do mistério de Cristo, “tudo o que Cristo é, fez e sofreu por todos os homens.”⁵ Realmente,

... a Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom d’Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação.⁶

Pelo que, o Papa João Paulo II professa diante do Santíssimo Sacramento:

Sacramento do dom, sacramento do amor de Cristo impellido até ao extremo: “*in finem dilexit*” (Jo 13,1). O Filho de Deus doa-Se a Si mesmo. Sob as espécies do pão e do vinho, dá o Corpo e o Sangue, recebidos de Maria, Mãe virginal. Dá a Sua divindade e a Sua humanidade, para nos enriquecer de modo inexprimível.⁷

“Até o extremo os amou” (Jo 13,1)

“Como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou” (Jo 13,1). Com tais palavras, João evangelista apresenta a Última Ceia na tarde da Quinta-feira Santa. O que isto significa: “até o extremo os amou”? Foi exatamente na Última Ceia que o sentido do “até o extremo os amou” foi revelado. O Santo Padre comenta:

De fato, pensamos justamente que *amar até o fim* significa *até à morte*, até ao último suspiro. Todavia, a Última Ceia mostra-nos que, para Jesus, “até o fim” significa ainda além do último suspiro. *Além da morte.*

¹ Homilia (1 de maio de 1992), 2: *L'Osservatore Romano*. Edição semanal em língua portuguesa (= ORP) (10 de maio de 1992), 6. As abreviações dos livros bíblicos foram uniformizadas em todo o artigo, incluindo as citações do *L'Osservatore Romano*.

² Homilia (1 de junho de 1997), 3: ORP (7 de junho de 1997), 5.

³ Homilia (9 de julho de 1980), 1: ORP (27 de julho de 1980), 1.

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Catecismo da Igreja Católica* 1085.

⁶ *Ecclesia de Eucharistia*, 11.

⁷ Homilia (29 de maio de 1997), 5: ORP (31 de maio de 1997), 1.

É este, precisamente, o significado da Eucaristia. A morte não é o seu fim, mas o seu início. A Eucaristia tem início na morte, como ensina São Paulo: *Sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha (1Cor 11,26)*. A Eucaristia é fruto desta morte. Record-a constantemente. Renova-a continuamente.

Amar “até o fim” significa, por conseguinte: para Cristo, amar mediante a morte e além da barreira da morte: *amar até aos extremos da Eucaristia!*⁸

Por isso, “amar até o extremo” refere-se não somente ao amor que Cristo demonstrou entregando Sua vida por nós na Cruz, amor do qual Ele disse: “Ninguém possui amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13), mas vai mais longe. Aponta para a doação total de Si na Eucaristia, em que partilha a Si mesmo como comida e bebida, de tal modo que possa viver em nós, encher-nos com Seu amor e tornar-nos cada vez mais semelhantes a Ele. “Nisto, verdadeiramente, está o testemunho de um amor levado ‘até o fim’ (Jo 13,1). Jesus oferece-se em alimento aos discípulos para tornar-se uma só coisa com eles.”⁹ A Bem-aventurada Teresa de Calcutá disse: “Quando olhamos o crucifixo, entendemos o quanto Jesus nos amou. Quando olhamos a Hóstia Sagrada, entendemos o quanto Jesus nos ama agora.”¹⁰ Pois na Eucaristia Jesus “entrega-se a Si mesmo como dom – o seu Corpo e o seu Sangue – até o fim do mundo, porque esta é a lógica do seu amor: ‘levou até o extremo o seu amor por nós’ (Cf. Jo 13,1).”¹¹ O Santo Padre explica:

Ali, durante a Última Ceia, pouco antes de Sua morte, o Senhor Jesus deu o pão aos apóstolos e disse: “Tomai e comei todos: isto é o Meu Corpo”. Do mesmo modo lhes deu o vinho, dizendo: “Tomai e bebei todos: este é o cálice do Meu Sangue”. E nós cremos que, embora os Apóstolos sentissem na boca o sabor do pão e do vinho, *verdadeiramente consumiam o Corpo e o Sangue de Cristo*. E este era o *signal do Seu amor infinito*. Com efeito, quem ama está pronto a dar à pessoa amada tudo aquilo que possui de mais precioso. O Senhor Jesus tinha poucas coisas neste mundo para poder oferecer aos Apóstolos. Contudo deu-lhes *algo a mais* – deu-lhes *a Si mesmo*. A partir de então, recebendo este Alimento santíssimo, podiam

estar constantemente com Jesus. Ele mesmo habitava em seus corações e os cumulava de santidade.¹²

Este é, realmente, “o supremo ato de amor de Cristo, que no Sacramento Eucarístico Se faz alimento e bebida do homem, única fonte de vida verdadeira para a Igreja e para o mundo”¹³. Assim, na Eucaristia, Ele verdadeiramente “amou até o fim”. *Amar até o fim* significa, pois, que o amor de Deus é tão radical que *vai até ao extremo* de se doar a si mesmo a nós como comida e bebida. Por isso as palavras: *até o fim os amou*, em certo sentido, “inclui toda a verdade sobre a Eucaristia”¹⁴. O Papa comenta:

Contemplando o mistério eucarístico, a mente é levada a percorrer de novo as etapas através das quais o Verbo de Deus chegou a coroar a sua missão salvífica: a encarnação, o nascimento, o ministério público, a pregação e, por fim, na vigília de sua Paixão, o *dom de Si mesmo* sob as espécies do pão e do vinho. [...]

Naquilo que acontece durante a Última Ceia, não há uma lógica impressionante? Mas não é esta, precisamente, a lógica de todo o Evangelho? De que outro modo, senão assim, podia confirmar sua missão, Aquele que “levou até o extremo o amor pelos Seus que estavam no mundo” (Jo 13,1)?¹⁵

Sacramento do Despojamento de Cristo

“Deus é amor” (1Jo 4,9). “O amor é, na sua essência, *dom de si mesmo*,”¹⁶ observa João Paulo II. A Criação, Encarnação, Redenção, Eucaristia: são estes os principais momentos que constituem a revelação progressiva do amor divino que se doa. A extrema consequência do amor divino é sua oferta na Cruz, que se perpetua na Eucaristia. Observa o Papa: “A auto-doação de Cristo, que tem sua fonte na vida trinitária do Deus-Amor, atinge a sua expressão mais alta no sacrifício da Cruz, cuja antecipação sacramental é a Última Ceia.”¹⁷

A fim de erguer a humanidade do pó da terra, Deus se rebaixa, não só ao nível do ser humano, porém ainda mais, ao nível de comida e bebida, a

⁸ Homilia (12 de abril de 1979), 2;3: ORP (22 de abril de 1979), 6.

⁹ Homilia (17 de abril de 2003), 3: ORP (19 de abril de 2003), 8.

¹⁰ CENTRO CULTURAL JOÃO PAULO II, *No Altar do Mundo*, Washington 2003, p.170.

¹¹ Homilia (31 de março de 1994), 2: ORP (9 de abril de 1994), 2.

¹² Discurso (7 de junho de 1997), 1: ORP (14 de junho de 1997), 17.

¹³ Homilia (4 de abril de 2006), 1: ORP (13 de abril de 1996), 3.

¹⁴ Carta (13 de março de 1994), 1: ORP (26 de março de 1994), 1.

¹⁵ Homilia (4 de abril de 2006), 1 e 3: ORP (13 de abril de 1996), 3ss.

¹⁶ Angelus (29 de maio de 1994), 2: ORP (4 de junho de 1994), 3.

¹⁷ Carta (18 de março de 2005), 3: ORP (26 de março de 2005), 6.

ponto de esconder sua impenetrável santidade debaixo da simplicidade dos sinais de pão e vinho.¹⁸ Sim, Deus despe-se completamente, tornando-se inteira e permanentemente dom, sob as mais pobres aparências de pão e de vinho, de maneira “a doar-se a cada homem como alimento e bebida de salvação.”¹⁹ No sacramento de seu Corpo e Sangue, “[Ele] *Se nos entrega com confiança ilimitada*, como se não tivesse em consideração a nossa fraqueza humana, a nossa indignidade, os nossos hábitos, a rotina, ou até mesmo a possibilidade de ultraje.”²⁰ E foi deste modo que Deus “amou até o fim”. Por esta razão, o Senhor não hesitou em ajoelhar-se diante dos Apóstolos para lavar seus pés:

O próprio Cristo sentiu a necessidade de se humilhar aos pés de seus discípulos; humilhação que d’Ele tanto nos diz naquele momento. Daqui em diante, distribuindo-se a si mesmo na comunhão eucarística, não se abaixará Ele continuamente ao nível de tantos corações humanos? Não irá assim servi-los sempre?²¹

De fato, a Eucaristia é o *sacramento da humildade de Deus*, no qual, o Filho de Deus continua a nos servir (cf. *Mc* 10,45). Na Eucaristia “encontra sua coroação aquele caminho para o homem, que impeliu Jesus a despojar-se dos privilégios da divindade, para tomar a *condição de servo* (cf. *Fl* 2,6-7) ... para tornar-se enfim alimento e bebida da nossa alma em seu caminho espiritual.”²² Verdadeiramente, a Eucaristia é “o *sacramento de Seu despojamento*.”²³

Sacramento da descida de Deus ao homem e da ascensão do homem a Deus

São Paulo lembra aos Coríntios o abnegado amor de Deus: “Vós conheceis a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo. Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza” (*1Cor* 8,9). Isto se aplica, de um modo particular à Eucaristia, pelo qual Cristo confiou à Igreja o *admirável mistério de sua pobreza*, o qual nos faz ricos,²⁴ “o

¹⁸ Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 48.

¹⁹ Homilia (29 de maio de 1997), 1: ORP (31 de maio de 1997), 1.

²⁰ *Redemptor Hominis*, 20.

²¹ Homilia (12 de abril de 1979), 5: ORP (22 de abril de 1979), 6.

²² Angelus (19 de julho de 1981), 2: ORP (26 de julho de 1981), 7.

²³ Homilia (8 de junho de 1980), 3: ORP (15 de junho de 1980), 1.

²⁴ Cf. Carta aos sacerdotes (25 de março de 1988), 8: ORP (3 de abril de 1988), 7.

Sacramento do Pão e do Vinho, das espécies mais pobres que se tornam o nosso tesouro e a nossa maior riqueza.”²⁵

João Paulo II distingue, pois, no mistério da Eucaristia dois aspectos complementares: A Eucaristia é, de um lado, o sacramento no qual Deus esvazia-se e, do outro, o sacramento no qual Ele compartilha sua divina plenitude conosco. O Papa diz que “a pequenina hóstia consagrada é nada no plano do ‘ter’, mas é tudo no plano do ‘ser’: é de fato o Corpo de Cristo... que nos transforma em Si”²⁶. Isto é uma afirmação de grande profundidade! Na Eucaristia, Deus toma a aparência do pão e vinho onde, no outro lado, parece ser “nada”. Este despojamento de Deus, entretanto, é seu maior dom. Pois isto é a fonte da sua auto-doação para nós.²⁷ De fato, nas mais pobres espécies de pão e vinho, Deus Se fez a si mesmo “nada” para nos dar “tudo”, isto é, o dom de si mesmo em sua humanidade e Divindade.

Assim, a suprema *kénosis* (esvaziamento de si mesmo) na Cruz, perpetuada na Eucaristia, torna-se a fonte da nossa *plerosis* (nossa existência preenchida com sua vida divina). Pois “em Cristo, foi Deus que se ‘despojou a si mesmo’ e ‘assumiu a condição de servo até à extrema humilhação da Cruz (cf. *Fl* 2,7), para abrir à humanidade o acesso à intimidade da vida divina.”²⁸ Retomando São Paulo (cf. *Fl* 2,6-11), o Papa João Paulo II descreve este mistério de *kénosis* e *plérosis* que marca a história da salvação em termos de um movimento ascendente e descendente:²⁹

O Apóstolo escreve a respeito de Cristo, dizendo: “*Ele, que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus; mas despojou-Se a Si mesmo tomando a condição de servo, tornando-Se semelhante aos homens*” (*Fl* 2,6-7). O Deus-homem! Deus feito homem. Deus que assume a nossa natureza humana: esta é a *primeira dimensão* do “ser humilhado” e, ao mesmo tempo, é um “levantar-se”. Deus humilhou-se para que o homem pudesse ser levantado. Por quê? Porque “Deus amou de tal modo o mundo”. Porque Ele é Amor!

Por isso o Apóstolo escreve: “[Cristo] *tido pelo aspecto como homem, humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de Cruz*” (*Fl* 2,7-8). Esta é a *segunda ... dimensão* do ser humilhado. É a dimensão

²⁵ Homilia (8 de junho de 1980), 1: ORP (15 de junho de 1980), 1.

²⁶ Discurso (12 de junho de 1988), 6: ORP (31 de julho de 1988), 9.

²⁷ Cf. Homilia (14 de setembro de 1987), 6: ORP (4 de outubro de 1987), 6.

²⁸ Carta (23 de março de 2000), 4: ORP (5 de abril de 2000), 6.

²⁹ Cf. *Dies Domini*, 43.

do ser despojado, que confirma de maneira mais decidida a verdade destas palavras: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu Seu Filho único”. Ele deu. *Este despojamento é em si mesmo o dom. É o maior dom do Pai. Supera todos os outros dons. É a fonte de todo dom.* Nesta humilhação absoluta, neste despojamento, está o princípio e a fonte de todo “levantar-se”, a fonte da elevação da humanidade.³⁰

Na Eucaristia, mais do que em qualquer outro lugar, Deus é aquele que se “esvaziou completamente” (Fl 2,6). Esta é, por assim dizer, a *terceira e definitiva* dimensão do esvaziamento divino. Ele desce até ao homem a ponto de doar-se como comida e bebida. Por isto é que o Evangelho de João, em vez de relatar a instituição da Eucaristia, insiste no lava-pés. Mais que um exemplo de humildade oferecido para nossa imitação, esta ação de Jesus é uma revelação da radical condescendência de Deus para conosco.³¹ A Eucaristia é, pois, “a suprema expressão e celebração do mistério da *kénosis*, ou seja, do despojamento mediante o qual Cristo ‘humilhou-Se a Si mesmo, feito obediente até a morte e morte de cruz’ (Fl 2,8)”³². Por esta razão, o Papa chama a Eucaristia, “o Sacramento da descida de Deus até ao homem, o sacramento da divina condescendência”³³.

Ao mesmo tempo, a Eucaristia é o sacramento da ascensão do homem a Deus, onde Cristo “eleva” a humanidade por Ele redimida em seu retorno ao Pai. É por meio do sacrifício eucarístico que o homem “é enxertado e mergulhado na grande corrente vital da condescendência de Deus e da ascensão humana, sempre ‘per Christum, in Spiritu Sancto, ad Patrem’”³⁴. A humilhação de Cristo na Cruz é precisamente a fonte de nossa elevação, como Ele mesmo disse: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32). De fato, “do fundo da humilhação redentora de Cristo, a humanidade recebe o dom da força para alcançar o ápice do seu próprio ser e destino”³⁵.

Desta forma, a hora de sua suprema humilhação é também a hora de sua maior glorificação. Pois não disse Ele, pensando em sua morte: “Agora,

pois, Pai, glorifica-me junto de ti, concedendo-me a glória que tive junto de ti, antes que o mundo fosse criado” (Jo 17,5)?

Em que sentido, então, sua morte da Cruz, que aos olhos dos homens foi o máximo da humilhação e da desgraça, constitui a maior glorificação de Deus? Devemos levar em conta que *Deus é Amor* (cf. 1Jo 4,8). Amar da maneira infinita e perfeita não é outra coisa senão doar-se sem reservas e sem medida fazendo de si um dom gratuito e total. A hora da paixão é “então a hora do amor, que quer ir ‘até ao fim’, isto é, até ao dom supremo. No seu sacrifício, Cristo revela-nos o *amor perfeito*: não teria podido amar-nos de modo mais profundo!”³⁶. De fato, no sacrifício da Cruz, o amor de ambos, Pai e Filho, revela-se de modo supremo, uma vez que aí, o Pai doa seu Filho de maneira total, a ponto de entregá-lo à morte, e o Filho se doa sem reservas, fazendo-se oferta ao Pai para a salvação do mundo. É desta forma que Deus é maximamente glorificado.

Ora, a Eucaristia é a expressão sacramental deste amor que vai “até o fim”, isto é, até a doação completa. Nela, o Pai continua doando-nos seu Filho, e Cristo segue oferecendo-se como vítima ao Pai a fim de “elevar” a humanidade, levando-a à comunhão com a SS. Trindade.

A celebração da Eucaristia é, pois, marcada por um movimento *ascendente e descendente*, pela humilhação e pela glorificação: O Filho de Deus continua até o fim dos tempos a descer até nós, despojando-se para oferecer-se a nós sob as paupérrimas espécies de pão e vinho. Ao mesmo tempo, por seu despojamento total, Cristo atrai o mundo para Si e o eleva a Deus. O Santo Padre declara: “Verdadeiramente este é o *mysterium fidei* que se realiza na Eucaristia: o mundo saído das mãos de Deus criador volta a Ele redimido por Cristo.”³⁷ Assim sendo, na celebração eucarística, a comunidade cristã

... assume, com renovada consciência, o fato de que todas as coisas foram criadas por meio de Cristo (cf. Col 1,16; Jo 1,3) e n’Ele, que assumindo a forma de servo veio partilhar e redimir a nossa condição humana, aquelas foram recapituladas (cf. Ef 1,10), para serem oferecidas a Deus Pai, de quem todas as coisas têm origem e vida.

Por fim, aderindo com o seu “Amém” à doxologia eucarística, o Povo de Deus encaminha-se, na fé e na esperança, em direção à meta escatológica,

³⁰ Homilia (14 de setembro de 1987), 6: ORP (4 de outubro de 1987), 6.

³¹ Carta (23 de março de 2000), 4: ORP (8 de abril de 2000), 6.

³² *Dies Domini*, 43.

³³ Audiência (13 de junho de 1979), 2: ORP (17 de junho de 1979), 11.

³⁴ Discurso (28 de novembro de 1981), 4: ORP (13 de dezembro de 1981), 10.

³⁵ Homilia (31 de março de 1996), 2: ORP (6 de abril de 1996), 3.

³⁶ Audiência (14 de janeiro de 1998), 5: ORP (17 de janeiro de 1998), 12.

³⁷ *Ecclesia de Eucharistia*, 8.

quando Cristo “entregar o Reino a Deus Pai [...], a fim de que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,24. 28).

Este movimento “ascendente” está presente em toda celebração eucarística tornando-a um evento jubiloso, permeado de reconhecimento e de esperança, mas é particularmente ressaltado na Missa dominical, pela sua especial ligação com a memória da ressurreição. Por outra parte, a alegria “eucarística”, que eleva os nossos “corações ao alto”, é fruto do “movimento descendente” que Deus realizou vindo até nós, e que permanece inscrito para sempre na essência sacrificial da Eucaristia, suprema expressão e celebração do mistério da *kénosis*, ou seja, do despojamento mediante o qual Cristo “humilhou-Se a Si mesmo, feito obediente até a morte e morte de cruz” (Fl 2,8).³⁸

Somos capazes de aceitar um Deus Eucarístico?

O Papa João Paulo II observa que quando Cristo quis lavar os pés de Pedro, ele primeiro recusou: “Nunca lavarás os meus pés!” (Jo 13,8). É como se dissesse: Como pode, o Filho de Deus, comportar-se como um servo? Como pode Ele, Mestre e Senhor, ajoelhar-se aos meus pés e servir-me como um escravo? Pedro, perante Cristo e os doze, defende sua própria concepção de Deus. Deus é o Senhor absoluto, o Ser supremo, seria impossível que quisesse servir aos discípulos, lavando-lhes os pés.

Como Pedro, muitas pessoas não têm dificuldades em aceitar a onipotência de Deus, manifestada na criação e na sua divina Providência. Mas é difícil para muitas outras aceitar o amor divino que se faz nosso servidor. Não podem entender o infinito amor de Deus que não se deixa superar em heroísmo (cf. Fl 2,6-11). Este “heroísmo” do amor alcança seu clímax na Cruz de Cristo, em seu mistério pascal, antecipado na Última Ceia e simbolizado pelo lava-pés. A fim de nos dar uma prova duradoura do seu “heróico” amor, Deus não quis apenas ser pregado na Cruz, mas também tornar-se fraco e indefeso como o pão. Verdadeiramente, “como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou” (Jo 13,1).³⁹ No entanto, será que “o homem é capaz de aceitar um Deus crucificado? [Será que] é capaz de acolher um Deus Eucarístico?”⁴⁰

Em contrapartida, não é o despojamento de Deus na Cruz e na Eucaristia a última conseqüência do seu divino amor, da sua capacidade de amar

³⁸ *Dies Domini*, 42 e 43.

³⁹ Cf. Homilia (8 de dezembro de 1991), 2: ORP (15 de dezembro de 1991), 17.

⁴⁰ Homilia (27 de março de 1986), 5: ORP (6 de abril de 1986), 7.

infinitamente, de se doar sem reserva ou medida? E assim, o Papa João Paulo II descreve como Deus, desde o ato da criação até os extremos da Eucaristia, revela progressivamente a grandeza do seu amor:

Deus é Amor. Como Amor, criou o mundo. Como Amor, criou o homem à Sua imagem e semelhança. Como Amor, fez-se o Deus da Aliança.

Como Amor, fez-se homem: amou de tal modo o mundo que lhe deu Seu Filho único, para que todo homem tenha a vida eterna (cf. Jo 3,16).

Como Amor, quer ir para a Cruz, a fim de remir os pecados do mundo, a fim de estabelecer a nova e eterna aliança “no Seu Sangue”. Como Amor, institui ... a Eucaristia.

O Amor de fato não pretende nada senão o bem que deseja dar. O bem ao qual deseja servir. Por este bem, Ele que é o Onipotente, está disposto a tornar-se fraco como um condenado à morte de Cruz,

Está disposto a tornar-se fraco e indefeso como pão: “Isto é o Meu corpo, que vai ser dado por vós; fazei isto em Minha memória” (Lc 22,19).⁴¹

“Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim façais também vós” (Jo 13,15)

João evangelista, que nos transmitiu a promessa da Eucaristia (cf. Jo 6,51-59), relata-nos também, em conjunto com a Última Ceia, o lava-pés. (cf. Jo 13,1-16). “Por que motivo,” pergunta João Paulo II,

quis ele colocar em vez da narração sobre a instituição da Eucaristia, que se encontra nos outros evangelistas, e também em São Paulo (cf. 1Cor 11,17-34) esta descrição sobre o lava-pés? Ele mesmo nos dá a chave de compreensão, ao situar a cena ... em referência ao amor supremo de Jesus: “Ele levou até ao extremo seu amor por eles” (Jo 13,1) – , e em relação com a exortação a seguir o exemplo que Ele acaba de nos dar: “Se Eu vos lavei os pés, sendo Senhor e Mestre, também vós deveis lavar os pés uns aos outros” (Jo 13,14).⁴²

Com o relato do lava-pés, São João esclarece o sentido mais profundo da Eucaristia. Ele nos faz entender que a *Eucaristia, ela mesma, é um serviço*: o serviço supremo de Deus ao homem. Não disse Jesus: “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pelo resgate de muitos” (Mc 10,45)? Portanto, quando Cristo afirmou no Cenáculo que “este é seu Corpo, o qual será entregue por nós” e que “este

⁴¹ *Ibidem*, 4.

⁴² Homilia (9 de março de 1983), 4: ORP (20 de março de 1983), 13.

cálice é a Nova Aliança em seu Sangue, o qual será derramado por nós” (cf. *Lc 22,19.20*), ele revelou seu maior serviço: *o serviço da Redenção*, no qual ele, o Unigênito e eterno Filho de Deus, tornou-se, no mais completo e mais profundo sentido, *servo do homem*.⁴³ “Com efeito, a paixão e a morte constituem o fundamental *serviço de amor* com o qual o Filho de Deus libertou a humanidade do pecado.”⁴⁴

Este serviço salvífico de Cristo continua perpetuamente na Igreja pelo sacramento do Corpo e Sangue do Senhor e através do sacramento da Penitência. Assim, especialmente na Eucaristia, o Filho de Deus, agora glorificado à direita do Pai, permanece para sempre como o *servo da nossa redenção*.⁴⁵

A Eucaristia, entretanto, não é apenas o supremo serviço que Deus presta ao homem, mas também um convite a seguirmos ao seu exemplo: “Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, façais também vós” (*Jo 13,15*). Desta forma, ele estabeleceu uma relação íntima entre a Eucaristia, sacramento de Seu dom sacrificial, e o mandamento do amor, que nos compromete a acolher e a servir os irmãos e irmãs. Diz o Papa:

“Não podemos separar a participação na mesa do Senhor do dever de amar o próximo. Todas as vezes que participamos na Eucaristia, pronunciamos nós também o nosso “Amém” diante do Corpo e Sangue do Senhor. Desta forma comprometemo-nos a fazer o que Cristo fez, “a lavar os pés” dos irmãos, transformando-nos em imagem concreta e transparente d’Aquele que se despojou “a Si mesmo tomando a condição de servo” (*Fl 2,7*).⁴⁶

Vimos que Jesus uniu estreitamente a Eucaristia ao serviço (cf. *Jo 13,2-16*) pedindo que os discípulos perpetuassem em sua memória não só a “fração do pão”, mas também o serviço do “lava-pés”.⁴⁷ Quem participa da Eucaristia é, pois, chamado a seguir o exemplo de Jesus imitando seu amor no serviço humilde do próximo. Não é, porventura, a Eucaristia “o sacramento do amor e do serviço”?⁴⁸ “Lavar os pés” dos irmãos não significa outra coisa senão tornarmo-nos seus servos humildes e atentos

para colaborarmos na sua salvação. Desta forma proclamaremos com a nossa vida que o Filho de Deus amou os seus “até ao extremo”. João Paulo II nos exorta a pôr em prática tal amor que serve:

A condição para esta comunhão com o Senhor... é aquela *humildade e disponibilidade a servir os outros*, de que nos dá exemplo o próprio Senhor quando se inclina aos pés dos seus discípulos, para lhes lavar como um servo. É necessário, portanto, que a Igreja – onde quer que se reúna, em qualquer cenáculo do mundo – recorde e faça recordar constantemente que as condições para a Comunhão com o Senhor são as seguintes: *a pureza interior e a humildade do coração, disponível a servir o próximo e, no próximo, a servir a Deus*. Ninguém se aproxime desta Ceia com um coração falso, com a consciência pecaminosa, pensando em si mesmo com soberba, sem disponibilidade para servir. “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros: assim como eu vos amei, vós também vos deveis amar uns aos outros” (*Jo 13,34*).⁴⁹

Sacramento do Dom Nupcial de Cristo-Esposo à Igreja, Sua Esposa

Desde as origens, o dom de Deus ao homem é a vida e o amor. Assim, estabeleceu aliança com o povo eleito. No Antigo Testamento, Deus aparece como o esposo de Israel, o povo eleito: “Eu sou o Senhor teu Deus [...] Não terás outros deuses diante de minha face” (*Ex 20,2-3*). Mesmo tendo Israel traído a aliança com Deus, tais momentos de infidelidade, deserção e idolatria nunca extinguiram Seu amor de *Esposo* que “ama até o fim” (cf. *Jo 13,1*).⁵⁰ A confirmação e realização do matrimônio entre Deus e Seu povo concretizou-se em Cristo, na Nova Aliança. Diz o Papa:

É ainda em termos de sponsais que se expressa o mistério: Jesus realiza seu primeiro sinal nas bodas de Cana (cf. *Jo 2,11*); depois o Evangelho deixa entender que o verdadeiro esposo é Ele (cf. *Jo 3,29; Ef 5,31-32*). Jesus vai até ao extremo do amor (*Jo 15,13; 13,1*), sela a Aliança no sangue de Sua cruz e “entrega o Seu Espírito (*Jo 19,30*) à Igreja, Sua Esposa”.⁵¹

A Igreja surge então como o fruto da Aliança consumada: Ela é a noiva que Jesus “comprou por alto preço” (cf. *1 Cor 6,20*), o preço do Seu Sangue: “Este é o meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança que foi derramado por muitos” (*Mc 14,24*). Com efeito, o Mistério Pascal

⁴³ Cf. Carta aos sacerdotes (25 de março de 1995), 7: ORP (8 de abril de 1995), 3.

⁴⁴ Homília (8 de abril de 2004), 1: ORP (10 de abril de 2004), 1.

⁴⁵ Homília (28 de março de 1991), 4: ORP (31 de março de 1991), 5.

⁴⁶ Cf. Homília (28 de março de 2002), 2: ORP (6 de abril de 2002), 6.

⁴⁷ Cf. Mensagem (6 de agosto de 1999), 8: ORP (14 de agosto de 1999), 7.

⁴⁸ Homília (9 de março de 1983), 4: ORP (20 de março de 1983), 13; cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 20.

⁴⁹ Homília (3 de abril de 1980), 2: ORP (13 de abril de 1980), 7.

⁵⁰ Cf. *Carta às famílias*, 19.

⁵¹ Discurso (23 de setembro de 1982), 1: ORP (10 de outubro de 1982), 4.

... revela até o fundo o amor sponsal de Deus. Cristo é o Esposo porque “se entregou a si mesmo”: o seu corpo foi “dado”, o seu sangue foi “derramado” (cf. *Lc 22,19-20*). Deste modo “amou até o fim” (*Jo 13,1*). O “dom sincero” atuado no sacrifício da Cruz ressalta de modo definitivo o sentido sponsal do amor de Deus. Cristo é o Esposo da Igreja, como redentor do mundo.⁵²

A nova e eterna aliança no Sangue do Cordeiro impregna a Eucaristia, o Sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, estendendo-a a todas as gerações. Por ser renovação sacramental do sacrifício da Cruz, cada Missa renova o dom nupcial de Cristo à Igreja: seu Copo ofertado e seu Sangue derramado. A Eucaristia é por isso “o sacramento do esposo e da esposa”, pois “torna presente e de modo sacramental realiza novamente o ato redentor de Cristo, que ‘cria’ a Igreja, seu corpo. Com este ‘corpo’ Cristo está unido como o esposo com a esposa.”⁵³

Tal renovação da Aliança “solicita e estimula os fiéis para a caridade imperiosa de Cristo.”⁵⁴ A Eucaristia aparece, assim, como “fruto do amor; com que o Esposo amou até ao fim; amor que se espalha constantemente, oferecendo aos homens uma participação cada vez maior na vida divina.”⁵⁵ Por esta razão, a Eucaristia é verdadeiramente uma festa nupcial, a antecipação do banquete real, chamado pelo Apocalipse de “banquete das bodas do Cordeiro” (cf. *Ap 19,9*).

Quando lemos, na Carta aos Efésios, que Cristo-Esposo “nutre” a Igreja e “cuida” dela como do seu próprio corpo (cf. *Ef 5,29*), não podemos deixar de relacionar a solicitude sponsal de Cristo sobretudo com o dom do alimento eucarístico.⁵⁶

“De fato, Cristo nutre a Igreja com seu Corpo precisamente na Eucaristia.”⁵⁷ A Igreja, a Esposa de Cristo, está presente em cada fiel cristão. Por isso, cada um recebe o Corpo de Cristo – “o dom que o Esposo divino continuamente faz de Si mesmo à Igreja-Esposa”⁵⁸ – como um dom pessoal:

⁵² *Mulieris dignitatem*, 26.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Sacrosanctum Concilium*, 10.

⁵⁵ *Carta às famílias*, 19.

⁵⁶ Carta (25 de março de 1988), 5: ORP (3 de abril de 1988), 6.

⁵⁷ Audiência (27 de outubro de 1982), 1: ORP (31 de outubro de 1982), 12.

⁵⁸ *Ecclesia de Eucharistia*, 48.

“Isto é o meu Corpo que será entregue por vós”. Como não provar no ânimo uma vibração profunda ao pensar que, ao pronunciar aquele “vós”, Cristo entendia referir-se também a cada um de nós e, em favor de cada um de nós, entregava-se à morte?

E como não devemos sentir-nos intimamente comovidos ao pensar que aquela “oferta do próprio corpo” por nós não é um fato distante, entregue às frias páginas da crônica histórica, mas é um acontecimento revivido também agora, embora de modo incruento, no Sacramento do Corpo e do Sangue, colocados sobre a mesa do altar? Cristo volta a oferecer agora, por nós, o seu Corpo e o seu Sangue, para que sobre a miséria de nossa realidade de pecadores se efunda cada vez mais a onda purificadora da misericórdia divina, e na fragilidade da nossa carne mortal seja depositado o germe da vida imortal.⁵⁹

2. Sacramento do Sacrifício

“Eis o meu Corpo que é dado por vós” (*Lc 22,19*)

Recordemos o que Jesus disse aos Apóstolos na Última Ceia. Primeiro, ele pronunciou estas palavras sobre o pão: “Eis o meu corpo que é dado por vós” (*Lc 22,19*). Depois, sobre o cálice: “Este é o cálice da Nova Aliança no meu Sangue, que será derramado por vós” (cf. *Lc 22,20*). Ao dizer tais palavras, tinha diante de si sua própria morte na Cruz. Precisamente na Cruz é que tais palavras se cumpriram. Aí é que seu Corpo foi dado em sacrifício, e seu Sangue foi derramado para a salvação eterna. Diz o Papa João Paulo II:

Isto aconteceu uma só vez no Calvário, na Sexta-feira Santa. Todavia, no Cenáculo, o que devia cumprir-se na Sexta-feira Santa, o Senhor Jesus instituiu como Santíssimo Sacramento da Igreja sob as espécies do pão e do vinho.

Enquanto, pois, o sacrifício cruento na cruz, se cumpriu uma vez para sempre, o Sacramento deste Sacrifício, sob as espécies do pão e do vinho, deve cumprir-se na Igreja continuamente, todos os dias, e de geração em geração. O Senhor Jesus disse aos Apóstolos no Cenáculo: “Fazei isto em Minha memória” (*Lc 22,19*). “Fazei isto” – quer dizer: *repeti e renovai o sacrifício do meu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho*.⁶⁰

⁵⁹ Homilia (2 de junho de 1983), 2: ORP (12 de junho de 1983), 1.

⁶⁰ Homilia (13 de junho de 1987), 4: ORP (5 de julho de 1987), 6.

É por isso que o Papa João Paulo II chama a Eucaristia de *Sacramento do Sacrifício*. De fato, no Cenáculo, Jesus instituiu o *Sacramento do Sacrifício*, sinal de uma realidade que ainda estava por se desdobrar numa série de acontecimentos. As palavras, com que é instituída a Eucaristia, não apenas anteciparam o que viria a ser realizado no dia seguinte, mas também sublinham expressamente o fato de que essa realização já próxima possuía o *significado e o alcance de um sacrifício*.⁶¹

O Papa observa que, instituindo a Eucaristia, Jesus

... não se limitou a dizer “isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”, mas acrescenta: “entregue por vós” (...) “derramado por vós” (Lc 22,19-20). Não se limitou a afirmar que o que lhes dava a comer e a beber era o seu corpo e o seu sangue, mas exprimiu também o seu *valor sacrificial*, tornando sacramentalmente presente o seu sacrifício, que algumas horas depois realizaria na cruz pela salvação de todos.⁶²

Deste modo, na Última Ceia, o Senhor pôs nas mãos dos Apóstolos e da Igreja, o *verdadeiro sacrifício*.

O corpo, torturado até a morte na cruz, junto com o sangue derramado como sinal da Nova e Eterna Aliança, se tornou o maior sacramento da Igreja, “o *Sacramento da redenção do homem e do mundo*”⁶³. Aquilo que, no momento de sua instituição, foi uma antecipação real da realidade sacrificial do Calvário, tornou-se “o *memorial*” que *perpetua de uma maneira sacramental esta mesma realidade redentora*. Eis porque a primeira Missa na Quinta-feira Santa foi uma verdadeira antecipação do sacrifício da Cruz, enquanto que toda Missa depois da Sexta-feira Santa é uma participação real nele. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, o memorial da morte e ressurreição do Senhor, este evento central da salvação, torna-se realmente presente, e *exerce-se a obra de nossa redenção*.⁶⁴ O Papa diz:

Na mesa eucarística, *torna-se de novo presente o sacrifício de Cristo*, mistério de amor, fulcro⁶⁵ da vida de cada crente e de todo povo de Deus. A Eucaristia é o dom supremo que o Salvador nos deixou; devemos haurir dela como da *fonte de salvação perene*.⁶⁶

⁶¹ Cf. Carta aos sacerdotes (13 de abril de 1987), 2: ORP (19 de abril de 1987), 6.

⁶² *Ecclesia de Eucharistia*, 12.

⁶³ Angelus (8 de junho de 1980), 1: ORP (15 de junho de 1980), 1.

⁶⁴ Cf. *Lumen Gentium*, 3.

⁶⁵ Significa “cerne”, “âmago”.

⁶⁶ Homilia (18 de setembro de 1994), 5: ORP (24 de setembro de 1994), 7.

A Eucaristia, enquanto renovação sacramental do sacrifício da Cruz, constitui o *ponto culminante da obra redentora*: ela proclama e atualiza aquele Mistério, que é fonte de vida para todo o homem. Com efeito, todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos a morte do Senhor até que venha (cf. *1Cor 11,26*)...

Poder vivificante da morte de Cristo! Força purificadora do Sangue de Cristo, que obtém a remissão dos pecados para os homens de todos os tempos e lugares. Sublimidade do Sacrifício redentor, no qual encontram cumprimento todas as vítimas da lei antiga! Este mistério de amor, “incompreensível para o ser humano”, *oferece-se todo inteiro no sacramento da Eucaristia*.⁶⁷

“Ele tomou o pão, o partiu e o deu a eles” (cf. *Mc 14,22*)

Em toda celebração Eucarística, a ação da Última Ceia é proposta novamente: “*Ele tomou o pão, o partiu e deu a eles*” (cf. *Mc 14,22*). Repartindo o pão e distribuindo-o, Jesus desejou representar seu próprio sacrifício para a salvação do mundo”.⁶⁸ Foi no Calvário, onde Ele, o pão vivo descido do céu, operou na nossa terra a *fração do pão por excelência*, estendendo livremente as mãos sobre a Cruz a fim de destruir a morte e conduzir à vida. Sim, a verdadeira fração do pão não é senão o sacrifício da Cruz, o qual Cristo ofereceu pela nossa salvação.

Infelizmente muitos Católicos não são conscientes da dimensão sacrificial da Eucaristia. Eles vêem na “fração do pão” nada mais do que um símbolo de fraternidade e partilha. De fato, nos tempos atuais, tem-se infiltrado na Igreja uma compreensão redutiva da Missa considerando-a apenas um banquete fraternal. Contra esta tendência, o Papa João Paulo II apresenta a centralidade do sacrifício de Cristo na Missa.⁶⁹ Diz ele:

A dramaticidade do sacrifício eucarístico de Cristo ... não permite uma sua redução a simples encontro de convívio, mas permanece sempre como sinal de contradição e, depois, de verificação da nossa conformidade à radicalidade da sua mensagem, seja em nosso relacionamento com Deus, seja com os outros irmãos.⁷⁰

Indicando a ligação intrínseca e essencial que existe entre a Missa e o sacrifício da Cruz, o Papa declara:

⁶⁷ Homilia (1 de abril de 1999), 2 e 3: ORP (10 de abril de 1999), 3.

⁶⁸ Cf. Angelus (12 de julho de 1981), 2: ORP (19 de julho de 1981), 1.

⁶⁹ Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 12 e 13.

⁷⁰ Discurso (18 de janeiro de 2002), 3: ORP (26 de janeiro de 2002), 6.

O sacrifício da Cruz é tão decisivo para o futuro do homem, que não o terminou Cristo nem voltou Ele ao Pai, senão depois de nos ter deixado o meio de *nele tomarmos parte como se nele tivéssemos estado presentes...* Por isso, antes de subir ao Calvário, Cristo quis, no silêncio sagrado do Cenáculo, reservar tempo para uma fração ritual do pão.⁷¹

Ele a celebrou com os Apóstolos e os exortou para a renovarem em Sua memória até o dia em que Ele retornaria para inaugurar “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1). Sobre o pão e o cálice com vinho, ele então realizou os gestos e pronunciou as palavras que, através do ministério dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, e dos sacerdotes, seus auxiliares, tem sido renovados através dos séculos para nos dar acesso ao sacrifício de Cristo. Sim, na Santa Missa, enquanto renovação do sacrifício da Cruz, Jesus está presente de um modo sacrificial. É por isso que “ir à Missa significa ir ao Calvário para nos encontrarmos com Ele, nosso Redentor”.⁷²

Ainda se deveria perguntar: Se ir à Missa significa de fato ir ao Calvário, então em que consiste a diferença entre o sacrifício da Cruz e a Santa Missa? Temos que distinguir entre o evento e o sacramento. A Santa Missa é o “memorial” do que ocorreu no Calvário, o único e irrepitível sacrifício da Cruz. Ao mesmo tempo, ela é também o sacramento que o torna presente *em sua profundidade e potência originária*.⁷³ A Missa não é, pois, um outro sacrifício ao lado do sacrifício da Cruz, nem o faz se multiplicar. Ela é, ao contrário, a celebração sacramental do único sacrifício do Calvário:

A Missa e a Cruz são apenas *um só e mesmo sacrifício* (cf. *Dominicae Cenaes*, 9). Todavia, a fração eucarística do pão tem papel essencial, o de colocar à nossa disposição a oferta primordial da Cruz. *Torna-a atual hoje* para a nossa geração. Tornando realmente presentes o Corpo e o Sangue de Cristo sob as espécies do pão e do vinho, ela torna – com isso mesmo – atual e acessível à nossa geração o Sacrifício da Cruz, que fica sendo na sua unicidade, o eixo da história da salvação, a articulação essencial entre o tempo e a eternidade. A Eucaristia é assim na Igreja instituição sacramental que, a cada etapa, “substitui” o Sacrifício da Cruz, lhe oferece uma presença ao mesmo tempo real e ativa. Assim pode ela manifestar a cada época o seu poder de salvação e de ressurreição.⁷⁴

⁷¹ Mensagem (13 de julho de 1981), 2: ORP (26 de julho de 1981), 6.

⁷² Audiência (8 de novembro de 1978), 2: ORP (12 de novembro de 1978), 12.

⁷³ Cf. Homilia (28 de março de 1991), 3: ORP (31 de março de 1991), 5.

⁷⁴ Mensagem (13 de julho de 1981), 2: ORP (26 de julho de 1981), 6.

Celebrando a Eucaristia, a Igreja vive continuamente do sacrifício redentor. Na Santa Missa, nós não apenas nos lembramos do sacrifício da Cruz, mas entramos em um contato atual com ele. Pois “na sagrada Eucaristia, celebramos a *presença sempre nova e ativa do único sacrifício da Cruz*, na qual *a redenção é um acontecimento eternamente presente*.”⁷⁵ O Santo Padre tem uma viva consciência da misteriosa “contemporaneidade” entre o sacrifício do Calvário e o sacrifício da Missa. Em sua encíclica sobre a Eucaristia, ele nos dá este testemunho pessoal:

Há mais de meio século todos os dias, a começar daquele 2 de Novembro de 1946 quando celebrei a minha Missa Primicial na cripta de S. Leonardo na catedral do Wawel, em Cracóvia, os meus olhos concentram-se sobre a hóstia e sobre o cálice onde o tempo e o espaço de certo modo estão “contraídos” e o drama do Gólgota é representado ao vivo, desvendando a sua misteriosa “contemporaneidade”.⁷⁶

Então, numa celebração em Genebra, ele lembrou aos fiéis que a Missa é de fato o memorial vivo do único sacrifício do Calvário:

Como todas as celebrações eucarísticas, esta, que tenho a alegria e a graça de presidir no meio de vós, é com efeito a *atualização do sacrifício único* do Senhor Jesus *através do tempo e do espaço*: celebração realizada num ponto do globo mas que se repete em benefício de toda a humanidade. Cristãos, ... tomemos juntos consciência dos efeitos extraordinários e misteriosos desta Eucaristia..., da irradiação invisível da oferta sacramental da vida, morte e ressurreição do Senhor.⁷⁷

“Fazei isso em memória de mim” (Lc 22,19)

Depois de ter instituído o Sacramento de Seu Corpo e Sangue durante a Ceia, Jesus disse aos Apóstolos: “Fazei isto em memória de mim!” (Lc 22,19). Fiel ao mandamento do Senhor, a Igreja assim o fez desde o início, desde os tempos apostólicos. Ela o continua fazendo hoje e continuará a fazê-lo até o fim dos tempos, até a volta de Cristo: “Anunciai a morte do Senhor até que Ele venha” (1Cor 11,26).⁷⁸

Passam os dias, os anos, os séculos, mas não passa este gesto santíssimo no qual Jesus condensou todo seu o seu Evangelho de amor. Ele não deixa de

⁷⁵ Meditação (1 de junho de 1980), 4: ORP (15 de junho de 1980), 12.

⁷⁶ *Ecclesia de Eucharistia*, 59.

⁷⁷ Homilia (15 de junho de 1982), 1: ORP (27 de junho de 1982), 7.

⁷⁸ Cf. Homilia (12 de junho de 1988), 4: ORP (26 de junho de 1988), 7.

se oferecer a Si mesmo, cordeiro imolado e ressuscitado, para a salvação do mundo.⁷⁹

Na comunidade da Igreja, é o sacerdote que realiza de maneira particular o mandamento de Cristo: “*Fazei isto em memória de mim!*” Com efeito, é o sacerdote que oferece o sacrifício eucarístico. O sacerdote é o *ministro da Eucaristia*. O sacerdócio e a Eucaristia são inseparáveis. “*Não há sacerdócio sem Eucaristia. Não existe sacrifício eucarístico sem sacerdócio*”⁸⁰, diz o Papa.

“*Fazei isto*”. Cristo, o Senhor, não diz apenas “anunciai” ou “narrai”. Antes, diz: *fazei*. Esta palavra é decisiva. *O sacerdócio é um sacramento de ação*. É o *sacramento do ato salvífico e redentor de Cristo*, um ato de que encarregou os apóstolos no Cenáculo. Por meio da sucessão apostólica, este ato foi confiado às mãos dos bispos e sacerdotes. Por isso é tarefa do sacerdote realizar a ação de Cristo em sua memória. Por meio de seu sagrado ministério, a ação mesma de Cristo se torna presente: sua morte e ressurreição, seu mistério pascal, do qual a Igreja, o Corpo de Cristo, incessantemente nasce, vive e cresce. O sacerdote é, pois, o *ministro do supremo e sacratíssimo Mistério*.⁸¹ O Santo Padre recorda a cada padre que

... é ele que, pela faculdade recebida na Ordenação sacerdotal, realiza a consagração; é ele, com o poder que lhe vem de Cristo, do Cenáculo, que pronuncia: “Isto é o meu Corpo que será entregue por vós”; “este é o cálice do meu Sangue, [...] que será derramado por vós”. O sacerdote pronuncia estas palavras ou, antes, *coloca a sua boca e a sua voz à disposição d’Aquele que as pronunciou no Cenáculo* e quis que fossem repetidas de geração em geração por todos aqueles que, na Igreja, participam ministerialmente do seu sacerdócio.⁸²

“Consciente dos próprios limites, o sacerdote, ao celebrar a Missa, experimenta sempre *um dom que o supera infinitamente*.”⁸³ Pois é ele quem assume na comunidade o lugar de Cristo, o único Sumo-sacerdote. O Papa João Paulo II enfatiza que

... o ministério sagrado [dos sacerdotes] é indispensável para significar

que a “*fração do pão*” realizada por eles é dom recebido de Cristo que *ultrapassa radicalmente o poder da assembléia*; é insubstituível para ligar validamente a consagração eucarística ao Sacrifício da Cruz e à Ceia (cf. *Dominicae Cenaee*, 9).⁸⁴

Em sua Carta aos Sacerdotes na Quinta-feira Santa de 1979, João Paulo II escreveu:

Pensai todos naqueles lugares onde os homens esperam com ansiedade por um sacerdote, e onde há muitos anos sentindo a falta deste, não cessam de suspirar pela sua presença. E até acontece, por vezes, que eles se reúnem nalgum santuário abandonado e colocam sobre o altar a estola ainda conservada e recitam todas as orações da Liturgia eucarística; e então, no momento que corresponderia à transubstanciação, desce sobre eles um silêncio profundo, quicá interrompido por um choro incontido... tão ardentemente desejam ouvir *aquelas palavras que só os lábios de um sacerdote podem eficazmente pronunciar!* E quão vivamente eles desejam a Comunhão eucarística, da qual se podem tornar participantes *somente em virtude do ministério sacerdotal*.⁸⁵

O Santo Padre nos exorta, pois, a acolher o ministério sacerdotal com respeito e gratidão, e para rezar a fim de que a Igreja nunca careça de sacerdotes, sim, santos sacerdotes:

Oxalá sempre haja em cada comunidade um sacerdote que celebre a Eucaristia! Por isso peço ao Senhor que faça florescer... numerosas e santas vocações ao sacerdócio. A Igreja precisa de quem celebre hoje também, com coração puro, o Sacrifício Eucarístico. O mundo tem necessidade de não ficar privado da doce e libertadora presença de Jesus vivo na Eucaristia!⁸⁶

Sejam muitos a ouvir o chamamento do “Senhor da messe”, e a pronunciar com Maria o *Fiat* generoso da sua resposta a Deus. Peçamos à Virgem Maria que interceda junto do Seu Filho, em favor de numerosos e zelosos ministros da Eucaristia para a Igreja.⁸⁷

⁷⁹ Homilia (30 de maio de 2002), 3: ORP (1 de junho de 2002), 16.

⁸⁰ Angelus (1 de junho de 1997), 3: ORP (7 de junho de 1997), 6.

⁸¹ Cf. Homilia (10 de junho de 1987), 2: ORP (21 de junho de 1987), 7.

⁸² *Ecclesia de Eucaristia*, 5.

⁸³ Homilia (1 de novembro de 1993), 2: ORP (7 de novembro de 1993), 1.

⁸⁴ Mensagem (13 de julho de 1981), 3: ORP (26 de julho de 1981), 6.

⁸⁵ Carta (12 de abril de 1979), 10: ORP (15 de abril de 1979), IV.

⁸⁶ Homilia (20 de agosto de 2000), 5: ORP (26 de agosto de 2000), 4.

⁸⁷ Angelus (1 de junho de 1997), 3: ORP (7 de junho de 1997), 6.

3. O Sacramento que nos torna Hóstias vivas em Cristo

“Oferecei-vos como hóstias vivas” (Rm 12,1)

O mandamento de Cristo, “Fazei isto em memória de mim!” refere-se não apenas à celebração sacramental da Eucaristia, onde o sacerdote, ao repetir “*in persona Christi*”, as palavras e gestos de Cristo, pelo poder do Espírito Santo, torna presente o mesmo sacrifício oferecido por Cristo na Cruz. Ele refere-se também à vida do padre que, como “*alter Christus*” (outro Cristo), é o primeiro a se oferecer a si mesmo com Cristo, Sacerdote e Vítima, pela salvação de seus irmãos. “*Cristo é sacerdote porque é o Redentor do mundo*”, diz o Papa. “No mistério da Redenção insere-se o sacerdócio de todos os presbíteros.”⁸⁸

É por esta razão que, para cada sacerdote, as palavras da instituição, “este é meu Corpo, este é o cálice do meu Sangue”, devem ser mais do que uma fórmula de consagração, devem ser uma “*fórmula de vida*”.⁸⁹ Para o Papa João Paulo II, as palavras veneráveis da consagração, que ele repetiu diariamente enquanto a assembleia litúrgica ficava em silêncio, foram realmente palavras que moldaram sua vida de união profunda com Cristo, Sacerdote e Vítima, e com todos que participam, de modo ministerial, no único sacerdócio de Cristo. A alguns bispos reunidos em Roma, ele confidenciou certa vez:

Eu, servo dos servos de Deus, aproveitando idealmente o momento em que, na anáfora eucarística, proferis o meu nome e serviço eclesial, aproximo-me de cada celebrante e, com um afetuoso abraço, lhe digo: “obrigado porque fizestes nascer sacramentalmente Jesus. Agora que nasceu nas tuas mãos quando O chamaste ‘meu Corpo’ e ‘meu Sangue’, não esqueças de nenhum dos filhos e filhas que, por Ele e n’Ele, geraste para nosso Deus e Pai! *Em nada e por nada, renegues aquilo que livremente escolheste ser e és: ‘corpo entregue’, ‘sangue derramado (...) para a remissão dos pecados.*”⁹⁰

Desta forma, o Santo Padre recorda aos ministros ordenados que eles não devem apenas celebrar a Eucaristia, mas também vivê-la. Tudo aquilo que o serviço do sacerdote implica no cumprimento das tarefas quotidianas, é como que uma *tradução da Eucaristia*: Jesus apresenta-se aos

homens e, por amor, é repartido entre eles.⁹¹ Por meio da caridade pastoral, o sacerdote deve imitar a doação e o serviço eucarístico de Cristo. As palavras “*fazei isto em minha memória*” falam ao seu coração com íntima eloquência. Na Eucaristia, ele reconhece o sacramento vivo da graça de Cristo e, por isso, sente que não tem outra coisa a fazer senão oferecer-se a si mesmo em troca.⁹² O Papa encoraja, pois, os sacerdotes a unirem à celebração do sacrifício de Cristo o compromisso de imitar Seu amor sem limites:

Jesus deixa nas nossas débeis mãos a sua imolação de Bom Pastor, o preço das almas, a garantia da glória de Deus e da salvação do mundo. Não vale, pois, a pena, aceitar *qualquer sacrifício e renúncia* para ser, em troca, *conseqüente com este amor, que se dá inteiramente* e, por isso, pode exigí-lo todo?⁹³

“[Ser] um santo sacerdócio para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Cristo” (IPe 2,5)

As palavras de Cristo, “Fazei isto em memória de mim”, dizem respeito a ambos, ao ministério sacerdotal e à comunidade toda dos fiéis enquanto “povo sacerdotal”. De fato, “não é só o sacerdócio ministerial que está intimamente ligado à Eucaristia; também o sacerdócio comum de todos os batizados se radica neste mistério.”⁹⁴ Quais são, então, os papéis específicos do sacerdote e do fiel, comparados um ao outro?

João Paulo II assinala que o papel do sacerdote não elimina, antes *promove* o papel do fiel enquanto participante no sacrifício eucarístico:

O sacerdote, como administrador dos “mistérios de Deus”, está *ao serviço do sacerdócio comum dos fiéis*. É ele que, anunciando a Palavra e celebrando os Sacramentos, especialmente a Eucaristia, torna mais consciente todo o povo de Deus da sua participação no sacerdócio de Cristo, e simultaneamente o impele a realizá-lo plenamente.⁹⁵

Lemos no Decreto *Presbyterorum Ordinis*: “Ensinam os presbíteros os fiéis a oferecer a divina vítima no Sacrifício da Missa a Deus Pai e a fazer

⁸⁸ *Dom e Mistério*, p. 92.

⁸⁹ Carta (18 de março de 2005), 1: ORP, (26 de março de 2005), 6.

⁹⁰ Discurso (20 de março de 1999), 2: ORP (27 de março de 1999), 6.

⁹¹ Cf. Discurso (17 de março de 1998), 2: ORP (4 de abril de 1998), 9.

⁹² Cf. Homilia (14 de junho de 1998), 3: ORP (27 de junho de 1998), 14.

⁹³ Homilia (8 de maio de 1988), 3: ORP (15 de maio de 1988), 8.

⁹⁴ *Dom e Mistério*, p. 89.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 90.

com ela o oferecimento de sua vida.”⁹⁶ Eles têm que unir-se ao povo de Deus “de forma que todos que fazem parte deste povo... se ofereçam a si mesmos como ‘hóstia viva, santa, agradável a Deus’ (Rm 12,1)”⁹⁷. Embora o padre e o fiel tenham, por um lado, papéis diferentes na celebração eucarística, por outro estão unidos a “oferecerem a Deus a Vítima Divina e com Ela a si mesmos”⁹⁸. A propósito, comenta o Santo Padre:

É precisamente este Sacrifício da nossa Redenção, que oferecemos à Santíssima Trindade juntamente com toda a Igreja. *Toda a Igreja oferece-o*, quando um sacerdote, um bispo ou o Papa celebram a Eucaristia. De outra parte, ao renovarmos de modo incruento – sob as espécies do pão e do vinho – o Sacrifício de Cristo na Cruz, oferecemos a Deus mesmo “por Cristo, com Cristo e em Cristo”, todos os homens e toda a criação: o mundo inteiro.⁹⁹

Esta é uma verdade muito importante, que vai ao coração mesmo da Eucaristia enquanto sacramento do amor redentor de Cristo. A Eucaristia é, simultaneamente, o sacrifício de Cristo e o sacrifício da Igreja, pois nele Cristo faz a Igreja participar em seu próprio oferecimento. Isto é concisamente expresso na Liturgia Eucarística:

Olhai, [Senhor], com bondade, o sacrifício que *destes à vossa Igreja* e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo *um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória. (Prece Eucarística IV).*

De fato, Cristo quis que este seu sacrifício pudesse ser continuamente oferecido de modo a associar a ele toda a comunidade cristã. Na Santa Missa, recebemos, pois, o santo sacrifício de Cristo como propriamente nosso e “a ele unimos” nossas vidas em oferta sacrificial. Em conseqüência, “celebrar a Eucaristia significa testemunhar a própria disponibilidade para se sacrificar pelos outros, como Ele fez”¹⁰⁰. Cristo espera de seu povo sacerdotal uma participação ativa em seu sacrifício. Diz o Papa:

Jesus entrega-se como Pão “partido” e como Sangue “derramado”, para que todos possam “*ter vida e vida em abundância*” (cf. Jo 10,10). Ele se oferece a si mesmo pela salvação de toda a humanidade. Participar no seu banquete sacrificial não comporta somente repetir o gesto por Ele levado

⁹⁶ *Presbyterorum Ordinis*, 5.

⁹⁷ *Ibidem*, 2.

⁹⁸ *Lumen Gentium*, 11.

⁹⁹ Homilia (21 de março de 1982), 3: ORP (28 de março de 1982), 1-2.

¹⁰⁰ Homilia (20 de agosto de 2000), 5: ORP (26 de agosto de 2000), 4.

a cabo, mas também *beber do seu cálice e participar na sua própria imolação*. Assim como Cristo se faz “pão partido” e “sangue derramado”, também cada cristão... é chamado a dar a vida pelos irmãos, em união com a do Redentor.¹⁰¹

Como é importante, portanto, que tomando parte na Eucaristia, nós assumamos uma *atitude pessoal de oferta*. Não é suficiente escutarmos a palavra de Deus, nem rezarmos junto com a comunidade. É necessário que façamos nossa, a oferta de Cristo, oferecendo com Ele e n’Ele os nossos sofrimentos, dificuldades, provações, e mais ainda, a nós mesmos inteiramente, a fim de elevar estes nossos dons até o Pai, junto com a que Cristo faz de si mesmo.¹⁰²

João Paulo II diz:

A Igreja tem necessidade de homens e mulheres que façam de sua vida, como ele, um dom sem reservas ao Senhor; que não se deixem seduzir pelo fascínio das atrações inconstantes do mundo; saibam imolar-se a si mesmos, unindo o seu sacrifício ao de Jesus, para que “tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).¹⁰³

E então se volta para o Senhor:

Ó Cristo Salvador, nós Vos damos graças pelo Vosso sacrifício redentor, única esperança dos homens!... Incuti no coração dos batizados o desejo de se oferecerem convosco e de se comprometerem pela salvação dos seus irmãos!¹⁰⁴

“Este é o Sangue derramado para o perdão dos nossos pecados” (cf. Mt 26,28)

Sempre que a Missa é celebrada, Jesus se oferece em sacrifício ao Pai, em união conosco e em nosso favor “*para a remissão de nossos pecados*” (cf. Mt 26,28). A Eucaristia é, pois, o *sacramento da vitória do Redentor* sobre o mal do mundo, o sacramento que, pelo poder salvífico do amor redentor de Cristo, põe um freio ao desencadear-se das forças do pecado.

Nota o Papa:

Todas as vezes que na Missa são pronunciadas as palavras da consagração, e o corpo e sangue do Senhor se tornam presentes no ato do sacrifício, está

¹⁰¹ Mensagem (2 de fevereiro de 2005), 2: ORP (5 de fevereiro de 2005), 12.

¹⁰² Cf. Audiência (1 de junho de 1983), 2: ORP (5 de junho de 1983), 12.

¹⁰³ Homilia (21 de junho de 1992), 6: ORP (12 de julho de 1992), 5.

¹⁰⁴ Mensagem (13 de julho de 1981), 3: ORP (26 de julho de 1981), 7.

também presente o *trunfo do amor sobre o ódio, e da santidade sobre o pecado*. Toda celebração eucarística é mais forte do que todo mal do universo; significa um *cumprimento real, concreto da redenção*, e uma reconciliação cada vez mais profunda da humanidade pecadora com Deus, na perspectiva de um mundo melhor.¹⁰⁵

Enquanto sacramento da vitória do bem sobre o mal, do amor sobre o ódio, a Eucaristia “nos esclarece sobre a origem do amor”, observa o Santo Padre. “O amor vem não só do exemplo de Cristo, mas da caridade – ‘*ágape*’ – que procede do Pai, se manifesta no Filho e se difunde pelo Espírito Santo.”¹⁰⁶ Realmente, “Deus é amor” (cf. *1Jo* 4,9). Ele é a fonte do amor. Porém, para termos acesso a esta fonte do amor divino,

... foi necessário que o pecado, o muro de orgulho, de egoísmo e de ódio, fosse abolido pelo sacrifício do Justo, pelo amor do Filho. A Missa faz-nos participar, no plano sacramental, nesta libertação. É preciso que voltemos para a fonte. *É preciso que nos convertamos*. Não há religião autêntica, nem justiça ou caridade cristãs, *sem esta conversão*, que é ruptura com o pecado, adesão ao seu sacrifício, e comunhão do seu Corpo entregue e do seu Sangue derramado. É a este preço que os cristãos adquirem o dinamismo do Evangelho para construir um mundo novo; que eles se tornam progressivamente como *ostensórios de Deus, do seu amor trinitário*, através das lutas não violentas em favor do reino da justiça.¹⁰⁷

A Eucaristia é, pois, “a fonte de nossa purificação”¹⁰⁸, um antídoto para o egoísmo.

Sem o alimento espiritual que provém do Corpo e do Sangue de Cristo, o amor humano permanece sempre desvirtuado pelo egoísmo. Todavia a comunhão com o Pão celeste converte os corações e infunde neles a capacidade de *amar como Jesus nos amou*.¹⁰⁹

Eis porque a Eucaristia é um grande *chamado à conversão*, o lugar onde podemos “verificar nossa conformidade com a radicalidade da mensagem de Cristo seja nos confrontos com Deus seja com os outros irmãos”¹¹⁰. Se a recebermos neste espírito, ela produzirá em nós abundantes frutos

e transformará nossas vidas. Ela nos transformará em “homens novos”, em “novas criaturas” (cf. *Gl* 6,15; *Ef* 2,15; *2Cor* 5,17). Ela nos ajudará a “não sermos vencidos pelo mal, mas a vencer o mal com o bem” (cf. *Rm* 12,21), de tal maneira que em nós o amor triunfe sobre o ódio, o zelo sobre a indiferença.

Atento à palavra de São Paulo, “*Cada um examine a si próprio, e então coma deste pão e beba deste cálice*” (*1Cor* 11,28), o Santo Padre salienta que, antes de participar na Liturgia da Eucaristia, devemos primeiro escutar a voz do Senhor na Liturgia da Palavra, que nos chama à conversão, e responder a este chamado:

Conversão significa entrar no íntimo de si mesmo para encontrar-se no profundo da consciência, e então voltar-se, cheio de fé, ao Pai... A primeira parte da celebração eucarística sempre nos conduz à consideração desta verdade. No início da Missa, nos recolhemos em silêncio. Este silêncio proporciona a “conversão” de nossos corações... Tal conversão torna-se quase que o ritmo natural de nossa vida, quase que o contínuo respirar de nossas almas. Vivamos nessa atenção. Vivamos continuamente esta conversão... A Igreja é o Corpo de Cristo; assim é e também se tornará. *A Igreja torna-se o Corpo de Cristo* na medida mesma da conversão dos corações.¹¹¹

Eis porque o *sacramento da Penitência* é tão importante na vida de todos os cristãos. “Cristo, que convida para o banquete eucarístico, é sempre o mesmo Cristo que exorta à penitência, que repete o ‘convertei-vos’.”¹¹² De fato,

o apelo à conversão na Eucaristia une a Eucaristia ao outro grande sacramento do amor de Deus, o Sacramento da Penitência. Todas as vezes que recebemos o Sacramento da Penitência ou Reconciliação, recebemos o perdão de Cristo e sabemos que este perdão nos vem por meio dos méritos de Sua morte – aquela morte que celebramos na Eucaristia. No sacramento da reconciliação, somos todos convidados a encontrar Cristo pessoalmente deste modo, e a recebê-lo frequentemente.¹¹³

Por esta razão, o Santo Padre nos pede “para ter em particular consideração este sacramento... [pois] o apelo à conversão e ao arrependimento vem de Cristo e sempre nos leva a Cristo na Eucaristia.”¹¹⁴

¹⁰⁵ Audiência (1 de junho de 1983), 2: ORP (5 de junho de 1983), 12.

¹⁰⁶ Homilia (15 de junho de 1982), 5: ORP (27 de junho de 1982), 7.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ Homilia (28 de setembro de 1997), 5: ORP (4 de outubro de 1997), 7.

¹⁰⁹ Angelus (17 de junho de 2001), 2: ORP (23 de junho de 2001), 1.

¹¹⁰ Discurso (18 de janeiro de 2002), 3: ORP (26 de janeiro de 2002), 6.

¹¹¹ Homilia (11 de dezembro de 1986), 3: ORP (28 de dezembro de 1986), 7.

¹¹² *Redemptor Hominis*, 20.

¹¹³ Homilia (29 de setembro de 1979), 6: ORP (7 de outubro de 1979), 3.

¹¹⁴ *Ibidem*.

“Junto à Cruz de Jesus estava sua Mãe” (cf. Jo 19,25)

Os Evangelhos silenciam sobre a presença de Maria no Cenáculo quando Jesus instituiu a Eucaristia na Quinta-feira Santa. Porém, sua presença não pode ser excluída por duas razões: primeiro, de acordo com Jo 19,27, Maria estava em Jerusalém exatamente naqueles dias; e em segundo lugar, segundo o costume judeu da ceia pascal, cabia à mãe de família acender as velas. Pode ser então que tenha sido Maria que cumpriu esta tarefa na Ceia.¹¹⁵ O Papa João Paulo, corretamente, observa:

Embora não se fale de Maria na liturgia da Quinta-feira Santa – mas encontramos-na na Sexta-feira Santa ao pé da Cruz com o apóstolo João –, *é difícil não pressentir a sua presença na instituição da Eucaristia, antecipação da paixão e morte do Corpo de Cristo, daquele Corpo que o Filho de Deus tinha recebido da Virgem Mãe, no momento da Anunciação.*¹¹⁶

Embora não nos possamos certificar se Maria estava presente na instituição da Eucaristia, estamos absolutamente certos de que ela tornou-se uma testemunha especial da *realidade que o sacramento da Eucaristia recorda, torna presente e efetua sempre de novo*, o sacrifício redentor de Cristo. O Concílio ensina:

Assim a Beata Virgem Maria avançou em peregrinação de fé. *Manteve fielmente sua união com o Filho até à cruz*, onde esteve não sem desígnio divino... E *com ânimo materno se associou ao Seu sacrifício*, consentindo com amor na imolação da vítima por ela mesma gerada.¹¹⁷

Junto à Cruz de Jesus estava sua mãe (cf. Jo 19,25) e *uma espada atravessou seu coração* (cf. Lc 2,35). A realidade do sacrifício – “*res sacramenti*” – e o Coração da Mãe trespassado pela espada da dor, junto da Cruz! A Igreja sempre sentiu este vínculo profundo e quis próxima de si a Mãe de Deus, nos caminhos da sua peregrinação eucarística mediante a fé.¹¹⁸

É por isso que, desde os tempos antigos, a comemoração da Virgem Maria tem sido parte da celebração eucarística. O Papa João Paulo II declara que Maria, uma vez que esteve associada de modo singular a Cristo no evento salvífico, o sacrifício da Cruz, está também presente

em sua celebração litúrgica, o sacrifício eucarístico: “está junto de cada altar onde se celebra o memorial da Paixão-Ressurreição porque, aderindo com todo o seu ser ao desígnio do Pai, esteve presente no fato salvífico da morte de Cristo”¹¹⁹. Por isso,

... cada Missa põe-nos em íntima relação com ela, a Mãe, cujo sacrifício “volta a estar presente”, como “se torna presente” o sacrifício do Filho pelas palavras da consagração do pão e do vinho pronunciadas pelo sacerdote.¹²⁰

Diz o Papa:

Quando celebramos a Santa Missa, no meio de nós encontra-se a Mãe do Filho de Deus e introduz-nos no mistério da sua Oferenda de Redenção. Desta forma, Ela torna-se mediadora das graças que, para a Igreja e para todos os fiéis, brotam desta mesma Oferenda.¹²¹

E mais ainda, uma vez que Maria, de acordo com o plano de Deus, devia constituir com seu Filho como um “todo”, Jesus quis “envolver Sua Mãe não só na própria oblação ao Pai, mas também na doação de Si aos homens.”¹²² Por este motivo, há uma correspondência entre o dom de Jesus na Eucaristia: “*Este é o meu corpo*”, e o dom de sua Mãe: “*Eis tua mãe!*” Juntamente com o Corpo e Sangue do Senhor, a Igreja recebe continuamente o dom da maternidade de Maria. O Papa ensina:

“Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22,19). No “memorial” do Calvário, está presente tudo o que Cristo realizou na sua paixão e morte. Por isso, não pode faltar *o que Cristo fez para com sua Mãe* em nosso favor. De fato, entrega-Lhe o discípulo predileto e, nele, entrega cada um de nós: « Eis aí o teu filho ». E de igual modo diz a cada um de nós também: « Eis aí a tua mãe » (cf. Jo 19,26-27).

Viver o memorial da morte de Cristo na Eucaristia implica também receber continuamente este dom. Significa levar conosco – a exemplo de João – Aquela que sempre de novo nos é dada como Mãe. Significa ao mesmo tempo assumir o compromisso de nos conformarmos com Cristo, entrando na escola da Mãe e aceitando a sua companhia.¹²³

¹¹⁵ Cf. COMISSÃO HISTÓRICO-TEOLÓGICA PARA O GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Eucaristia – Dom da Vida Divina*. Texto catequético oficial em preparação ao Ano Santo de 2000, Paulinas, Pasay City 1999, p. 126.

¹¹⁶ Carta (25 de março de 1995), 3: ORP (8 de abril de 1995), 2.

¹¹⁷ *Lumen Gentium*, 58.

¹¹⁸ Homília (2 de junho de 1988), 5: ORP (12 de junho de 1988), 1.

¹¹⁹ Angelus (12 de fevereiro de 1984), 3: ORP (19 de fevereiro de 19984), 12.

¹²⁰ Angelus (5 de junho de 1983): ORP (12 de junho de 1983), 1.

¹²¹ Discurso (25 de agosto de 2001): ORP (1 de setembro de 2001), 1.

¹²² Audiência (23 de novembro de 1988), 5: ORP (27 de novembro de 1988), 16.

¹²³ *Ecclesia de Eucaristia*, 57.

**“Uma espada atravessará seu Coração,
afim de que os pensamentos de muitos sejam revelados” (Lc 2,35)**

A presença de Maria no Calvário, que lhe permitia unir-se com todo o coração aos sofrimentos de seu Filho, fazia parte dos desígnios divinos. O Pai queria que ela, chamada a mais radical cooperação no mistério da redenção, fosse totalmente associada ao sacrifício e compartilhasse todos os sofrimentos do Crucificado, unindo a própria vontade à sua no desejo de salvar o mundo. Assim, ela tornou-se, de modo único e profundo, cooperadora de Cristo na obra da Redenção.¹²⁴ Nossa presença no Calvário também faz parte do plano de Deus. Foi precisamente por esta razão que Jesus “só voltou ao Pai depois de nos ter deixado o meio para participarmos [do seu sacrifício] como se tivéssemos estado presentes.”¹²⁵ Na imitação de Maria, somos também nós chamados a participar na crucificação de Cristo, como disse São Paulo: “Fui crucificado com Cristo” (Gl 2,19).

Maria era tão intimamente unida ao sacrifício de seu Filho, que ela experimentou em sua alma o que Ele sofreu em seu Corpo. Ela imolou-se espiritualmente em profunda comunhão com Cristo.¹²⁶ Desta forma, ela inaugurou nossa participação no sacrifício do Redentor. De fato, cada pessoa é chamada a partilhar o sofrimento de Cristo. “Todos os homens são chamados a sofrer; todos os homens, imitando Maria, se podem tornar *cooperadores do sofrimento de Cristo*”¹²⁷, afirma o Papa. A íntima associação de Maria

ao sacrifício de Jesus põe em evidência uma verdade que encontra a sua aplicação também na nossa vida: aqueles que vivem *profundamente unidos a Cristo* são destinados a *compartilhar em profundidade o seu sofrimento redentor*.¹²⁸

“Por que têm que sofrer, aqueles que se unem a Cristo?”, pode-se perguntar. Jesus mesmo responde: “Ninguém possui maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos” (Jo 15,13). Quando Jesus disse na Última Ceia: “Este é meu Corpo que será entregue por vós”, e “este é o cálice do Meu Sangue, que será derramado por vós”, ele já tinha aceito

voluntariamente em seu coração o sofrimento e a morte a que iria se submeter no dia seguinte. O que exteriormente era da maior crueldade, sim, tortura e violência, interiormente tornou-se um ato de total oferta de si mesmo. Desta forma Jesus transformou “o mal do sofrimento em bem salvífico: o bem da redenção”¹²⁹. Afirma o Santo Padre:

Sacrificando-se por nós, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento, abrindo uma nova dimensão, uma nova ordem: *a ordem do amor*... É este sofrimento que *queima e extingue o mal com a chama do amor* e retira, mesmo do pecado, um grande florescimento do bem.¹³⁰

Esta transformação é um “milagre interior” por meio do poder do Espírito de Amor:¹³¹

Movido pelo amor, Cristo sofreu voluntária e inocentemente, *dando deste modo testemunho do amor mediante a verdade do sofrimento*... E precisamente através deste sacrifício, *uniu de uma vez para sempre o sofrimento ao amor* e, deste modo, redimiu-o.¹³²

De fato, “na dor de Cristo é remida a dor de todo o homem; no seu sofrimento é que o sofrimento humano adquire um valor novo; em sua morte, nossa morte é vencida para sempre”¹³³.

Desta forma, o sofrimento e morte de Cristo tornaram-se meio de nossa salvação. E este ato de amor, de um modo maravilhoso, é perpetuado na Eucaristia. Jesus está presente pelo dom de si mesmo “para a vida do mundo” (Jo 6,51). A Eucaristia é precisamente o sacramento do infinito e salvífico amor de Cristo, a comunicar este mesmo amor a nós. Quando recebemos o Corpo e Sangue de Cristo dados em sacrifício, tomamos parte do amor de Cristo e somos penetrados por seu dinamismo. João Paulo II observa que, uma vez que o amor generoso de Deus é

... revelado, até ao extremo, no sacrifício salvífico do Filho de Deus, de que a Eucaristia é sinal indelével, *nasce também em nós uma resposta de amor*: Não só conhecemos o amor, *mas também nós próprios começamos a amar*.

¹²⁹ Homilia (11 de fevereiro de 1979), 3: ORP (18 de fevereiro de 1979), 3.

¹³⁰ JOÃO PAULO II, *Memória e identidade. Colóquios na Transição do Milênio*, Objetiva, Rio de Janeiro 2005, p. 189-190.

¹³¹ João Paulo II escreve na encíclica *Dominum et Vivificantem*, 40: “No sacrifício do Filho do homem, o Espírito Santo está presente e age... o próprio *Jesus Cristo se abriu totalmente* na sua humanidade à *ação do Espírito-Paráclito* que, do sofrimento, faz emergir o eterno amor salvífico.”

¹³² Angelus (8 de fevereiro de 1998), 2: ORP (14 de fevereiro de 1998), 1.

¹³³ Homilia (22 de junho de 2000), 2: ORP (1 de julho de 2000), 2.

¹²⁴ Audiência (4 de maio de 1983), 3: ORP (8 de maio de 1983), 12.

¹²⁵ *Ecclesia de Eucharistia*, 11.

¹²⁶ Audiência (25 de outubro de 1995), 2: ORP (28 de outubro de 1995), 12.

¹²⁷ Angelus (8 de fevereiro de 1998), 2: ORP (14 de fevereiro de 1998), 1.

¹²⁸ Audiência (4 de maio de 1983), 3: ORP (8 de maio de 1983), 12.

Nós entramos, por assim dizer, no caminho do amor e por este caminho fazemos progressos. O amor que em nós nasce da Eucaristia, também em nós se desenvolve, se aprofunda e se reforça, graças a ela.¹³⁴

Celebrar a Eucaristia significa, portanto, ir à fonte divina do amor e então, dar resposta ao amor do Redentor pela oferta de nossa existência, à exemplo de Maria, como “hóstias vivas” (Rm 12,1) em plena comunhão com o sacrifício de Cristo. O Santo Padre nos recorda:

Caríssimos irmãos e irmãs, participando neste sacrifício, nós redescobrimos todas as vezes o dever e a alegria de fazer de nós um *dom generoso e gratuito ao Senhor e ao próximo*. Somos chamados a fazer de nossa vida um *sacrifício vivo unido ao de Cristo*. O sacrifício pertence à plenitude do verdadeiro culto que o homem deve oferecer a Deus. Não se trata unicamente do culto da oração, mas do *dom de si mesmos*.¹³⁵

“Completo o que falta aos sofrimentos de Cristo” (Cl 1,24)

O mistério salvífico do sofrimento de Cristo, presente na Eucaristia, é de modo singularíssimo revelado em Maria. Ela, que deu à luz sem dores seu Filho em Belém, teve que viver sua maternidade em meio ao sofrimento. Quando teve que levar seu Filho ao Templo de Jerusalém “para apresentá-lo ao Senhor” (Lc 2,22), o velho Simeão profetizou que “*esta criança foi posta como sinal de contradição – e também uma espada atravessará sua alma a fim de que os pensamentos de muitos corações sejam revelados*” (Lc 2,34-35). Desde o início da vida terrestre do Salvador, ela partilhou intimamente a rejeição que Ele encontraria.

O sofrimento materno atingiu o seu ápice aos pés da Cruz, onde Maria estava tão intimamente unida ao sacrifício de seu Filho, que experimentava na alma o que Ele sofria no Corpo. Assim, podemos dizer que “ao longo de toda a sua existência ao lado de Cristo, e não apenas no Calvário, Maria viveu a *dimensão sacrificial da Eucaristia*.”¹³⁶ E mais, em sua quotidiana preparação para o Calvário, ela experimentou uma forma de “Eucaristia antecipada” de desejo e de oblação, que culminaria em sua união com seu Filho em seu sacrifício redentor.¹³⁷

¹³⁴ *Dominicae Cenaes*, 5.

¹³⁵ Mensagem (5 de junho de 1994), 3: ORP (11 de junho de 1994), 5.

¹³⁶ *Ecclesia de Eucharistia*, 56.

¹³⁷ *Ibidem*.

O mistério do sacrifício redentor também se revela, de modo especial, na vida de inúmeros santos. Um deles é o Padre Pio de Pietrelcina, que foi, acima de tudo, um homem que amou profundamente a Jesus crucificado a ponto de partilhar fisicamente o mistério da Cruz durante sua vida. Ele não apenas celebrava o sacrifício de Cristo, mas também o revivia constantemente.

Os fiéis que se aglomeravam em torno do seu Altar sentiam-se profundamente atingidos pela intensidade de sua ‘imersão’ no Mistério e sentiam que “o Padre” participava *em primeira pessoa* nos sofrimentos do Redentor.¹³⁸

Uma outra testemunha eloqüente do valor do sofrimento é o Servo de Deus, o Cardeal Francisco Xavier Nguyễn Van Thuân, amigo pessoal de João Paulo II. Este Cardeal, que ficou preso por 13 anos em sua pátria, o Vietnã, escreveu:

Valorizar cada uma das dores, *como um dos inúmeros rostos de Jesus crucificado*, e uni-lo ao seu significa *entrar na sua própria dinâmica de sofrimento-amor*; quer dizer participar na sua luz, na sua força e na sua paz; significa voltar a encontrar em nós mesmos uma renovada e mais completa presença de Deus.¹³⁹

Seu segredo era uma inabalável confiança em Deus, nutrida pela Eucaristia e pela oração. Na prisão, ele celebrava a Eucaristia com três gotas de vinho e uma gota de água na palma de sua mão. Este era seu altar, sua catedral. O Corpo de Cristo era seu “remédio”. Ele narrava com grande emoção:

Todas as vezes eu tinha a oportunidade de estender as mãos e de me cravar na Cruz, juntamente com Jesus, de beber com Ele o cálice mais amargo. Em cada dia, recitando as palavras da consagração, eu confirmava com todo o meu coração e com toda a minha alma um novo pacto, uma aliança eterna entre mim e Jesus, mediante o seu Sangue que se misturava ao meu.¹⁴⁰

João Paulo II é também uma testemunha extraordinária do valor salvífico do sofrimento. Não apenas sua infância foi marcada pela perda de seus parentes queridos. Como Papa, ele experimentou, ainda mais, o sofrimento físico e espiritual, que aumentou de intensidade no fim de sua

¹³⁸ Discurso (17 de junho de 2002), 4: ORP (22 de junho de 2002), 6.

¹³⁹ Cardeal Francisco Xavier Nguyễn Van Thuân, *Testemunho de Esperança*, Roma 2001, pp. 93-94, em: JOÃO PAULO II, Homília (20 de setembro de 2002), 2: ORP (28 de setembro de 2002), 2.

¹⁴⁰ *Ibidem*.

vida. Suportando-o em estreita união com Jesus crucificado, ele fez de sua vida um dom para Deus e para a Igreja, e assim vivenciou a dimensão sacrificial da Eucaristia. Em uma alocução do Angelus em 1994, durante o Ano da Família, logo após sua volta do hospital, onde ficara por um bom tempo, deu este testemunho pessoal:

Eu queria que, mediante Maria, fosse expressa hoje a *minha gratidão por esta dádiva do sofrimento* novamente ligado ao mês de Maio. Quero agradecer este dom. Compreendi que é um dom necessário. O Papa devia encontrar-se na Policlínica Gemelli; devia estar ausente desta janela durante quatro semanas, quatro domingos, e devia sofrer: assim como há treze anos, também este ano teve que sofrer.

Meditei, pensei novamente em tudo isto durante a minha hospitalização. E encontrei de novo ao meu lado a grande figura do cardeal Wyszinsky, Primaz da Polônia. Ele, no início do meu pontificado, disse-me: “Se o Senhor te chamou, tu deves introduzir a Igreja no Terceiro Milênio”. Ele mesmo introduziu a Igreja no segundo milênio cristão.

Assim me disse o cardeal Wyszinsky. E compreendi que devo introduzir a Igreja de Cristo neste Terceiro Milênio com a oração e com diversas iniciativas, mas compreendi que não basta: *era necessário introduzi-la com o sofrimento*, com o atentado de há treze anos e com este novo sacrifício. Por que agora? Por que neste ano, por que neste Ano da Família? Precisamente porque a família está ameaçada e porque é agredida. O Papa deve ser agredido, o Papa deve sofrer, para que cada família e o mundo vejam que existe um Evangelho – eu diria – superior: *o Evangelho do sofrimento*, com que se deve preparar o futuro, o terceiro milênio das famílias, de cada família e de todas as famílias.

Queria acrescentar estas reflexões no meu primeiro encontro convosco... no termo deste mês mariano, porque *este dom do sofrimento o devo, e por isso dou graças, à Virgem Santíssima*.¹⁴¹

João Paulo II chama o sofrimento de presente que ele deve agradecer a Maria. E nós? Será que também nós consideramos o sofrimento um presente? Agradecemos a Deus por ele? Talvez não tenhamos ainda adquirido a visão sobrenatural da fé, que permitiu a este grande Papa ver no sofrimento uma bênção especial, obtida para ele por especial intercessão da Santíssima Virgem. Em todo caso, quando Deus nos concede o dom do sofrimento, deveríamos recorrer a Maria. Pois,

... o divino Redentor quer penetrar no ânimo de todas as pessoas que sofrem,

¹⁴¹ Angelus (29 de maio de 1994), 4: ORP (4 de junho de 1994), 3ss.

através do coração da sua Mãe Santíssima... a fim de que cada um deles, na peregrinação da fé, à semelhança e junto com Maria, lhe permanecesse intimamente unido até à Cruz; e assim, todo o sofrimento, regenerado pela virtude da Cruz, de fraqueza do homem se tornasse poder de Deus.¹⁴²

Porque Maria “esteve associada, de modo singular, ao sacrifício sacerdotal de Cristo, compartilhando a sua vontade de salvar o mundo mediante a Cruz”¹⁴³, ela é “a mais perfeita Mestra daquele amor que nos permite unir-nos, de modo mais completo, ao Redentor, no mistério do Seu Sacrifício eucarístico e da Sua presença eucarística”¹⁴⁴. Portanto, é mediante a comunhão espiritual com a Virgem das Dores, que alcançamos uma união mais íntima com Cristo sofredor. Então, poderemos dizer com São Paulo: “Agora me alegro nos sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja” (Cl 1,24). De fato, ao compartilharmos o sacrifício de Cristo, estamos servindo para *a salvação de nossos irmãos e irmãs* como Cristo. Assim fazendo, estamos prestando um serviço insubstituível. Explica o Santo Padre:

No Corpo de Cristo, que cresce sem cessar a partir da Cruz do Redentor, precisamente o sofrimento, impregnado do espírito de Cristo, é o *mediador insubstituível e autor dos bens* indispensáveis para a salvação do mundo. Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento é aquilo que abre caminho à graça que transforma as almas humanas. Mais do que qualquer outra coisa, é ele que torna presentes na história da humanidade as forças da Redenção.¹⁴⁵

Com efeito, na medida em que unimos nossos sofrimentos aos de Jesus, nosso Redentor, eles se tornam uma “*parcela do infinito tesouro da Redenção do mundo*”¹⁴⁶ de tal modo que outros podem partilhar esta riqueza. Possamos nós “viver para Cristo, como Maria viveu para Cristo, *na renúncia, no sacrifício e no amor co-redentor*, ‘completando o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja’ (Cl 1, 24)”¹⁴⁷. O Papa nos dá força:

¹⁴² *Salvifici Doloris*, 26.

¹⁴³ Audiência (30 de junho de 1993), 4: ORP (4 de julho de 1993), 2.

¹⁴⁴ Discurso (4 de junho de 1997), 1: ORP (16 de junho de 1997), 11.

¹⁴⁵ *Salvifici Doloris*, 27.

¹⁴⁶ *Ibidem*.

¹⁴⁷ Discurso (19 de setembro de 1983), 9: ORP (2 de outubro de 1983), 9.

Completai nos vossos sofrimentos o que falta ao Povo de Deus... Completai-o! Esta é a vossa vocação em Cristo crucificado e ressuscitado. Esta é a vossa parte – uma parte especial – na Eucaristia.¹⁴⁸

Capítulo VI

A Eucaristia: Dom do Espírito Santo

“O Espírito é que vivifica” (Jo 6,63)

No Novo Testamento, a relação entre a Eucaristia e o Espírito Santo aparece claramente no discurso sobre o Pão da Vida, no Evangelho de João, onde Jesus proclama a necessidade de nos alimentarmos de seu Corpo e Sangue. Muitos que o escutavam não podiam entender como poderiam comer seu Corpo e beber seu Sangue (cf. *Jo 6,53*). Eles pensavam que Jesus falava de sua própria carne no estado de sua vida terrena, e assim mostraram grande repugnância pelo que ele anunciava. Intuindo sua dificuldade, Jesus lhes disse: “Isso vos escandaliza? Que será, quando virdes subir o Filho do Homem para onde ele estava antes?” (*Jo 6,61-62*). Era uma explícita alusão à futura ascensão ao céu. É precisamente neste momento que ele acrescentou uma referência ao Espírito Santo, que só será plenamente compreendida após a Ascensão. Diz ele: “*O espírito é que vivifica, a carne de nada serve. As palavras que vos tenho dito são espírito e vida*” (*Jo 6,63*).¹⁴⁹ O que significam estas palavras?

“*O espírito é que vivifica, a carne de nada serve.*” Jesus quis fazer seus ouvintes entenderem que se tratava da carne do Filho do Homem “que subiu para onde ele estava antes” (cf. *Jo 6,62*), ou seja, no estado triunfante de sua ascensão ao céu. Seu Corpo glorioso está então cheio da vida do Espírito Santo, e é por isso que ele pode santificar cada homem que dele se nutre e dar-lhe o penhor da glória eterna.¹⁵⁰

Como diz o Concílio Vaticano II, na Eucaristia, Cristo nos dá “sua Carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo”¹⁵¹. É somente através do Espírito, o doador da vida, que o alimento e a bebida eucarísticos po-

dem gerar em nós “comunhão”, quer dizer, a união salvífica com Cristo crucificado e ressuscitado. João Paulo II declara:

Através da comunhão do seu corpo e sangue, Cristo comunica-nos também o seu Espírito. Escreve S. Efrém: “Chamou o pão seu corpo vivo, *encheu-o de Si próprio e do seu Espírito*. [...] E aquele que o come com fé, *come Fogo e Espírito*. [...] Tomai e comei-o todos; e, com ele, *comei o Espírito Santo*. De fato, é verdadeiramente o meu corpo, e quem o come viverá eternamente.”¹⁵²

“*As palavras que eu vos disse são espírito e vida.*” Foi o Espírito Santo – o Espírito de vida – que fez com que, desde o primeiro anúncio da Eucaristia, os Apóstolos aceitassem as palavras de Cristo como “palavras de vida eterna” (cf. *Jo 6,68*). Foi Ele que iluminou a mente deles com a fé e reavivou os seus corações quando, pela primeira vez, eles participaram no sacramento do Corpo e Sangue de Cristo sob as espécies do pão e do vinho.¹⁵³ E a partir daquele momento, O Espírito Santo tem iluminado e impelido todas as gerações de crentes, para celebrarem a Eucaristia com fé e receberem o supremo dom do Amor divino com o coração agradecido.

Ao mesmo tempo, é o Espírito Santo que confere eficácia às palavras da consagração: “Este é o meu Corpo; este é o meu Sangue”. Desde a Quinta-feira Santa, há dois mil anos, quando, pela primeira vez, Jesus pronunciou estas palavras no Cenáculo, elas têm operado o mais estupendo milagre: a transubstanciação do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Cristo. Nota, o Santo Padre:

O segredo deste prodígio é a ação do Espírito Santo, invocado pelo sacerdote enquanto impõe as mãos sobre as ofertas do pão e do vinho: “Santificai estes dons, *derramando sobre eles o vosso Espírito, de modo que se convertam, para nós, no corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo*”. Assim, ali não está só o sacerdote que lembra os acontecimentos da paixão, morte e ressurreição de Cristo; é o Espírito Santo que faz com que estes se realizem sobre o altar, através do ministério do sacerdote, que atua realmente *in persona Christi*. O que Cristo realizou no altar da cruz, e que já antes tinha estabelecido como sacramento no Cenáculo, o sacerdote renova-o em virtude do Espírito Santo. Neste momento, ele fica como que envolvido *pela força do Espírito Santo*, e as palavras que pronuncia

¹⁴⁸ Homilia (14 de junho de 1987), 5: ORP (12 de julho de 19987), 6.

¹⁴⁹ Cf. Audiência (13 de setembro de 1989), 4: ORP (17 de setembro de 1989), 8.

¹⁵⁰ Cf. Audiência (8 de junho de 1983), 2: ORP (12 de junho de 1983), 12.

¹⁵¹ *Presbyterorum Ordinis*, 5.

¹⁵² *Ecclesia de Eucharistia*, 17.

¹⁵³ Cf. Angelus (1 de junho de 1983), 4: ORP (8 de junho de 1986), 2.

adquirem a mesma eficácia das palavras que saíram da boca de Cristo, durante a Última Ceia.¹⁵⁴

Em síntese, “há na verdade *estreitíssimo nexa entre a Espírito Santo e a Eucaristia*”¹⁵⁵, pois “quer a Palavra, quer o Sacramento, têm vida e eficácia operativa provenientes do Espírito Santo”¹⁵⁶. É somente pelo poder do Espírito, que as palavras do sacerdote na consagração operam a transformação do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo. E é somente a carne do Senhor ressuscitado, vivificada pelo Espírito Santo, que é capaz de dar a vida. Verdadeiramente, o Mistério Eucarístico é a sublime “obra-prima” do Espírito Santo, quotidianamente renovada na pobreza da Igreja peregrina no tempo.¹⁵⁷

1. Sacramento de Comunhão

Comunhão como Dom do Espírito

A ação própria e específica do Espírito Santo no seio da Trindade é a *comunhão*. Santo Agostinho chama a Terceira Pessoa da SS. Trindade de “o supremo Amor que une ambas as Pessoas”¹⁵⁸. O Espírito Santo é também o amor que une o homem a Deus. Pois “o Pai e o Filho quiseram que estivéssemos unidos uns aos outros e a Si mesmos por meio d’Ele que é sua *Comunhão*”¹⁵⁹. O mistério desta comunhão irradia na Igreja, o Corpo Místico de Cristo. É o Espírito que nos torna “um só em Jesus Cristo” (Gl 3,28) e que nos integra na mesma Unidade do Pai e do Filho.¹⁶⁰ O Papa João Paulo II distingue três dimensões na ação unificadora do Espírito Santo. Afirma ele que o mesmo e idêntico Espírito é que

... desde a eternidade vincula a única e indivisa Trindade, (...) que “na plenitude do tempo” (Gl 4,4) une indissolúvelmente a carne humana ao Filho de Deus, (...) [e que], ao longo das gerações cristãs, torna-se a fonte ininterrupta e inesgotável da comunhão na Igreja e da Igreja.¹⁶¹

¹⁵⁴ *Dom e mistério*, p. 88-89.

¹⁵⁵ Regina Coeli (3 de maio de 1981), 4: ORP (10 de maio de 1981), 7.

¹⁵⁶ Audiência (30 de janeiro de 1991), 6: ORP (3 de fevereiro de 1991), 12.

¹⁵⁷ Cf. Discurso (2 de janeiro de 1998), 2: ORP (17 de janeiro de 1998), 4.

¹⁵⁸ S. AGOSTINHO, *De Trinitate*, 7, 3, 6.

¹⁵⁹ S. AGOSTINHO, Sermão 71, 12, 18.

¹⁶⁰ Cf. Audiência (29 de julho de 1998), 2: ORP (1 de agosto de 1998), 20.

¹⁶¹ *Christifideles Laici*, 19.

Comunhão é, de fato, o dom específico do Espírito. E este dom é concedido à Igreja, antes de tudo, na Eucaristia, o *sacramento da comunhão*. Pois “a comunhão do corpo de Cristo eucarístico significa e produz, isto é, edifica a *íntima comunhão* de todos os fiéis no Corpo de Cristo que é a Igreja (1Cor 10,16)”¹⁶². Cada fiel recebe pessoalmente de Deus o dom do Corpo de Cristo. Porém, não o recebe como oferta somente para si; ao contrário, ele é sempre dado como dom para todos. Desta forma, o Corpo de Cristo gera comunhão entre os indivíduos que comungam, tornando-os um Corpo, uma comunidade. “*Comunhão*: esta palavra, com que muitas vezes definimos a Eucaristia, é mais significativa do que nunca a este respeito.”¹⁶³ O Santo Padre observa:

A Eucaristia é mistério de comunhão, de unidade, no respeito à pessoa de cada um... Ela manifesta a comunhão do Pai e do Filho no Espírito, levando para esta comunhão os fiéis, que se encontram assim em comunhão uns com os outros.¹⁶⁴

Jesus diz: “Assim como... eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim” (Jo 6,57). De fato, “quem recebe o Corpo de Cristo com fé, une-se intimamente a Ele e, n’Ele, a Deus Pai, *no amor do Espírito Santo*. Deus *no homem* e o homem *em Deus*”¹⁶⁵. Este mistério é grande! Mas como se realiza esta mais íntima comunhão entre Deus e o homem? Alimentar-se do Corpo de Cristo significa, ao mesmo tempo, receber o Espírito Santo. Realmente, “a Eucaristia, por ser sinal de unidade e fonte de caridade, é também uma efusão do Espírito Santo nos nossos corações”¹⁶⁶. Quando o Espírito Santo vem aos nossos corações, traz-nos o dom do amor que torna a comunhão possível. O amor derramado em nossos corações é o próprio Espírito Santo, o vínculo de união entre o Pai e o Filho, que nos une a Cristo e, em Cristo, ao Pai.

É por meio do Espírito Santo, que é a *comunhão em pessoa*, que a Eucaristia torna-se “comunhão com Deus, comunhão com Cristo Crucificado e Ressuscitado, comunhão de uma pessoa com uma pessoa que nos traz à comunhão da Trindade divina”¹⁶⁷.

¹⁶² *Ibidem*.

¹⁶³ Angelus (17 de junho de 2001), 2: ORP (23 de junho de 2001), 1.

¹⁶⁴ Discurso (23 de setembro de 1982), 2: ORP (10 de outubro), 4.

¹⁶⁵ Angelus (17 de junho de 2001), 2: ORP (23 de junho de 2001), 1.

¹⁶⁶ Carta (13 de maio de 1999), 4: ORP (12 de junho de 1999), 16.

¹⁶⁷ Discurso (23 de maio 1993), 3: ORP (30 de maio de 1993), 7.

Comunhão: Fruto e ápice do Sacrifício Eucarístico

“A Eucaristia é o *sacramento do sacrifício e da comunhão*. Nós todos que participamos dela como Sacrifício, recebemo-la como *Comunhão*”¹⁶⁸, observa o Papa João Paulo II. Enquanto os Apóstolos experimentaram a comunhão no Corpo e Sangue de Cristo na Quinta-feira Santa, em vista do sacrifício que se iria cumprir na Sexta-feira, nós recebemos a Eucaristia como fruto do sacrifício já realizado. “Recebemo-l’O a Ele mesmo que Se ofereceu por nós, o seu corpo entregue por nós na cruz, o seu sangue ‘derramado por muitos para a remissão dos pecados’ (Mt 26,28)”¹⁶⁹, diz o Papa. Com efeito, o dom da Eucaristia custou a Jesus a imolação da sua própria carne. Graças ao seu sacrifício, Cristo pode comunicar-se a si mesmo na Eucaristia, sob as espécies de pão e de vinho, entrando em íntima comunhão conosco e construindo assim seu Corpo Místico, a Igreja.

Portanto, “o sacrifício eucarístico está particularmente *orientado para a união íntima dos fiéis com Cristo através da comunhão*”¹⁷⁰. Pode-se dizer, assim, com São Maximiliano Kolbe, que “o ápice da Missa não é a consagração, mas a comunhão eucarística”¹⁷¹.

João Paulo II salienta que este movimento interior da “celebração eucarística, culminante na comunhão”¹⁷² é, em certo sentido, um reflexo da vida da Trindade. O Papa define a vida trinitária como *um diálogo de amor direcionado à perfeita comunhão*: “Porque é Amor infinito, Deus é o Pai que se dá totalmente na geração do Filho e, juntamente com Ele, tece *um eterno diálogo de amor no Espírito Santo*, vínculo pessoal de sua unidade.”¹⁷³ A celebração eucarística, que perpetua o sacrifício da Cruz, é, de fato, o reflexo deste eterno diálogo de amor entre o Pai e o Filho no Espírito Santo. Pois na Eucaristia, o Pai se dá a Si mesmo no Filho, e o Filho responde ao dom do Pai com o dom de Si para nossa salvação. O fruto desta doação recíproca do Pai e do Filho é nossa participação em Sua comunhão de amor por meio do Espírito Santo.

¹⁶⁸ Homilia (14 de junho de 1987), 4: ORP (12 de julho de 1987), 6.

¹⁶⁹ *Ecclesia de Eucharistia*, 16.

¹⁷⁰ *Ibidem*.

¹⁷¹ CENTRO CULTURAL PAPA JOÃO PAULO II, *No Altar do Mundo*, Washington 2003, p. 168 (a tradução portuguesa é nossa).

¹⁷² Audiência (11 de novembro de 1992), 4: ORP (15 de novembro de 1992), 16.

¹⁷³ Angelus (29 de maio de 1994), 2: ORP (4 de junho de 1994), 3.

Diz o Papa que o Corpo e Sangue divino, que depois da consagração estão *presentes* no Altar, são *oferecidos* ao Pai e se tornam *comunhão de amor* para todos, confirmando-nos na unidade do Espírito para edificar a Igreja.¹⁷⁴ Desta forma, podemos ver como, na tríplice dimensão de presença, sacrifício e comunhão, que marca a celebração eucarística, se reflete a vida das Três Pessoas Divinas. De fato:

- a *presença eucarística* de Cristo, Verbo encarnado, no qual o Pai se dá a nós, e
- o *sacrifício* da Cruz, pelo qual Cristo responde ao dom do Pai com o dom de Si para nossa salvação,
- culmina na *comunhão eucarística*, em que o Espírito Santo nos introduz na comunhão de amor do Pai e do Filho, fazendo-nos assim participar em sua vida divina.

Em suma, a celebração eucarística, em que está presente do modo mais profundo o mistério da Trindade, visa introduzir-nos no diálogo de amor do Pai e do Filho no Espírito Santo, o vínculo de Sua unidade. Assim sendo, a santa Missa tem seu ápice “na comunhão [onde] Cristo conduz-nos ao amor do Pai no Espírito Santo e dá-nos a participação na vida da SS. Trindade, de maneira que nos tornamos ‘partícipes da natureza divina’ (2Pd 1,4)”¹⁷⁵.

Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele (Jo 6,56)

O Senhor disse na Última Ceia: “*Tomai e comei... Bebei dele todos*” (Mt 26,26-27). Quando comemos o alimento eucarístico e bebemos a bebida eucarística, Cristo se dá a cada um de nós: “*A minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,55). Por isso, para permanecermos em Jesus, devemos recebê-lo como comida e bebida.

De fato, aquele que come este Corpo eucarístico do Senhor e bebe na Eucaristia o sangue por Ele derramado para a Redenção do mundo, chega àquela comunhão com Cristo, da qual o Senhor mesmo disse: “*Permanece em mim e eu nele*” (Jo 15,4).¹⁷⁶

¹⁷⁴ Cf. Angelus (5 de junho de 1983): ORP (12 de junho de 1983), 1.

¹⁷⁵ Homilia (13 de junho de 1987), 7: ORP (5 de julho de 1987), 6.

¹⁷⁶ Homilia (8 de junho de 1980), 2: ORP (15 de junho de 1980), 1.

Um conseqüência, “este alimento é sinal da Comunhão. É sinal da união espiritual em que o homem recebe Cristo, é-lhe oferecida a participação no Seu Espírito, encontra n’Ele, particularmente íntima, a relação com o Pai”¹⁷⁷, diz João Paulo II.

Quando recebemos Cristo, entramos em comunhão não apenas com Ele, mas na Sua comunhão com o Pai no Espírito Santo, pois, enquanto Filho de Deus Encarnado, Cristo vive em perfeita união com o Pai e o Espírito Santo. “Assim como... eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim” (Jo 6,57). Quando se come o Corpo de Cristo e se bebe Seu Sangue, “Ele assimila-nos a Si, tornando-nos conformes com a Sua santa humanidade e insere-nos no diálogo de Sua vida Trinitária”¹⁷⁸. Assim, ao receber Cristo, o Filho do Pai eterno, recebemos, por meio d’Ele, aquela vida que consiste na união do Filho com o Pai no Espírito Santo e, em decorrência disto, nos tornamos, num misterioso mas verdadeiro modo, partícipes da vida da Trindade: “*Theo-fori, Christo-fori, Pneumato-fori*”¹⁷⁹. De fato, à mesa eucarística, podemos experimentar “o transbordante Amor trinitário”¹⁸⁰. Desta forma, a comunhão é uma fruição antecipada do céu na terra:

Emanuel, Deus Conosco. *Deus dentro de nós é como uma antecipação da união que, no céu, teremos com Deus.* Quando O recebemos com as devidas disposições, reforça-se por assim dizer, a *habitação da Trindade em nossa alma*, percebemo-la mais intimamente. Ao comungar podemos escutar Cristo de novo que nos diz “o reino de Deus está dentro de vós” (Lc 17,21).¹⁸¹

A Comunhão é um laço bilateral:

“Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós” (Jo 15,4)

O Santo Padre nos recorda que a comunhão não é uma via de “mão única”, mas *um laço de duas pontas*. A ação de “comer” é realmente um encontro entre duas pessoas. O Senhor ressuscitado, presente na Eucaristia, não pode ser “consumido” como um mero pedaço de pão. Comer

este pão é comungar, entrar em profunda comunhão com a pessoa do Senhor vivo.

Convém-nos portanto dizer que não só recebemos nós a Cristo, não só cada um de nós O recebe neste sinal eucarístico, mas dizer que também Cristo recebe cada um de nós. Ele aceita sempre, por assim dizer, o homem neste Sacramento, torna-o seu amigo, assim como disse no Cenáculo: *Vós sois meus amigos (Jo 15,14)*.¹⁸²

Por isso o Papa João Paulo II chama a Eucaristia de “*sacramento da amizade de Deus com os homens*... Esta amizade é *reforçada incessantemente mediante o Sacramento do Altar*, o Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor”¹⁸³.

Mas é preciso, diz São Paulo, “examinar-se a si mesmo” (cf. *1Cor* 11,28), para ver se está em condições de ser aceito por Cristo. A Eucaristia é, num certo sentido, um contínuo desafio na tentativa de sermos aceitos, de adaptar nossas consciências às exigências da divina amizade. O Papa nos recorda que “Cristo, na Eucaristia, deseja compartilhar a Sua vida comigo: deseja a comunhão. Na perspectiva de tal comunhão com o homem, deseja a pureza da alma dele... Podemos rejeitar este desejo?”¹⁸⁴ Portanto, se vivermos habitualmente na amizade do Senhor, tomamos consciência das próprias culpas e imperfeições, e da necessidade que temos da misericórdia divina. Então, receberemos freqüentemente o sacramento da penitência para nos podermos apresentar à Eucaristia com a maior pureza.¹⁸⁵ Por isso,

... se quisermos experimentar a Eucaristia como “a fonte e o ápice de toda a vida cristã” (*Lumen Gentium*, 11), então devemos celebrá-la com fé, recebê-la com reverência, e deixar que ela transforme as nossas mentes e os nossos corações, mediante a prece de adoração. Só ao aprofundarmos a nossa comunhão eucarística com o Senhor, mediante a oração pessoal é que poderemos descobrir o que Ele nos pede na vida quotidiana. Só ao bebermos profundamente da fonte da água vivificante que “jorra dentro de nós” (*Jo* 4,14) é que poderemos crescer na fé, na esperança e na caridade.¹⁸⁶

¹⁷⁷ Audiência (13 de junho de 1979), 3: ORP (17 de junho de 1979), 11.

¹⁷⁸ Angelus (5 de junho de 1994), 2: ORP (11 de junho de 1994), 1.

¹⁷⁹ Homilia (10 de junho de 1993), 6: ORP (20 de junho de 1993), 12.

¹⁸⁰ Homilia (20 de junho de 1992), 5: ORP (5 de julho de 1992), 5.

¹⁸¹ Homilia (15 de maio de 1988), 6: ORP (22 de maio de 1988), 9.

¹⁸² Audiência (13 de junho de 1979), 3: ORP (17 de junho de 1979), 11.

¹⁸³ Homilia (12 de maio de 1985), 7: ORP (19 de maio de 1985), 10.

¹⁸⁴ Homilia (8 de abril de 1982), 3: ORP (18 de abril de 1982), 6.

¹⁸⁵ Cf. Audiência (15 de junho de 1983), 3: ORP (19 de junho de 1983), 12.

¹⁸⁶ Homilia (7 de outubro de 1979), 1: ORP (15 de outubro de 1979), 2.

É somente permitindo sermos penetrados pela vida daquele que é nosso Senhor e Salvador, que a Eucaristia produzirá em nós aquela íntima união com Jesus por Ele prometida: “*Ele em mim e eu n’Ele*”.

Desta forma, chega-se à comunhão plena com Cristo crucificado e ressuscitado ..., e o discípulo é chamado a doar-se inteiramente a Ele. Esta íntima comunhão de amor é decantada pelo poeta francês Paul Claudel, que põe nos lábios de Cristo estas palavras:

Vem comigo, onde eu estou, em ti mesmo,
E dar-te-ei a chave da existência.
Lá onde Eu estou, lá eternamente,
Está o segredo da tua origem (...)
Onde estão as tuas mãos, que não estejam as minhas?
E os teus pés que não estejam pregados na mesma cruz?
Morri e ressuscitei uma vez por todas!
Estamos muito perto um do outro (...)
Como fazer para te separar de Mim
Sem que tu me dilaceres o coração?”
(*La messe lá-bas*)¹⁸⁷

Maria, nosso modelo de união com Cristo

O Filho de Deus veio ao mundo para oferecer-se por nossa salvação.

Ao ato de doação do Filho, Maria se conforma em total sintonia de mente e de coração, do “sim” de Nazaré ao dom do Gólgota. A Virgem viveu em *total comunhão com Cristo*: toda a sua vida pode ser considerada uma espécie de comunhão “eucarística”, comunhão com aquele “Pão descido do Céu”, que o Pai deu para a vida do mundo.¹⁸⁸

Sua vida inteira foi, de fato, uma vida de total intimidade com Cristo. O Papa João Paulo II descreve tal intimidade como

Uma *intimidade orgânica*, como só a Mãe pode ter, aquela que Lhe tinha dado a vida física, de modo admirável e sobrenatural; *intimidade afetiva*, porque Jesus foi o seu supremo e absoluto amor, da Anunciação ao Calvário, da Ressurreição para a sua Assunção ao céu; *intimidade apostólica* porque se uniu intimamente à obra redentora de Cristo e ainda agora intercede pela humanidade inteira.¹⁸⁹

Tal intimidade com Cristo é alcançada de um modo eminente e singular na Sagrada Eucaristia. De fato, na comunhão eucarística se renova a suave intimidade da Última Ceia.¹⁹⁰ Jesus mesmo desejou esta misteriosa e sublime intimidade nossa com Ele. Foi por isso que Ele prometeu: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56). Estas palavras, diz João Paulo II, são de altíssimo conteúdo espiritual, pois falam da “misteriosa relação entre Cristo e o crente, que se desenha como *recíproca compenetração de pensamento, de sentimento e de vida*”¹⁹¹. O Papa nos recorda então o que significa tornar-se um com Cristo na comunhão eucarística:

Eis o que significa dizer que Jesus veio aos vossos corações. *Ele está em vós, o Seu amor enche-vos e faz com que vos torneis cada vez mais semelhantes a Ele, sempre mais santos*. Esta é uma grande graça, mas também uma grande tarefa. A fim de que o Senhor Jesus possa habitar em nós, devemos nos esforçar para que nosso íntimo esteja sempre aberto para Ele. Esta, portanto, é vossa tarefa: amar sempre Jesus, ter o coração bom e puro, e o mais freqüentemente possível convidá-l’O, a fim de que *habite em vós mediante a comunhão*. ... Recordai [pois] que *Jesus vos ama e deseja que também vós O ameis com todas as vossas forças*.¹⁹²

Ninguém experimentou mais profundamente a intimidade com Cristo do que a Virgem Maria. Ninguém mais viveu numa tamanha intimidade e constante comunhão com Ele como ela. E não apenas no momento de recebê-l’O, mas, guardando-O sempre em seu coração, tornou possível que Ele permanecesse e vivesse nela. Desta forma, ela tornou-se seu sacrário vivo, santuário de Sua divina presença. Cristo, por Seu lado, tomando posse dela inteiramente, irradiou Sua luz, por assim dizer, pelos seus olhos e pela sua voz, sim, por todo o seu ser.¹⁹³

Quando Cristo vem aos nossos corações na comunhão eucarística, não nos quer deixar mais também, antes quer permanecer conosco. Para que isso ocorra, é preciso recebê-l’O com a pureza e o amor de Maria e aprofundar nossa comunhão com Jesus por meio da adoração e contemplação.

E o olhar extasiado de Maria, quando contemplava o rosto de Cristo recém-nascido e O estreitava nos seus braços, não é porventura o modelo

¹⁸⁷ Audiência (11 de outubro de 2000), 6: ORP (14 de outubro de 2000), 12.

¹⁸⁸ Mensagem (28 de maio de 1997): ORP (7 de junho de 1997), 7.

¹⁸⁹ Homília (8 de agosto de 1982), 3: ORP (22 de agosto de 1982), 6.

¹⁹⁰ Cf. Homília (20 de janeiro de 1982): ORP (31 de janeiro de 1982), 13.

¹⁹¹ Homília (26 de agosto de 1979), 2: ORP (2 de setembro de 1979), 3.

¹⁹² Discurso (7 de junho de 1997), 1: ORP (14 de junho de 1997), 17.

¹⁹³ Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 55.

inatingível de amor a que se devem inspirar todas as nossas comunhões eucarísticas?¹⁹⁴

Possamos nós ficar

... próximos Àquela que – permanecendo durante a vida toda em comunhão com o Filho, não só através dos vínculos de sangue, mas sobretudo mediante o amor – é a mais perfeita Mestra daquele amor que nos permite unir-nos de modo mais profundo a Cristo, no mistério de Sua presença eucarística. Deixemos que Maria nos conduza à Eucaristia!¹⁹⁵

Sim, o Papa nos exorta:

Esta intimidade com Cristo, desejo-vos eu que vivais sempre, a exemplo de Maria. O ideal de vosso dia ou de vossa semana seja a sagrada Comunhão.¹⁹⁶

Peçamos hoje à Mãe do Senhor que todos os homens possam saborear a doçura da comunhão com Jesus e tornar-se, graças ao Pão da Vida eterna, participantes do seu *mistério de salvação e santidade*.¹⁹⁷

Comunhão Eucarística, fonte de Santidade

“*Sede santos porque Eu, o vosso Senhor e Deus, sou santo*” (Lv 19,2). Tornar-se santo parece uma meta árdua, reservada a pessoas inteiramente excepcionais. Pelo contrário, tornar-se santo é um dom e uma tarefa, arraigados no Batismo e na Confirmação, confiados a todos na Igreja e em todos os tempos.¹⁹⁸

Santidade é, antes de tudo, um dom de Deus. Recebemos o dom da santidade nos sacramentos onde Deus nos comunica sua graça. A Eucaristia é, por sua vez, “*fonte inesgotável de santidade*”¹⁹⁹ porque ela não possui apenas a graça de Deus, mas o autor mesmo da graça. *A santidade de Deus é-nos comunicado em Cristo*. Quando celebramos a Eucaristia, podemos *haurir a santidade para nossa vida, d’Aquele que é “fonte de toda a santidade”*²⁰⁰. É por meio da Eucaristia que Cristo espargue sobre cada batizado o dom da santidade. A obra da nossa santificação que se

iniciou no batismo atinge o seu ápice na Eucaristia que é “*o sacramento da plenitude de santidade e de graça*”²⁰¹. Assim, “cada esforço de santidade... deve extrair a força de que necessita do mistério eucarístico e orientar-se para ele como o seu ponto culminante”²⁰². O Papa nos exorta:

Caríssimos irmãos e irmãs! O coração, o ponto de referência do vosso itinerário espiritual e apostólico *seja a Eucaristia*. Efetivamente, a vida sacramental é fonte de graça e de salvação para a Igreja. *Tudo parte de Cristo-Eucaristia*, e tudo volta para Cristo vivo, coração do mundo, coração da comunidade diocesana e paroquial. Haveis de experimentar que toda atividade pastoral *brotava da fonte superabundante de santidade que é o mistério eucarístico e chama a todos a tender para a santidade*. Seguindo os passos dos santos e santas... também vós deveis ter como *objetivo fundamental ser santos* como o Pai celeste é Santo, como o Filho Jesus Cristo é Santo, e como é Santo o Espírito Santo que reside em nossos corações. E santos nos tornamos com a oração, a participação na Eucaristia, as obras de caridade e o testemunho de uma vida humilde e generosa no bem.²⁰³

Dentre todos os meios que Deus nos deu para crescermos em santidade, o mais efetivo é a Comunhão Eucarística. Observa São Maximiliano Kolbe que “uma única santa comunhão seria suficiente para tornar-me santo”²⁰⁴. Uma vez que o grau de nossa santidade depende do grau de nossa união com Deus, a Eucaristia é, mais do que os outros sacramentos, o *sacramento da santidade* que se desenvolve e cresce no homem.²⁰⁵ Pois a Eucaristia é o sacramento da mais íntima união com Deus. No entanto, tal união com Cristo, almejada pela comunhão sacramental, não é apenas um dom, é também uma tarefa. É através da adoração silenciosa e da contemplação que podemos entrar numa união profunda e duradoura com Cristo. Deste modo, a união com Deus estará sempre presente em nossas almas e transformará nosso ser inteiro. Eis como o Papa descreve os frutos espirituais da Santa Comunhão: “*Jesus veio aos vossos corações. Ele está em vós, o Seu amor enche-vos e faz com que vos torneis cada vez mais semelhantes a Ele, sempre mais santos.*”²⁰⁶ E ainda nos lembra:

¹⁹⁴ *Ibidem*.

¹⁹⁵ Cf. Mensagem (15 de agosto de 1996), 1: ORP (28 de setembro de 1996), 8.

¹⁹⁶ Homília (8 de agosto de 1982), 3: ORP (22 de agosto de 1982), 6.

¹⁹⁷ Angelus (2 de junho de 2002), 3: ORP (8 de junho de 2002), 1.

¹⁹⁸ Mensagem (30 de novembro de 1997), 7: ORP (3 de janeiro de 1998), 8.

¹⁹⁹ *Ecclesia de Eucharistia*, 10.

²⁰⁰ Cf. Homília (18 de fevereiro de 1996), 1: ORP (24 de fevereiro de 1996), 10.

²⁰¹ Homília (25 de maio de 1980), 2: ORP (1 de junho de 1980), 18.

²⁰² *Ecclesia de Eucharistia*, 60.

²⁰³ Homília (16 de setembro de 2001), 5: ORP (22 de setembro de 2001), 8.

²⁰⁴ Cf. *Escritos de Maximiliano Kolbe – Herói de Oswiecim e Beato da Igreja*, Città di Vita, Florença 1975-1978, vol. II, p. 647.

²⁰⁵ Cf. Audiência (23 de junho de 1993), 4: ORP (27 de junho de 1993), 16.

²⁰⁶ Discurso (7 de junho de 1997), 1: ORP (14 de junho de 1997), 17.

A participação quotidiana na Eucaristia, alimento de vida eterna, *é capaz de transformar a existência dos crentes*. Alimentados por este pão de salvação, eles podem crescer como Igreja que “dá a vida”, porque o Senhor os tornará capazes de realizar prodígios que Ele cumpriu e renova constantemente no seu povo com o poder do Espírito Santo. Caríssimos, *a Eucaristia infunde em vós a coragem e a alegria de serdes santos...* O mundo precisa, primeiro e antes de tudo, de pessoas santas.²⁰⁷

2. Sacramento que edifica a Igreja como Comunidade

Cristo e a Igreja, um só Corpo, um grande Mistério

“Porque há um só pão, nós que somos muitos, formamos um só corpo” (1 Cor 10,17); estas palavras de São Paulo referem-se à relação entre Cristo e a Igreja. Segundo São Paulo e os Padres da Igreja, o mistério da Igreja está intimamente ligado ao mistério da Eucaristia, pois é precisamente através da Eucaristia que Cristo edifica a sua Igreja como seu Corpo. Para eles, a Eucaristia é a chave para entender o mistério da Igreja.²⁰⁸

A teologia da Contra-Reforma, ao contrário, concentrou-se mais na dimensão visível e organizacional da Igreja, e assim desenvolveu um conceito mais externo e jurídico sobre ela. Neste período, a Eucaristia foi considerada apenas como um dos sete sacramentos, mas não como a realidade que define a Igreja.²⁰⁹ O Concílio Vaticano II, retomando a visão paulina e patrística da Igreja, enfatizou novamente sua dimensão mística. Ele ajudou a redescobrir o íntimo laço que existe entre o mistério da Eucaristia e o mistério da Igreja.²¹⁰

O Papa João Paulo II, partindo dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, desenvolveu uma visão da Igreja centrada na Eucaristia, uma

eclesiologia eucarística, podemos dizer, condensada em sua encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Ele ressalta que a Eucaristia é o verdadeiro coração da Igreja: “*A Igreja vive da Eucaristia*, haure dela as energias espirituais para desempenhar a própria missão. É a Eucaristia que lhe dá o vigor para crescer e estar unida. *A Eucaristia é o coração da Igreja!*”²¹¹ Em consequência, a Igreja não pode entender seu próprio mistério à parte do mistério da Eucaristia. Pois “*a Igreja reflete-se no sacramento eucarístico como na fonte de onde jorra a própria vida*. Ali está o *núcleo incandescente* e o *coração palpitante* da Igreja, que pode ler nele a história da própria vocação.”²¹²

É por isso que a Eucaristia dá à Igreja sua identidade. Com efeito, “*guiada pelo Espírito Santo, a Igreja, desde os inícios, exprimiu-se e confirmou-se a si mesma mediante a Eucaristia*”²¹³. Pois “*dos sacramentos, a Eucaristia é aquele no qual a Igreja manifesta a sua essência mais profunda: ela é o Corpo Místico de Cristo, é a Esposa do Redentor*”²¹⁴. Realmente, a Igreja é o Corpo de Cristo, pois é formada pelo Corpo Eucarístico de Cristo, que torna presente, sacramentalmente, seu verdadeiro Corpo, nascido da Santíssima Virgem. Na Homilia de abertura do Congresso Eucarístico no Jubileu do Ano 2000, o Santo Padre realçou a identidade que existe entre o Corpo Eucarístico e o Corpo Místico de Cristo.

Um só corpo: o pensamento dirige-se, antes de tudo, ao Corpo de Cristo, *Pão da vida!* Jesus, que há dois mil anos nasceu de Maria Virgem, quis deixar-nos na Última Ceia o seu corpo e o seu sangue, e se imolou pela humanidade inteira. Em torno da Eucaristia, sacramento do seu amor por nós, reúne-se a Igreja, seu Corpo místico. *Cristo e a Igreja, um só corpo, um único e grande mistério. Mysterium fidei!*²¹⁵

Com efeito, a Igreja não é uma idéia, é um Corpo, o Corpo de Cristo, o Cristo inteiro (*totus Christus*), cabeça e membros, construído por seu Corpo Eucarístico. Ao doar-se em Seu Corpo, Cristo formou para Si um Corpo, a Igreja, à qual Ele une todos aqueles que se abrem ao dom da salvação. Comenta o Papa:

²¹¹ Homilia (1 de junho de 1997), 1: ORP (7 de junho de 1997), 4.

²¹² Homilia (20 de junho de 1992), 5: ORP (5 de julho de 1992), 7.

²¹³ *Dominum et vivificantem*, 62.

²¹⁴ Mensagem (5 de junho de 1994), 3: ORP (11 de junho de 1994), 5.

²¹⁵ Homilia (18 de junho de 2000), 1: ORP (24 de junho de 2000), 5.

²⁰⁷ Mensagem (10 de junho de 2004), 2-3: ORP (3 de julho de 2004), 9.

²⁰⁸ Cf. Paul MACPARTLAN, *Sacramento da Salvação – uma Introdução à Eclesiologia Eucarística*, T&T Clark, Edinburgh 1995, pp. 32-37.

²⁰⁹ Por volta de 1590, São Roberto Belarmino deu a seguinte definição da Igreja, que contém a Eucaristia, não porém como seu elemento essencial: “A única e verdadeira Igreja é a comunidade dos fiéis que professam a mesma fé cristã e participam nos mesmos sacramentos sob o governo dos legítimos pastores, sobretudo do Vigário de Cristo na terra, o bispo de Roma” (R. BELARMINO, *De controversiis christianae fidei adversus nostri temporis haereticos*, l. 3, c. 2).

²¹⁰ Cf. Joseph Cardeal RATZINGER, *The Ecclesiology of the Second Vatican Council*, em: *L'Osservatore Romano*. Weekly english edition (23 de janeiro de 2002), 5-7.

Cristo, ao fundar a sua Igreja, o faz não como uma simples instituição que se auto-sustentaria juridicamente e na qual se inseririam os homens para alcançar a salvação. Ela é muito mais do que isto. O Pai chamou homens e mulheres para que constituíssem um povo de filhos no Filho, em Cristo, mediante a carne imolada do seu Filho feito homem; dito de outro modo, para que fossem o *Corpo de Cristo*.²¹⁶

A imagem do Corpo, por sua vez, exprime a unidade na multiplicidade: como todos os membros do corpo humano, embora muitos, formam um só corpo, assim os fiéis são em Cristo (Cf. *1Cor* 12,12). Diz São Paulo: “Ora, vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros” (*1Cor* 12,27). Comentando tais palavras do Apóstolo, Santo Agostinho afirma: “Se sois o corpo de Cristo e seus membros, é o vosso sacramento que está colocado sobre a mesa do Senhor; é o vosso sacramento que recebeis.”²¹⁷ Precisamente, é na Eucaristia que Cristo, doando Seu Corpo, constrói seu Corpo Místico. De fato, receber o Corpo de Cristo na Eucaristia é ser recebido por Ele em seu Corpo que é a Igreja. Isto significa tornar-se um humilde, mas pleno membro do seu Corpo em união com todos os outros membros. Então podemos dizer com Santo Agostinho: “Tornamo-nos Cristo. Com efeito, se Ele é a cabeça e nós os seus membros, o homem total é Ele e nós.”²¹⁸

Consciente da misteriosa identidade entre a Eucaristia e a Igreja, o Santo Padre recorda aos fiéis de Parakou, no Benin, África, que a celebração da Eucaristia é a concreta realização do Corpo Místico de Cristo:

No momento da consagração, repetirei com os concelebrantes, as palavras de Cristo, ao partir o pão: “este é o meu Corpo”. Oxalá participemos nesta Missa, como em todas as Missas, numa comunhão com Cristo e com nossos irmãos, de tal modo que o Senhor possa olhar para a nossa assembléia eclesial e dizer: “este é o meu Corpo”, pois a Igreja é o Corpo místico de Cristo!²¹⁹

Um Pão, um Corpo

Temos visto que há uma estreita relação entre a Eucaristia, o sacramento do Corpo de Cristo, e a Igreja, o Corpo Místico de Cristo. Agora,

²¹⁶ Discurso (21 de setembro de 2002), 3: ORP (28 de setembro de 2002), 4.

²¹⁷ S. AGOSTINHO, *Sermo* 272: PL 38, 1247, em: *Ecclesia de Eucharistia*, 40.

²¹⁸ S. AGOSTINHO, *Tractatus in Jo.* 21, 8, em: Audiência (18 de outubro de 2000), 1: ORP (21 de outubro de 2000), 12.

²¹⁹ Homilia (4 de fevereiro de 1993), 6: ORP (14 de fevereiro de 1993), 5.

consideremos como devemos entender a afirmação de que “a Eucaristia constrói a Igreja”²²⁰. O Santo Padre explica:

É uma verdade essencial, não só doutrinal, mas também existencial, que a Eucaristia constrói a Igreja; e constrói-a como autêntica *comunidade* do Povo de Deus, como assembléia dos fiéis, assinalada pelo mesmo caráter de unidade de que foram participantes os Apóstolos e os primeiros discípulos do Senhor. A *Eucaristia constrói renovando-a sempre esta comunidade e unidade*; constrói-a sempre e regenera-a sobre a base do sacrifício do mesmo Cristo, porque comemora a sua morte na cruz, com o preço da qual fomos por Ele remidos.²²¹

Diz São Paulo: “O pão que partimos não é a comunhão no corpo de Cristo?” (*1Cor* 10,16). Realmente, quando recebemos o Corpo e Sangue de Cristo, não apenas nós é que recebemos Cristo, mas Cristo, também, recebe cada um de nós. Ele recebe cada um de nós para nos assimilar a si. Todos nós “nos alimentamos” da *mesma pessoa*, Cristo. E assim Cristo nos atrai a Si, fazendo-nos sair de nós mesmos para nos tornarmos uma só coisa com Ele e então, por meio desta comunhão, nos unir a todos. Desta forma, “a Eucaristia, como sacramento do Corpo e do Sangue pessoal de Cristo, forma a Igreja que é o corpo social de Cristo, na unidade de todos os membros da comunidade eclesial”²²². O Papa João Paulo II explica:

Este grande sacramento, que nos permite participar da vida de Cristo nos une também uns aos outros, a todos os outros membros da Igreja e a todos os batizados de todos os tempos e de todas as nações. Embora nós, que pertencemos à Igreja, nos encontremos dispersos pelo mundo, embora falemos línguas diferentes, tenhamos um diverso patrimônio cultural e sejamos cidadãos de diferentes nações, “uma vez que há um só pão, embora sejamos muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (*1Cor* 10,17).²²³

Comungar com Cristo significa, essencialmente, também comungarmos uns com os outros. “Nossa união com Ele, que é dom e graça para cada um de nós, faz com que nele sejamos também associados à unidade do seu Corpo que é a Igreja.”²²⁴ Como resultado, forma-se um laço indissolúvel entre a Eucaristia e a Igreja. Não podemos receber a Eucaristia

²²⁰ *Ecclesia de Eucharistia*, 26.

²²¹ *Redemptor Hominis*, 20.

²²² Audiência (21 de novembro de 1991), 7: ORP (24 de novembro de 1991), 12.

²²³ Homilia (16 de fevereiro de 1981), 5: ORP (22 de fevereiro de 1981), 5.

²²⁴ *Dominicae Cenaes*, 4.

como alimento só para nós e nos fechamos em nós mesmos. A Eucaristia nos reúne, em vez disso, com Cristo e, n'Ele, uns aos outros. Daí decorre que:

Igreja e Eucaristia interpenetram-se no mistério da *comunhão, milagre de unidade* entre os homens num mundo onde as relações humanas são, tantas vezes, ofuscadas pela estranheza, se não verdadeiramente dilaceradas pela inimizade.²²⁵

Acertadamente, o Papa João Paulo II exclama:

Que implicações profundas, para as relações entre aqueles que comungam: “*A Eucaristia faz a Igreja*”, ela reúne à maneira dos membros de um Corpo, aqueles que participam no mesmo Corpo de Cristo: *que todos sejam uma coisa só (Jo 17,21)*!²²⁶

Tal comunhão é, ao mesmo tempo, vertical e horizontal, como nos lembra o Concílio: “Participando realmente do Corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele (*relação pessoal*) e entre nós (*relação comunitária*).”²²⁷ A comunhão “vertical”, que nos torna um com nosso Senhor e Deus, “gera ao mesmo tempo uma *comunhão-koinonia* que podemos definir ‘horizontal’, ou seja, eclesial, fraterna, capaz de unir num vínculo de amor todos os participantes da mesma mesa”²²⁸. O Papa declara:

É necessário afirmar isto: o nível mais profundo em que se realiza, naqueles que comungam, este vínculo com o Corpo de Cristo, *esta “osmose” da sua caridade divina, escapa ao sentimento e às medidas humanas*; é algo que pertence à ordem da graça, de uma participação misteriosa na fé, na Vida de Cristo ressuscitado segundo o Espírito de santificação (Cf. *Rm 1,4*).²²⁹

[De fato], na terra não há nada de mais eficaz do que a Eucaristia para levar os cristãos a serem e a sentirem-se todos um só; não há momento algum em que se encontrem e fundam uns nos outros tão intimamente como quando comungam Jesus Eucaristia, que a todos abraça e interliga em Si mesmo. Assim se realiza na terra o que já sucede no Céu: Cristo une a Si, e uns aos outros, todos os que vivem n'Ele. Basta comungá-lo como se deve para vos encontrardes verdadeiramente juntos.²³⁰

A Igreja – uma Comunidade Eucarística

Quanto foi que a Igreja começou? Em que momento ela foi fundada? O fato de que é a Eucaristia que “constrói a Igreja” determina a resposta à questão do momento de sua fundação. Desde que a Igreja é, essencialmente, uma Comunidade Eucarística, isto é, uma comunidade que nasceu e vive por Jesus Cristo, que a ela se dá na Eucaristia, fica evidente que a origem da Igreja está intimamente ligada à Eucaristia. De fato, Jesus deu-nos conjuntamente o dom da Eucaristia e da Igreja.²³¹ Por isso, “segundo o Concílio, a Última Ceia é o momento em que Cristo, antecipando a morte na cruz e a ressurreição, dá início à Igreja: *a Igreja é gerada juntamente com a Eucaristia*”²³². Diz o Santo Padre:

No Cenáculo, os Apóstolos, tendo aceito o convite de Jesus: “Tomai, comei [...]. Bebei dele todos” (*Mt 26,26.27*), entraram pela primeira vez em comunhão sacramental com Ele. Desde então e até ao fim dos séculos, a *Igreja edifica-se através da comunhão sacramental com o Filho de Deus* imolado por nós: « Fazei isto em minha memória [...]. Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em minha memória » (*1Cor 11,24-25*; cf. *Lc 22,19*).²³³

A instituição da Eucaristia foi, desta maneira, o germe da Igreja. A Eucaristia é, com efeito, o “Sacramento que, ao nível da sua realidade mais autêntica e profunda, constitui a Igreja. Não existe a Eucaristia sem a Igreja, mas também, e antes ainda, não existe a Igreja sem a Eucaristia”²³⁴. Em conseqüência, “desde a Última Ceia, a Igreja é edificada e formada através da Eucaristia. A Igreja celebra a Eucaristia, e a Eucaristia forma a Igreja”²³⁵. Por esta razão, a Igreja tem que retornar sempre ao Cenáculo na Quinta-feira Santa, para este “momento decisivo da sua formação”²³⁶, e, num certo sentido, permanecer no Cenáculo, onde Jesus, oferecendo aos Apóstolos seu Corpo e Sangue, os gerou enquanto comunidade, como seu Corpo, a Igreja. O Santo Padre recorda o zelo da primeira comunidade cristã na celebração da Eucaristia:

Os Atos dos Apóstolos testemunham que os cristãos, desde o início, eram assíduos na oração, na escuta da palavra de Deus e na *fração do pão*,

²²⁵ Discurso (23 de novembro de 2002), 4: ORP (30 de novembro de 2002), 5.

²²⁶ Carta (1 de janeiro de 1979): ORP (18 de fevereiro de 1979), 1 e 3.

²²⁷ *Lumen Gentium*, 7.

²²⁸ Audiência (8 de novembro de 2000), 4: ORP (11 de novembro de 2000), 12.

²²⁹ Carta (1 de janeiro de 1979): ORP (18 de fevereiro de 1979), 3.

²³⁰ Discurso (22 de outubro de 2002), 8: ORP (30 de outubro de 2002), 7.

²³¹ Cf. Homilia (20 de agosto de 2000), 7: ORP (26 de agosto de 2000), 5.

²³² Audiência (11 de setembro de 1991), 7: ORP (15 de setembro de 1991), 12.

²³³ *Ecclesia de Eucharistia*, 21.

²³⁴ Homilia (27 de março de 1997), 2: ORP (5 de abril de 1997), 6.

²³⁵ Homilia (13 de junho de 1999), 2: ORP (26 de junho de 1999), 12.

²³⁶ *Ecclesia de Eucharistia*, 5.

isto é, na liturgia eucarística (cf. *At 2,42*). Deste modo, *retornavam cada dia ao Cenáculo*, até ao momento em que Cristo instituiu a Eucaristia. A partir de então, a *Eucaristia tornou-se o início de uma nova construção*. A Eucaristia tornou-se fonte de um vínculo profundo entre os discípulos de Cristo: era ela que edificava a “comunhão”, a comunidade do seu Corpo Místico, enraizada no amor e impregnada do amor.²³⁷

O Concílio Vaticano II corretamente ensina: “Não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia.”²³⁸ Realmente, cada comunidade deve se formar em torno da Eucaristia, ou mais precisamente, em torno de Cristo que, em sua Eucaristia, é verdadeiramente o coração de sua Igreja. Pois “Ele, e só Ele, dirige, *pela força de sua presença e pelo dinamismo de sua atividade salvífica*, a vida interior das comunidades eclesiais”²³⁹. Assim sendo, “uma verdadeira comunidade, uma Igreja genuína, só poderá ser tal se aprender a crescer na escola da Eucaristia e se alimentar na mesa da Palavra e do Pão de vida eterna”²⁴⁰. O Papa nos lembra:

Como não recordar que a Eucaristia é o coração palpitante da paróquia, fonte de sua missão e presença que continuamente a renova? De fato, a paróquia é “comunidade de batizados que expressa sua identidade sobretudo através da celebração do Sacrifício eucarístico” (*Ecclesia de Eucharistia*, 32).²⁴¹

É, portanto, essencial que as comunidades cristãs reúnam-se aos domingos para celebrar a Eucaristia e serem regeneradas como “a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade”²⁴². Realmente, a participação devota do Povo de Deus na Missa dominical é de uma incalculável importância para construção da Igreja, como insiste o Santo Padre:

A vitalidade da Igreja depende em grande medida da celebração eucarística do domingo, na qual *o mistério da salvação* se torna presente ao Povo de Deus e entra na sua vida. Na expressão da *Lumen Gentium*, aprouve a Deus salvar-nos e santificar-nos como um povo (cf. n.9), e não há momento algum em que estejamos mais intimamente unidos como comunidade do que durante a Missa de Domingo. É neste momento que a *Eucaristia*

edifica a Igreja e é, ao mesmo tempo, o “sinal da comunidade e a causa do seu crescimento”.²⁴³

Por quase 2000 anos, “a Igreja vive mediante a Eucaristia, deixa-se plasmar pela Eucaristia, e continua a celebrá-la”²⁴⁴. Aquilo que teve início na intimidade da Última Ceia, continua através dos séculos: a Igreja continuamente nasce da Eucaristia. Pois que “*o Corpo eucarístico do Senhor alimenta e sustém o seu Corpo místico*”²⁴⁵. O Papa vê, desta forma, uma ligação espiritual entre o Cenáculo de Jerusalém, o lugar de nascimento da Igreja, e os incontáveis “recintos eucarísticos”, todos os demais “cenáculos”, onde, por meio da celebração da Santa Missa, a Igreja continua a nascer e a crescer como comunidade eucarística. Ele afirma:

O Cenáculo de Jerusalém – onde foi instituído o Santíssimo Sacramento: o Corpo e o Sangue de Cristo sob as espécies do pão e do vinho – estendeu-se à Igreja inteira. Ele está agora presente em todo o lugar onde se reúne a comunidade cristã: quer se trate de uma esplêndida construção arquitetônica, quer de uma capela modesta em terra de missão, lá está presente o Cenáculo.²⁴⁶

Comunidade conforme o modelo da Trindade

João Paulo II afirma que

... no mistério da Eucaristia, Jesus edifica a Igreja como comunhão, segundo o modelo supremo evocado na *oração sacerdotal*: “Para que todos sejam um só; como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (*Jo 17,21*).²⁴⁷

Nota o Santo Padre:

A comunhão dos cristãos com Jesus tem por modelo, fonte e meta a mesma comunhão do Filho com o Pai no dom do Espírito Santo: unidos ao Filho no vínculo amoroso do Espírito, os cristãos estão unidos ao Pai.²⁴⁸

A unidade dos cristãos na Igreja é assim uma questão de unidade conforme a da Trindade: “*Assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti*”

²³⁷ Homilia (2 de junho de 1997), 2: ORP (14 de junho de 1997), 2.

²³⁸ *Presbyterorum Ordinis*, 6.

²³⁹ Discurso (26 de abril de 1979): ORP (13 de maio de 1979), 8.

²⁴⁰ Homilia (14 de março de 1999), 4: ORP (20 de março de 1999), 3.

²⁴¹ Discurso (25 de novembro de 2004), 4: ORP (4 de dezembro de 2004), 7.

²⁴² *Christifideles Laici*, 26.

²⁴³ Discurso (9 de julho de 1983), 3: ORP (31 de julho de 1983), 6.

²⁴⁴ Homilia (9 de abril de 1998), 3: ORP (18 de abril de 1998), 3.

²⁴⁵ Discurso (5 de novembro de 2002), 3: ORP (9 de novembro de 2002), 11.

²⁴⁶ Homilia (17 de junho de 1990), 2: ORP (24 de junho de 1990), 6.

²⁴⁷ *Mane nobiscum Domine*, 20.

²⁴⁸ *Christifidelis Laici*, 18.

(Jo 17,21). Na realidade, “a relação recíproca das Pessoas na unidade da Divina Trindade é a suma forma da unidade, o seu modelo supremo”²⁴⁹. Quais são as características deste divino modelo de comunhão?

A comunhão das três Pessoas da Trindade se caracteriza pela *unidade na diversidade*: Deus é um só, mas ao mesmo tempo, três Pessoas distintas. Diz o Santo Padre:

Na sua vida íntima Deus “é Amor” (cf. *IJo* 4,8.16), Amor essencial, comum às três Pessoas divinas: Amor pessoal é o Espírito Santo, como Espírito do Pai e do Filho... Pode dizer-se que, no Espírito Santo, a vida íntima de Deus uno e trino se torna totalmente dom, permuta de amor recíproco entre as Pessoas divinas; e ainda, que no Espírito Santo Deus “existe” à maneira de Dom.²⁵⁰

Considerando que “*Deus uno e trino... ‘existe’ em si mesmo como realidade transcendente de Dom interpessoal*”²⁵¹, pode-se dizer que as três Pessoas Divinas são *perfeitamente Um*, na medida em que *são* o mesmo Infinito Amor Divino que se doa, que é Deus Uno e Trino. Mas, ao mesmo tempo, são *perfeitamente distintas*, tanto mais quanto são Pessoas diferentes: Pai, Filho, Espírito Santo. Pois cada qual possui sua própria divina Personalidade, e assim amam Uma à Outra e Se doam Uma à Outra ao seu modo pessoal.

De tal maneira que se pode dizer que, em sua unidade e igual dignidade de Deus Único, as Três Pessoas Divinas são o modelo da *comunhão fraterna* da Igreja, que se baseia na consciência de que somos todos filhos de Deus, a quem Ele se doa igualmente na Eucaristia. Inversamente, em Sua diversidade como Pessoas Divinas distintas, Elas são o modelo trinitário da *comunhão hierárquica* da Igreja, a qual se reflete na diversidade de papéis e de vocações.

No entanto, a Eucaristia não somente nos aponta para a vida de íntima comunhão em Deus, mas também nos comunica esta comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Desta forma ela constrói a Igreja seja como comunhão fraterna seja como comunhão hierárquica. O Santo Padre diz a respeito da Igreja enquanto comunhão:

É comunhão *hierárquica*, fundada na consciência das diversas funções

e ministérios, continuamente reafirmada inclusive na Oração Eucarística através da menção do Papa e do Bispo diocesano.

É comunhão *fraterna*, cultivada com uma “*espiritualidade de comunhão*” que nos leva a sentimentos de recíproca abertura, estima, compreensão e perdão.²⁵²

Em síntese, a Igreja enquanto comunhão eucarística é, segundo o modelo da Trindade, uma comunidade onde há unidade na diversidade e diversidade em comunhão e em busca de comunhão, onde há partilha dos diversos dons para o enriquecimento mútuo, onde há diversos ministérios para o serviço recíproco, onde há diferentes trabalhos que se complementam. Devido a esta diversidade e complementaridade, cada membro oferece uma contribuição totalmente única em favor de toda a comunidade.²⁵³ Observa o Santo Padre:

Sob o sopro do Espírito Santo, a partir do Pentecostes de Jerusalém, cresce a Igreja. Nela há diversidade *de carismas*, diversidade *de serviços* e diversidade *de operações*, mas *o Espírito é o mesmo, um só é o Senhor e um só é Deus*, que opera “tudo em todos” (*ICor* 12,4-6)... A multiplicidade manifesta-se por obra do Espírito Santo na unidade, e a unidade contém em si a multiplicidade: “Foi num só Espírito que todos nós fomos batizados, a fim de formarmos um só Corpo... e todos temos recebido de um só Espírito” (*ICor* 12,13).

A multiplicidade manifesta-se por obra do Espírito Santo na unidade, e a unidade contém em si a multiplicidade... E *na base desta unidade espiritual*, que nasce e se manifesta cada dia de novo, está o *sacramento do corpo e do sangue [de Cristo]*.²⁵⁴

Na verdade, “a Eucaristia é o *princípio da unidade na caridade*, da comunhão na multiplicidade dos dons”²⁵⁵. Contudo, esta maravilhosa comunhão na diversidade, a ação do Espírito Santo, não é apenas um dom, é também uma tarefa que requer um sério compromisso de nossa parte para que vejamos, entre os membros da Igreja, os frutos de *comunhão de corações e de vida* na Eucaristia, e possamos resistir às tentações do individualismo e das divisões. Por esta razão, o Santo Padre nos exorta:

Convido-vos a *fazer confluir os múltiplos dons*, a vós concedidos pelo Espírito Santo, *na unidade de um só corpo eclesial*: sacerdotes, religiosos

²⁴⁹ Homilia (31 de maio de 1997), 2: ORP (7 de junho de 1997), 3.

²⁵⁰ *Dominum et Vivificantem*, 10.

²⁵¹ *Ibidem*, 59.

²⁵² *Mane nobiscum Domine*, 21.

²⁵³ Cf. *Christifideles laici*, 20.

²⁵⁴ Homilia (22 de maio de 1983), 7: ORP (29 de maio de 1983), 3.

²⁵⁵ Homilia (22 de outubro de 2004), 4: ORP (30 de outubro de 2004), 9.

e leigos, unidos em torno daquele que é sinal e ministro de comunhão, o Bispo diocesano. Cada uma das partes de vossa Igreja particular, resistindo à possível tentação do individualismo e da divisão, tenha como própria meta, a construção, sob a guia do Bispo, de uma Igreja compacta, baseada solidamente na verdade e na caridade. E a Eucaristia, que Jesus vos dá, seja o pão *cotidiano desta coesão indispensável*, o sustentáculo deste caminho solidário!²⁵⁶

Comunhão Eucarística – a “forma” da Comunhão eclesial

João Paulo II afirma que “a Eucaristia é o ícone, a ‘forma’, o manancial e a finalidade da existência dinâmica de toda a Igreja e de cada crente”²⁵⁷. Quando o Senhor instituiu a Eucaristia durante a Última Ceia, ele “deu-lhe sua própria ‘forma’... [que] tornar-se-ia para sempre a expressão da comunhão da Igreja”²⁵⁸.

A experiência da Eucaristia nos faz experimentar a “arquitetura interna” do Corpo de Cristo, da Igreja, para cuja edificação cada um contribui de um modo diferente.²⁵⁹ Pois a Eucaristia nos une a Cristo e uns com os outros, a fim de formar um Corpo, com vários membros e funções (Cf. *1Cor 12,12*). Nota o Santo Padre:

A Igreja vê na Eucaristia, o sacramento que, além de a construir, *dá forma* à sua existência. Não é porventura a Eucaristia o sinal da unidade e o vínculo da caridade que liga o Corpo eclesial? Na celebração eucarística presidida pelo Bispo, a Igreja encontra-se na sua plenitude. Cristo presente na Palavra anunciada, no ministério ordenado, na oração da Assembléia inteira e, sobretudo, no seu Corpo e Sangue (cf. *Sacrosanctum Concilium, 7*), é o fundamento da *unidade articulada* do Povo de Deus. *A Comunhão Eucarística torna-se assim comunhão eclesial*.²⁶⁰

A Comunhão Eucarística é de fato a *forma* da comunhão eclesial. E isto se aplica não apenas às comunidades locais, mas à Igreja inteira. Como a Eucaristia expressa e nutre a *unidade na diversidade* no âmbito das comunidades locais, também o faz no da Igreja universal. Diz o Papa:

A Eucaristia, enquanto sacrifício e banquete, tem uma referência essencial à Igreja, a qual se desenvolveu em cada uma das comunidades em volta

dos Apóstolos e dos primeiros mensageiros da fé; estas comunidades tinham consciência de ser *células de uma única Igreja*, devido à *unicidade do sacrifício de Cristo* sobre a Cruz que cada Eucaristia torna a atualizar, e devido à *eficácia unificante* que a participação no mesmo pão e no mesmo cálice desenvolve na multidão dos crentes. Isto vale também para as comunidades eclesiais de hoje.²⁶¹

Em cada celebração da Eucaristia, Cristo está todo inteiro (*Christus totus*, ele e seu Corpo). Decorre daí que, onde estiver Cristo, aí estará a Igreja em sua totalidade. Portanto, não é somente a comunidade local de fiéis que se congrega ante o altar, mas a Igreja Católica, completa em sua integridade, que está presente em cada celebração da Eucaristia. De fato, a comunidade

... ao receber a *presença eucarística do Senhor*, recebe o *dom integral da salvação* e manifesta-se assim, apesar da sua configuração particular que continua visível, como *imagem e verdadeira presença da Igreja una, santa, católica e apostólica*. Daí que uma comunidade verdadeiramente eucarística não possa fechar-se em si mesma, como se fosse auto-suficiente, mas deve permanecer em sintonia com todas as outras comunidades católicas.²⁶²

Por esta razão, “cada celebração eucarística é feita em união não só com o próprio bispo mas também com o Papa, com a Ordem episcopal, com todo o clero e com todo o povo”²⁶³. Quando celebramos a Eucaristia, recorda-nos o Papa, estamos em comunhão com toda a Igreja:

Sentimo-nos unidos a todos os que a celebram, nas várias partes do mundo, “desde o nascer até ao pôr do sol”... pronunciemos com comoção esta única palavra: Eucaristia, Eucaristia, Eucaristia. Tornam-se presentes diante dos olhos da alma as Igrejas dispersas por toda a terra, do Leste a Oeste, do Norte a Sul. Elas, juntamente conosco, confessam, celebram e recebem a mesma Eucaristia.²⁶⁴

Graças à única Eucaristia, a unidade da Igreja Católica é tão profunda que permanece sempre una, embora ela esteja presente em muitas diferentes Igrejas particulares.²⁶⁵ Pois todas elas “convergem para um único termo: o Senhor Jesus presente, vivo e vivificante no sacramento

²⁵⁶ Homilia (17 de junho de 1990), 6: ORP (24 de junho de 1990), 6.

²⁵⁷ Homilia (5 de maio de 1996), 5: ORP (11 de maio de 1996), 8.

²⁵⁸ Audiência (29 de janeiro de 1992), 3: ORP (2 de fevereiro de 1992), 12.

²⁵⁹ Cf. Angelus (18 de setembro de 1994), 3: ORP (24 de setembro de 1994), 6.

²⁶⁰ Homilia (20 de junho de 1992), 6: ORP (5 de julho de 1992), 7.

²⁶¹ Homilia (12 de junho de 1988), 5: ORP (26 de junho de 1988), 7.

²⁶² *Ecclesia de Eucharistia*, 39.

²⁶³ CONGR. PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão* (28 de maio de 1992), 14.

²⁶⁴ Homilia (15 de junho de 1995), 4: ORP (24 de junho de 1995), 3.

²⁶⁵ Cf. Homilia (25 de novembro de 1986), 7: ORP (7 de dezembro de 1986), 5.

da Eucaristia²⁶⁶. Esta original e única relação da unidade (uma Igreja) na multiplicidade (muitas comunidades eucarísticas), que a Eucaristia produz e nutre, “gera um tipo de ‘*perichoresis*’ entre a Igreja universal e as Igrejas particulares²⁶⁷ que espelha a relação mútua das Pessoas na unidade da Santíssima Trindade. Como o Pai está completamente no Filho através do Espírito Santo (cf. *Jo* 14,11), assim se dá a relação entre a Igreja universal e as Igrejas locais, relação que não é de superior para inferiores, mas antes de pertença recíproca, que encontra sua expressão na colegialidade dos bispos sob a presidência do Romano Pontífice, que é “o fundamento da unidade visível da Igreja²⁶⁸. Referindo-se a esta relação de colegialidade entre os que presidem as Igrejas locais e o bispo de Roma, o Santo Padre afirma:

Na Eucaristia encontra-se a *prefiguração exemplar da comunhão* entre os fiéis e os seus Pastores e da *colegialidade* entre os Pastores das Igrejas particulares e o bispo da Igreja universal. *Será sem dúvida a Eucaristia que dará espírito e forma* a este caráter da Igreja, que é primordial, irrenunciável e difusivo, corpo organicamente compacto, que cresce até à idade adulta de Cristo (cf. *Ef* 4,13.16).²⁶⁹

Em consequência, se estivermos conscientes da comunhão que a Eucaristia produz na Igreja, entenderemos prontamente que a verdadeira imagem da Igreja não é a de uma organização altamente centralizada, mas antes aquela de *uma família de comunidades eucarísticas* intimamente ligadas entre si no único Corpo de Cristo. A Igreja não se torna uma devido a um governo central, mas graças à Eucaristia que é uma só e que “constitui o centro vivo e permanente, em volta do qual se congrega a inteira comunidade eclesial²⁷⁰.”

Em suma, unidade na diversidade conforme o modelo da Trindade é, precisamente, a forma na qual a Eucaristia molda a Igreja até que atinja aquela perfeita unidade pela qual Jesus rezou ardentemente: “*para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade*” (*Jo* 17,22.23). Esta mesma visão de uma Igreja

²⁶⁶ Discurso (16 de novembro de 2004), 3: ORP (27 de novembro de 2004), 3.

²⁶⁷ *Pastores gregis*, 57.

²⁶⁸ *Lumen Gentium*, 18.

²⁶⁹ Discurso (16 de novembro de 2004), 2: ORP (27 de novembro de 2004), 3.

²⁷⁰ *Ecclesia in América*, 35.

centrada na Eucaristia marcou o primeiro milênio cristão. O Papa comenta que, neste período

... o desenvolvimento de diferentes experiências de vida eclesial não impedia que, mediante relações recíprocas, os cristãos pudessem continuar a saborear a certeza de estarem na sua própria casa em qualquer Igreja, porque de todas se elevava, numa admirável variedade de línguas e de entoações, o louvor do único Pai, por Cristo, no Espírito Santo; todas se reuniam para celebrar a *Eucaristia, coração e modelo da comunidade*, não só no que diz respeito à espiritualidade ou à vida moral, mas também pela própria estrutura da Igreja, na variedade dos ministérios e dos serviços sob a presidência do Bispo, sucessor dos Apóstolos. Os primeiros concílios são um testemunho eloquente desta constante *unidade na diversidade*.²⁷¹

Este modelo de Igreja, no qual há diversidade na comunhão, o Santo Padre vê realizar-se em

... *uma Igreja profundamente “eucarística”*, na qual a partilha do mistério de Cristo no pão repartido esteja de certo modo imersa na unidade inefável das três Pessoas divinas, fazendo da própria Igreja um ‘ícone’ da Santíssima Trindade.²⁷²

Maria, Mãe da Eucaristia e da Igreja

Diz João Paulo II: “Se quisermos redescobrir em toda a sua riqueza a relação íntima entre a Igreja e a Eucaristia, não podemos esquecer Maria, Mãe e modelo da Igreja²⁷³. A Eucaristia constrói a Igreja desde seus alicerces mais profundos. Maria, por sua vez, está presente no mistério de Cristo e da Igreja. Sua presença, de fato,

... na economia de Deus, estende-se quanto se estende o mistério da Humanidade de Cristo, sacramento vivo da unidade e da salvação do gênero humano. Por onde quer que Cristo irradie sua ação salvífica, ali misteriosamente está presente a Mãe, que O cobriu de carne e O deu ao mundo.²⁷⁴

Por esta razão, ela “participa de um modo especial na construção da Igreja, desde seus primeiros fundamentos, por meio da Eucaristia²⁷⁵. Como Mãe do Verbo encarnado, ela esteve “pessoalmente presente nos

²⁷¹ *Oriente Lumen*, 18; cf. *Ut unum sint*, 61.

²⁷² *Ecclesia de Eucharistia*, 50.

²⁷³ *Ibidem*, 53.

²⁷⁴ *Angelus* (8 de abril de 1984), 2: ORP (15 de abril de 1984), 3.

²⁷⁵ *Homilia* (8 de junho de 1987), 4: ORP (14 de junho de 1987), 9.

momentos decisivos, nos quais esses ‘fundamentos’ são colocados na história da salvação do mundo”²⁷⁶.

O mais profundo alicerce da Igreja é o mistério da Encarnação, no qual Maria cooperou com seu *Fiat*. De fato, “Jesus, o Pão da vida eterna, desceu do céu graças à fé de Maria Santíssima”²⁷⁷. Assim, tornando-se Mãe de Cristo, ela se tornou, ao mesmo tempo, “Mãe da Eucaristia”²⁷⁸ porque “aquele Corpo e aquele Sangue presentes no altar e oferecidos ao Pai para se tornarem fonte de comunhão entre os membros do Povo de Deus, provêm dela”²⁷⁹.

Ela está presente também aos pés da Cruz. Esta aí presente como testemunha “daquele amor com que Ele nos amou até ao extremo, daquele amor que encontra sua expressão sacramental precisamente na Eucaristia”²⁸⁰. E em vista de sua presença no nascimento da Igreja em Pentecostes, João Paulo II faz a seguinte consideração:

Maria encontra-se no Cenáculo no dia de Pentecostes, no momento da descida do Consolador, do Espírito da Verdade sobre os apóstolos, no momento do nascimento da Igreja, desta Igreja que constantemente vive da Eucaristia... A partir daquele dia, do dia do nascimento da Igreja no Cenáculo de Pentecostes – o mesmo lugar em que foi instituído o sacramento do Corpo e Sangue do Senhor – ... Maria está presente no mistério da Igreja, mediante a sua particular maternidade.²⁸¹

Por isso, diz o Papa, “se Igreja e Eucaristia são um binômio indivisível, o mesmo é preciso afirmar do binômio Maria e Eucaristia”²⁸². Com efeito, há uma profunda afinidade entre “estas duas maravilhas do amor de Deus, a Eucaristia e a maternidade virginal de Maria”²⁸³. Maria coopera com seu Filho presente na Eucaristia para edificar a Igreja como comunhão.

Jesus deu a Eucaristia para unir-nos a Ele e, nele, uns com os outros. Ao mesmo tempo, deu-nos sua Mãe, de tal modo que “quem acolhe Maria como o tesouro mais precioso, entra também em comunhão com seus

irmãos e irmãs e abre-se ao serviço solidário a todos eles”²⁸⁴. Por isso, não é apenas por meio da presença de Jesus na Eucaristia, mas também pela presença maternal de Maria, que a Igreja continuamente renasce e se renova como comunidade. Tendo em vista o papel de Maria na edificação da Igreja como comunhão (*communio ecclesialis*), o Papa explica:

Maria é a figura da Igreja (*typus Ecclesiae*), principalmente quando se trata de união com Cristo: e esta união é a fonte da “*communio ecclesialis*”, ... Por isso, Maria está, com o seu Filho, na raiz desta comunhão. ... Maria está presente “na sala de cima, onde se encontravam habitualmente” (*At* 1,13), para obter e servir a consolidação daquela “*communio*”, que por vontade de Cristo deve ser a sua Igreja. Isto vale para todos os tempos, também para o tempo presente, no qual sentimos particularmente viva a necessidade de recorrer Àquela que é tipo e Mãe da unidade da Igreja.²⁸⁵

Além disso, Maria e a Eucaristia são inseparavelmente unidas porque ela é “a Mãe da Igreja que conduz seus filhos à Eucaristia”²⁸⁶. Em Caná da Galiléia, a Mãe de Jesus apontou seu Filho e falou aos empregados da festa de casamento: “*Fazei o que ele vos disser*” (*Jo* 2,5). Este acontecimento de Caná se repete continuamente na Igreja. “Não foi porventura a Mãe a indicar o Filho, aquele amor com que ele nos amou até ao extremo e que está constantemente presente de modo sacramental na Eucaristia?”²⁸⁷

Quem pode, melhor do que Maria, fazer-nos saborear a grandeza do mistério eucarístico? Ninguém pode, como Ela, ensinar-nos com quanto fervor devemos celebrar os santos Mistérios e determo-nos em companhia do seu Filho escondido sob as espécies eucarísticas.²⁸⁸

Maria conduz aqueles que dela se aproximam a Cristo, seu Filho, presente na Eucaristia. “Maria chama-nos ao mistério da Eucaristia, que é o mistério central da nossa fé, o centro e o ápice da vida cristã”²⁸⁹. Assim, “a evangelização, que na Eucaristia encontra a sua fonte (*fons*) e o seu ápice (*culmen*), caminha a par e passo com a devoção e amor para com a Mãe de Deus”²⁹⁰. De fato, Maria e a Eucaristia são duas realidades da vida

²⁷⁶ *Ibidem*.

²⁷⁷ Angelus (17 de junho de 2001), 3: ORP (23 de junho de 2001), 1.

²⁷⁸ Discurso (22 de janeiro de 2005), 3: ORP (29 de janeiro de 2005), 10.

²⁷⁹ Angelus (12 de junho de 1988), 3: ORP (19 de junho de 1988), 1.

²⁸⁰ Homilia (8 de junho de 1987), 4: ORP (14 de julho de 1987), 9.

²⁸¹ Homilia (8 de junho de 1987), 4: ORP (14 de junho de 1987), 9.

²⁸² *Ecclesia de Eucharistia*, 57.

²⁸³ Discurso (27 de maio de 1988), 4: ORP (5 de junho de 1988), 7.

²⁸⁴ *Ibidem*, 3.

²⁸⁵ Audiência (29 de janeiro de 1992), 8-9: ORP (2 de fevereiro de 1992), 12.

²⁸⁶ Discurso (4 de junho de 1997), 1: ORP (14 de junho de 1997), 11.

²⁸⁷ Homilia (13 de junho de 1987), 2: ORP (5 de julho de 1987), 5.

²⁸⁸ Carta (13 de março de 2005), 8: ORP (26 de março de 2005), 7.

²⁸⁹ Angelus (12 de junho de 1988), 3: ORP (19 de junho de 1988), 1.

²⁹⁰ Audiência (23 de junho de 1993), 4: ORP (27 de junho de 1993), 16.

cristã muito unidas, que “enchem de luz e de vida o caminhar da Igreja peregrina”²⁹¹. E assim, pedindo para fazermos de nossas vidas “centros que irradiem a graça da Eucaristia e de uma filiação mariana plenamente assumida”²⁹², o Santo Padre nos convida a nos voltarmos para Maria:

Peçamos Maria que nos ajude a redescobrir a centralidade da Eucaristia, especialmente no dia do Senhor, para vivermos a comunhão fraterna em plenitude. Além disso, peçamos-lhe que nos conduza para a verdadeira unidade.²⁹³

Maria, Mãe do amor e da unidade, nos mantenha unidos, para que, como a comunidade primitiva nascida no Cenáculo, sejamos sempre também nós “um só coração e uma só alma” (At 4,32). A “Mater unitatis” em cujo seio o Filho de Deus se unia à humanidade ... nos ajude a ser “uma só coisa”, tornando-nos instrumentos de unidade entre os nossos irmãos.²⁹⁴

Convidamos a Virgem Santíssima, para que presida maternalmente à vida eucarística da Igreja inteira. Ela, Esposa do Espírito Santo, implore junto d’Ele a obtenção daquela vida que Cristo oferece a todos mediante o Sacramento do Seu Corpo e Sangue, celebrado e acolhido no poder do Espírito de Vida e de Amor.²⁹⁵

3. O Sacramento que nos torna instrumentos de Comunhão

A serviço da Comunhão

A Igreja de Deus é chamada por Cristo a manifestar a um mundo fechado no emaranhado das suas culpas e dos seus sinistros propósitos, que, apesar de tudo, *Deus, na sua misericórdia, pode converter os corações à unidade, fazendo-os aceder à sua própria comunhão*²⁹⁶

declara o Santo Padre. Mas como poderá a Igreja convencer um mundo dividido de que todos são chamados à comunhão com Deus e entre si?

Para que a Igreja seja verdadeiramente “sinal e instrumento de íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”²⁹⁷, ela mesma

tem que tirar constantemente da fonte de sua unidade: a Eucaristia, e manter-se vigilante para não dissipar este tesouro.

Pois cada membro da Igreja, cada qual ao seu modo, é responsável pela unidade da Igreja; não obstante, aqueles a quem o Senhor chamou para ser servidores da Eucaristia são os primeiros a serem instrumentos da unidade eclesial. De fato, há uma correspondência entre a única Eucaristia, o sacramento da unidade da Igreja, e o único sacerdócio de Cristo, do qual participam os ministros ordenados de modo ministerial.

Ora, dentre todos os ministérios da Igreja, aquele do Papa, é mais intimamente ligado à Eucaristia:

De fato, é necessário que a *plena comunhão, de que a Eucaristia é a suprema manifestação sacramental, tenha a sua expressão visível num ministério em que todos os Bispos se reconheçam unidos em Cristo, e todos os fiéis encontrem a confirmação da própria fé*.²⁹⁸

Este ministério é precisamente aquele do bispo de Roma, o sucessor de Pedro, a quem o Senhor estabeleceu como “perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade”²⁹⁹.

Não foi por acaso que Jesus deu a Pedro o encargo de confirmar seus irmãos na fé (cf. *Lc 22,31ss*) imediatamente após ele ter instituído a Eucaristia. Ao fazê-lo, o Senhor expressou sua intenção de tornar Pedro o primeiro *guardião e fador da Eucaristia*. Desta forma, a primeira e principal tarefa do Papa consiste em fortalecer seus irmãos no episcopado, bem como a Igreja inteira, “eucaristicamente”. “Encarregado do ministério de Pedro na Igreja, o Papa está associado a cada celebração da Eucaristia em que ele é mencionado como sinal e servidor da unidade da Igreja universal”³⁰⁰, diz o Catecismo da Igreja Católica. O ministério papal penetra o coração mesmo de cada comunidade eucarística. João Paulo II possui uma viva consciência de quão próximo ele, enquanto “*servo de todos os servos da Eucaristia*”³⁰¹, está ligado a cada celebração eucarística. Ele o expressou certa vez aos bispos de Moçambique assim:

Ajoelhado aos pés do *único altar da Cruz* preparado como mesa para todas as vossas comunidades desde a da catedral até à mais pequenina e distante onde chega a Eucaristia, comungando da *única Vítima divina* voluntária

²⁹¹ Discurso (27 de maio de 1988), 4: ORP (5 de junho de 1988), 7.

²⁹² *Ibidem*.

²⁹³ Angelus (17 de junho de 2001), 3: ORP (23 de junho de 2001), 1.

²⁹⁴ Angelus (12 de junho de 1988), 3: ORP (19 de junho de 1988), 1.

²⁹⁵ Angelus (1 de junho de 1986), 5: ORP (8 de junho de 1986), 2.

²⁹⁶ *Ut unum sint*, 93.

²⁹⁷ *Lumen Gentium*, 1.

²⁹⁸ *Ut unum sint*, 97.

²⁹⁹ *Lumen Gentium*, 23.

³⁰⁰ *Catecismo da Igreja Católica* 1369.

³⁰¹ Homilia (18 de junho de 1992), 5: ORP (28 de junho de 1992), 2.

mente entregue à morte por todos [nós] e pela humanidade inteira, irmanado no *único e eterno Sacerdócio* que por graça e só por graça nós, sacerdotes, partilhamos, eu, servo dos servos de Deus, aproveitando idealmente o momento em que, na anáfora eucarística, proferis o meu nome e serviço eclesial, *aproximo-me de cada celebrante e, com um afetuoso abraço, lhe digo: “Obrigado, porque fizeste nascer sacramentalmente Jesus...”*³⁰²

Enquanto primeiro servidor da Eucaristia, o Papa exerce também o ministério da vigilância. Ele tem que assegurar que “no pluralismo do culto eucarístico, se manifeste a unidade de que a Eucaristia é sinal e causa”³⁰³. Em outras palavras, ele deve velar para que as celebrações eucarísticas das muitas Igrejas locais sejam uma expressão autêntica e válida da “Eucaristia de Cristo que é a mesma: *ontem, hoje e sempre*”³⁰⁴. Em sua primeira viagem apostólica à Nicarágua, América Central, o Santo Padre expressou sua preocupação quanto à correta e válida celebração da Eucaristia:

A Eucaristia que estamos a celebrar é em si mesma sinal e causa de unidade. Somos todos um, sendo muitos “os que participamos do mesmo pão” (*ICor* 10,17) que é o Corpo de Cristo. Na oração eucarística que pronunciaremos dentre de alguns instantes, pediremos ao Pai que, pela participação do corpo e do sangue de Cristo, faça de nós “um só corpo e um só espírito” (*III Oração eucarística*).

Para conseguir isto é preciso um compromisso sério e formal de respeitar o caráter fundamental da eucaristia como sinal de unidade e vínculo de caridade. ... A Eucaristia que se põe ao serviço das próprias idéias e opiniões ou a finalidades estranhas a ela mesma, não é já não uma Eucaristia da Igreja. Em vez de unir, divide.³⁰⁵

Ciente de sua responsabilidade pelo culto eucarístico de toda a Igreja, o Papa João Paulo II era muito zeloso a guardar este inestimável tesouro. Ele expressava alegria e encorajamento sempre que via sinais de fé e amor eucarísticos, mas também um profundo pesar e séria preocupação quando ouvia falar de práticas eucarísticas contrárias à disciplina pela qual a Igreja expressa sua fé. Ele escreveu sua encíclica sobre a Eucaristia, precisamente a fim de “contribuir eficazmente para dissipar as sombras de doutrinas e práticas não aceitáveis, a fim de que a Eucaristia continue

³⁰² Discurso (20 de março de 1999), 2: ORP (27 março 1999), 6.

³⁰³ *Dominicae Cena*, 12.

³⁰⁴ Homilia (1 de novembro de 1993), 4: ORP (7 de novembro de 1993), 7.

³⁰⁵ Homilia (4 de março de 1983), 6: ORP (13 de março de 1983), 6.

a resplandecer em todo o fulgor do seu mistério”³⁰⁶.

Além do Papa e em união com ele, os bispos e os sacerdotes é que têm a responsabilidade pela Eucaristia, uma vez que presidem à celebração eucarística *in persona Christi*. Enquanto ministros da Eucaristia, eles são, de um modo particular, instrumentos de comunhão na Igreja. Os bispos são “o visível princípio e fundamento da unidade em suas Igrejas particulares”³⁰⁷, e os sacerdotes, em suas comunidades paroquiais. Como ministro da comunhão, é sua a primeira e mais alta obrigação de celebrar a Eucaristia com a comunidade a eles confiada ou em favor dela. Pois a Eucaristia, enquanto *fonte da unidade eclesial*, é também a sua máxima *manifestação*.³⁰⁸ É verdade que se deve fazer o possível para reunir os fiéis para a celebração eucarística, mas é também verdade que, ainda que o padre estivesse sozinho, a Eucaristia, que ele oferece, é ainda um ato de Cristo e da Igreja e por isso possui uma grande eficácia na edificação da Igreja.³⁰⁹

E mais ainda, o sacerdote, enquanto servidor da comunhão eclesial, deve testemunhar a Igreja universal, presente em cada celebração da Eucaristia, mediante uma fiel observação das normas litúrgicas. Diagnosticando um mal orientado senso de criatividade na liturgia, além de inovações não autorizadas, o Santo Padre apelou urgentemente para que se observassem fielmente as normas litúrgicas para celebração da Eucaristia. “Estas normas”, explica ele,

constituem uma expressão concreta da autêntica eclesialidade da Eucaristia; tal é o seu sentido mais profundo. A liturgia nunca é propriedade privada de alguém, nem do celebrante, nem da comunidade onde são celebrados os santos mistérios... O sacerdote, que celebra fielmente a Missa segundo as normas litúrgicas, e a comunidade, que às mesmas adere, demonstram de modo silencioso mas expressivo o seu amor à Igreja.³¹⁰

³⁰⁶ *Ecclesia de Eucharistia*, 10. Além disso, o Santo Padre solicitou à Congregação para o Culto Divino que complementasse a Encíclica com um documento mais específico, de natureza jurídica. Daí se originou *Redemptionis Sacramentum* (25 de março de 2004) que, como um guia prático para a correta implementação da Constituição Conciliar sobre a Liturgia e reforma litúrgica, visa a assegurar uma mais fiel apreciação das normas litúrgicas.

³⁰⁷ *Lumen Gentium*, 23.

³⁰⁸ Cf. *Mane nobiscum Domine*, 21.

³⁰⁹ Cf. Audiência (9 de junho de 1993), 3: ORP (13 de junho de 1993), 12.

³¹⁰ *Ecclesia de Eucharistia*, 52. O Santo Padre escreve em *Dominicae cena*, 12: “O Sacerdote não pode considerar-se ‘proprietário’, que disponha livremente dos textos

As normas litúrgicas, estabelecidas pela Igreja, refletem realmente a universalidade e sacralidade da Eucaristia. Se forem fielmente observadas, elas favorecem a unidade do povo cristão reunido na assembléia eucarística e o preenchem com aquela alegria da comunhão eclesial. O Papa nos exorta:

Cada liturgia vossa, caros irmãos e irmãs, seja viva, ativa e participada, segundo as indicações do Concílio Vaticano II e dos sucessivos documentos de aplicação. Uma liturgia ligada à vida, *uma liturgia que transforme a vida*.³¹¹

O Concílio também nos recorda que “*não se edifica no entanto nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia*.”³¹² Por isso, todos os programas e projetos pastorais nos níveis diocesano e paroquial deveriam, antes de tudo, promover a ativa e conscienciosa participação dos fiéis na celebração eucarística. O Papa ensina:

Hoje é preciso redescobrir a centralidade desta celebração na vida cristã, e portanto no apostolado. Os dados acerca da participação dos fiéis na missa não são satisfatórios... Portanto, o presbítero deve esforçar-se por favorecer de todos os modos a participação na Eucaristia, com catequese e as exortações pastorais, e também com uma excelente qualidade da celebração, sob os aspectos litúrgico e cerimonial.³¹³

Neste seu esforço, o sacerdote deveria ser ajudado pelos membros da comunidade, que deveriam esforçar-se para levar seus irmãos e irmãs não-praticantes até Cristo na Eucaristia. Junto com seu pastor, são também eles responsáveis para que a Eucaristia, sacramento da unidade, possa sempre mais edificar a comunidade da Igreja e fazê-la crescer.

litúrgicos e dos ritos sagrados, como de um bem seu peculiar, de tal modo que lhes dê um estilo pessoal e arbitrário. Isto pode afigurar-se, algumas vezes, de maior efeito, pode mesmo corresponder melhor a uma piedade subjetiva; contudo, será sempre objetivamente uma traição daquela união que há de ter, sobretudo no Sacramento da unidade, a própria expressão. Cada Sacerdote que oferece o santo Sacrifício deve recordar-se de que, durante este Sacrifício, *não é só ele com a sua comunidade que está a orar, mas ora toda a Igreja*, exprimindo assim, também com o *uso do texto litúrgico aprovado*, a sua unidade espiritual neste Sacramento.”

³¹¹ Homilia (18 de setembro de 1994), 5: ORP (24 de setembro de 1994), 7.

³¹² *Presbyterorum Ordinis*, 6.

³¹³ Audiência (12 de maio de 1993), 5: ORP (16 de maio de 1993), 16.

Sacramento do Amor fraterno

O que logo impressiona ao considerar o Mistério Eucarístico é que, desde as origens da Igreja, ele tenha sido vivido numa dimensão comunitária. Não foi por acaso que o Senhor, desejando dar-se inteiramente a nós, escolheu fazê-lo durante uma refeição e que aí mesmo nos tenha dado o mandamento do amor: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*” (Jo 15,12). O Papa João Paulo II observa:

A celebração eucarística revela-se deste modo, desde o início como o *sacramento do amor fraterno*, no qual Cristo Jesus se torna real e substancialmente presente, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade, para se unir mais intensamente àquele que acredita n’Ele e dignamente O recebe.³¹⁴

Quando recebemos Cristo na Comunhão, somos unidos a ele. Cristo, por sua vez, nos une a todos os demais que O recebem. Tornando-nos um com eles, precisamos aprender a nos abrir em direção a eles e nos envolver em suas existências. Esta é a prova da autenticidade de nosso amor a Cristo. Se somos unidos a Cristo, somos também unidos ao próximo. Esta unidade não é só limitada ao momento da Comunhão, embora aí tenha início. O Santo Padre nos recorda:

A *autenticidade de nossa união com Jesus* sacramentado deve traduzir-se no *nosso verdadeiro amor a todos os homens*, começando por aqueles que estão mais próximo. Deverá ser notado no modo de tratar a própria família, companheiros e vizinhos, no empenho por viver em paz com todos; na prontidão para se reconciliar e perdoar quando seja necessário. Deste modo, a Sagrada Eucaristia será fermento de caridade e vínculo daquela unidade da Igreja desejada por Cristo e propugnada pelo Concílio Vaticano II.³¹⁵

“*Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão*.” (1Cor 10,17) “Profundo mistério de vida! Impenetrável mistério de amor! Quando nos nutrimos do mesmo pão ‘somos um só pão’ (1Cor 10,17) e de tantas pessoas diversas, forma-se uma só família”³¹⁶, afirma o Papa. “Cada vez que participamos da Eucaristia, *unimo-nos mais a Cristo e, n’Ele, a todos os homens* [que O recebem], com um vínculo mais perfeito do que toda união natural.”³¹⁷ Deste modo,

³¹⁴ Carta (15 de agosto de 1984), 1: ORP (26 de agosto de 1984), 1.

³¹⁵ Homilia (31 de outubro de 1982), 3: ORP (7 de novembro de 1982), 7.

³¹⁶ Homilia (17 de junho de 1990), 5-6: ORP (24 de junho de 1990), 6.

³¹⁷ Homilia (15 de maio de 1988), 7: ORP (22 de maio de 1988), 9.

... o alimento eucarístico, fazendo-nos “*consanguíneos*” de Cristo, faz-nos irmãos e irmãs entre nós... A comunhão eucarística constitui, pois, o *sinal da reunião de todos os fiéis*. Sinal verdadeiramente sugestivo, porque à sagrada mesa desaparece toda a diferença de raça ou de classe social, permanecendo somente a participação de todos no mesmo alimento sagrado. Esta participação, idêntica em todos, significa e realiza a supressão de tudo o que divide os homens e efetua o encontro de todos a um nível superior, onde toda oposição fica eliminada. A Eucaristia torna-se assim o *grande instrumento de aproximação dos homens entre si*.³¹⁸

“Os filhos da Igreja encontrem no *supremo sacramento do amor a fonte de toda comunhão*: comunhão com Jesus Redentor e, n’Ele, com todo o ser humano”³¹⁹, observa o Papa, evidenciando que, pela partilha do único pão e cálice, formamos a família de Deus. A união com Cristo e os irmãos, nutrida e fortalecida pela Eucaristia é, entretanto – como já dissemos – não apenas um dom, mas também tarefa a nós confiada. Com efeito,

... a verdade da nossa união com Cristo na Eucaristia é testemunhada se nós verdadeiramente amarmos o nosso próximo, homens e mulheres, pelo modo como tratamos os outros, especialmente as nossas famílias: maridos e mulheres, filhos e pais, irmãos e irmãs. É testemunhada pelo esforço que nós realmente exercemos para nos reconciliarmos com os nossos inimigos, para perdoarmos a todos os que nos fazem mal ou nos ofendem.³²⁰

Na medida em que partilhamos a Eucaristia, torna-se nossa obrigação nos tornarmos cada vez mais *instrumentos de unidade fraterna*. Por esta razão, o Santo Padre nos exorta:

A Eucaristia é o *sacramento da vitória sobre as divisões que emanam do pecado pessoal e do egoísmo coletivo*. Portanto, a comunidade eucarística é chamada a ser *modelo e instrumento de uma humanidade reconciliada*. Na comunidade cristã não pode existir divisão, nem discriminação nem separação entre aqueles que partilham o pão da vida, ao redor do único Altar do sacrifício.³²¹

Neste mundo que tem grande necessidade de paz e de fraternidade, *vivei a Eucaristia testemunhando com fervor que ninguém é excluído do amor de*

Deus! Oxalá as vossas comunidades cristãs sejam autênticos sinais de comunhão eclesial, de unidade e de reconciliação entre todos os homens!³²²

Eucaristia, escola de Amor

Escreve o Apóstolo São Tiago: “Suponde que entre na vossa reunião um homem com anel de ouro e ricos trajes, e entre também um pobre com trajes gastos; se atenderdes ao que está magnificamente trajado, e lhe disserdes: Senta-te aqui, neste lugar de honra, e disserdes ao pobre: Fica ali de pé, ou: Senta-te aqui junto ao estrado dos meus pés, não é verdade que fazeis distinção entre vós, e que sois juízes de pensamentos iníquos?” (*Tg 2,2-4*).

Infelizmente, nosso mundo e, por vezes, mesmo nossas assembléias eucarísticas são marcadas por divisão e discriminação entre ricos e pobres, entre os que possuem e os que não possuem. Consciente desta realidade, o Papa João Paulo II nos recorda que:

Sobretudo da Eucaristia [é que] vem a advertência de que não basta “*ter*”; é preciso também “*ser*”. A pequena Hóstia consagrada é *nada* no plano do “*ter*”, mas é *tudo* no plano do “*ser*”: é de fato o Corpo de Cristo, morto e ressuscitado, que nos transforma em Si e faz com que nos tornemos irmãos. À luz deste Sacramento ... o “*ser*” torna-se prioritário, a nível mais profundo de nós mesmos, e o “*ter*” muda-se em “*compartilhar*”: noutros termos, “*ser*” e “*ter*” *para outros*.³²³

Deste modo, a Eucaristia nos revela o verdadeiro sentido da vida, que consiste, não em *ter* mais que os outros, mas em *ser* para os outros. Na Eucaristia, Deus se fez sumamente pobre, tornando-se um *nada* no nível do “*ter*”, mas, ao mesmo tempo, tudo no tocante ao “*ser*”. Pois, ainda que sob a humílima aparência de pão e vinho, ele é nosso Senhor e Deus. Mais ainda, doando-se inteiramente, ele se torna *tudo para nós*. Deste modo, o Cristo eucarístico “*permanecerá para sempre um modelo incomparável da atitude de pró-existência, que quer dizer atitude de quem está a favor do próximo*”³²⁴.

Olhando para Jesus que na Eucaristia continua a doar-se por nós, descobrimos nossa própria vocação de *ser um dom e fazer-se dom*.³²⁵ De fato,

³¹⁸ Homilia (9 de julho de 1980), 4: ORP (27 de julho de 1980), 3.

³¹⁹ Mensagem (8 de dezembro de 2004), 12: ORP (18 de dezembro de 2004), 7.

³²⁰ Homilia (29 de setembro de 1979), 5: ORP (7 de outubro de 1979), 3.

³²¹ Homilia (8 de outubro de 1989), 5: ORP (15 de outubro de 1989), 4.

³²² Discurso (2 de setembro de 2000), 1: ORP (16 de setembro de 2000), 9.

³²³ Discurso (12 de junho de 1988), 6: ORP (31 de julho de 1988), 9.

³²⁴ Homilia (1 de junho de 1997), 5: ORP (7 de junho de 1997), 5.

³²⁵ Cf. Mensagem (4 de junho de 1994): ORP (11 de junho de 1994), 4.

o sentido de nossa vida humana está contido no Corpo de Cristo por nós oferecido e em seu Sangue derramado para nossa salvação. Assim, nossa existência “deve identificar-se com eles e se realiza na medida em que, por sua vez, sabe fazer-se *dom para os outros*.”³²⁶ Diz o Santo Padre, comentando as palavras de Jesus: “O pão que eu hei de dar é *minha carne para a vida do mundo*” (cf. Jo 6,51):

*Sim, neste pão, o pão eucarístico, encontra-se a oferenda salvífica da vida, que Cristo imolou pela vida do mundo. Então não surge espontânea a pergunta: “E a minha carne, ou seja, a minha humanidade, a minha existência, é para alguém? Está repleta do amor de Deus e da caridade pelo próximo? Ou, pelo contrário, permanece aprisionada na cerca opressora do egoísmo?”*³²⁷

Se aprendermos a descobrir Jesus na Eucaristia, que a nós se doa, então aprenderemos a ser dom também para os outros e descobriremos Jesus nos irmãos e irmãs. Pois a Eucaristia, recebida com amor e adorada com fervor, torna-se *escola de amor*, capaz de realizar o mandamento de Cristo: “*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*” (Jo 15,12). O Papa explica:

Jesus fala-nos na linguagem maravilhosa do *dom de si* e do amor até ao sacrifício da própria vida. É um tema fácil? Não, vós bem o sabeis! O esquecimento de si não é fácil; ele distrai do amor possessivo e narcisista para abrir o homem à alegria do amor que se entrega. Esta *escola eucarística de liberdade e de caridade* ensina a ultrapassar as emoções superficiais, para se arraigar naquilo que é verdadeiro e bom; liberta do egoísmo pessoal, dispondo para a abertura aos outros; e ensina a *passar* de um *amor afetivo* a um *amor efetivo*, porque amar não é apenas um sentimento, mas um ato de vontade, que consiste em preferir de maneira constante o bem do próximo ao bem pessoal: “*Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos*” (Jo 15,13).³²⁸

Amar significa, então, fazer-se dom, sem reservas, a Deus e aos irmãos e irmãs. A Eucaristia, por seu turno, é “a fonte e poder daquele dom total de si.”³²⁹ Deste modo ela nos impele a viver pelos outros, a doar-nos generosamente como “pão da vida” para os outros, de tal modo que pos-

samos todos permanecer unidos no amor de Cristo.³³⁰ Na Carta Apostólica *Dominicae Cenae*, o Papa desenvolve mais esta idéia:

O autêntico sentido da Eucaristia torna-se, por si mesma, *escola de amor ativo para com o próximo*. Nós sabemos que é assim a ordem verdadeira e integral do amor que o Senhor nos ensinou: “*nisto precisamente todos reconhecerão que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros*” (Jo 13,35). E a Eucaristia educa-nos para este amor de maneira mais profunda; ela demonstra, de fato, qual o valor que têm aos olhos de Deus todos os homens, nossos irmãos e irmãs, uma vez que *Cristo se oferece a si mesmo de igual modo a cada um deles*, sob as Espécies do pão e do vinho. Se o nosso culto eucarístico for autêntico, deve fazer crescer em nós a conscientização da dignidade de todos e de cada um dos homens. A consciência dessa dignidade, depois, torna-se o *motivo mais profundo da nossa relação com o próximo*.

Devemos também tornar-nos particularmente sensíveis a todos os sofrimentos e misérias humanas, a todas as injustiças e arbitrariedades, buscando a maneira de a isso remediar de forma eficaz. Aprendamos a descobrir com respeito a verdade sobre o *homem interior* porque é precisamente *esse íntimo do homem que se torna morada de Deus presente na Eucaristia*. Cristo vem aos corações e visita as consciências dos nossos irmãos e irmãs. Como se modifica a imagem de todos e de cada um dos homens, quando tomamos consciência desta realidade, quando a tornamos objeto das nossas reflexões! O sentido do Mistério eucarístico impele-nos ao amor para com o próximo, ao amor para com todos e cada um dos homens.³³¹

Compromisso com os menores dos irmãos em Cristo

“Na escola de Jesus, presente na Eucaristia, somos chamados a ‘lavar os pés’ dos nossos irmãos (cf. Jo 13,14).”³³² Esta advertência do Papa João Paulo II nos leva a dar-mos conta de que a celebração da Eucaristia é um evento e um programa de verdadeira fraternidade, o lugar em que a fraternidade dever-se-ia tornar solidariedade efetiva.³³³ Isso nos inspira um compromisso de amor concreto com todo ser humano, particularmente com os mais necessitados dos nossos irmãos e irmãs. De fato,

a Mesa do Senhor, na simplicidade dos símbolos eucarísticos – o pão e o vinho partilhados – revela-se também como *mesa de fraternidade*

³²⁶ Mensagem (3 de setembro de 1999), 2: ORP (4 de dezembro de 1999), 10.

³²⁷ Homilia (14 de dezembro de 2004), 2: ORP (25 de dezembro de 2004), 5.

³²⁸ Mensagem (22 de fevereiro de 2004), 5: ORP (6 de março de 2004), 12.

³²⁹ *Veritatis Splendor*, 21.

³³⁰ Cf. Homilia (8 de outubro de 1989), 6: ORP (15 de outubro de 1989), 5.

³³¹ *Dominicae cenae*, 6.

³³² Homilia (30 de março de 1996), 6: ORP (6 de abril de 1996), 8.

³³³ Cf. *Dies Domini*, 71 e 72.

concreta. A mensagem que provém dela é demasiado claro e portanto não é possível ignorá-la: todos os que participam na Celebração eucarística não podem permanecer insensíveis face às expectativas dos pobres e dos necessitados.³³⁴

“Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo” (Mt 25,35-36). “Esta página... projeta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo,”³³⁵ observa o Santo Padre. De fato, Cristo está especialmente presente no pobre e necessitado. O Jesus presente na Eucaristia é o mesmo que se deixa ver no menor de nossos irmãos e irmãs. Por isso o amor a Cristo na Eucaristia deve ser traduzido em amor a Cristo presente nos pobres. Realmente,

Os pobres, os desvantajados físicos e psíquicos, os escravizados pela droga, os marginalizados pelo desemprego, os jovens sem horizonte de esperança, todos estes são outros tantos modos da presença interpeladora do próprio Cristo, que adoramos na Eucaristia.³³⁶

A primeira comunidade cristã era marcada pela partilha e por um amor muito prático, pela comunhão de vida e amor.

Nem havia entre eles nenhum necessitado, porque todos os que possuíam terras e casas vendiam-nas, e traziam o preço do que tinham vendido e depositavam-no aos pés dos apóstolos. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade. (At 4,34-35)

Em nossos dias, o mundo que nos rodeia, e mesmo dentro das comunidades cristãs, muitas vezes é contrário à *koinonia*, comunhão de vida e amor, de fé e recursos, de Pão Eucarístico e pão natural, sobre o qual o Novo Testamento nos fala, e fala precisamente em relação à Eucaristia.

Como São Paulo exorta os fiéis de Corinto, é um a contradição inaceitável comer indignamente o Corpo de Cristo, partindo da divisão e da discriminação (cf. *1Cor* 11,18-21). O sacramento da Eucaristia não pode ser separado do mandamento da caridade. Não se pode receber o Corpo de Cristo e sentir-se afastado daqueles que têm fome e sede, dos que são explorados ou estrangeiros, daqueles que estão na prisão e dos enfermos (cf. *Mt* 25,41-44). Como afirma o Catecismo da Igreja católica: “A Eucaristia

exige um compromisso em favor dos pobres: para receber na verdade o Corpo e Sangue de Cristo, entregues por nós, devemos reconhecer Cristo nos mais pobrezinhos, Seus irmãos” (n. 1397).³³⁷

“Ao nos aproximarmos da mesa eucarística para nos nutrir do Seu Corpo, não podemos permanecer indiferentes a respeito daqueles aos quais falta o pão cotidiano.”³³⁸ E é nosso dever de amor ir ao encontro às suas necessidades: “*todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*” (*Mt* 25,40). Nosso amor, nosso compromisso, é necessário, para que a presença de Cristo em nosso próximo não sofra. Por isso, o Papa nos exorta:

Não o esqueçamos nunca: Cristo que nos nutre com as espécies consagradas, é o mesmo que vem ao nosso encontro nos acontecimentos cotidianos; está no pobre que estende a mão, está no sofredor que implora auxílio, está no irmão que pede a nossa disponibilidade e espera o nosso acolhimento. Está no homem: está em cada ser humano, também nos mais pequenino e indefeso.³³⁹

Fonte de Alegria e Santidade

“*Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus!*”, rezamos após a consagração. Na celebração eucarística, “atualiza-se a presença real, substancial e constante do Senhor ressuscitado, através do memorial da sua paixão e ressurreição, e oferece-se aquele pão da vida que é penhor da glória futura”³⁴⁰, afirma o Papa João Paulo II.

Na realidade, quando a Eucaristia é celebrada, faz-se presente não apenas o mistério da paixão e morte de Cristo, mas também o mistério de sua ressurreição. Aí também se antecipa o mistério de sua segunda vinda no fim dos tempos. Celebrando a Eucaristia, não entramos apenas no mistério de sua morte: “*Anunciamos, Senhor, a vossa morte!*” Também partilhamos sua ressurreição: “*Proclamamos a vossa ressurreição!*” Além disso, embora sendo o memorial da primeira vinda de Cristo, a Eucaristia é uma proclamação antecipada de sua segunda vinda gloriosa no final dos

³³⁴ Homilia (17 de abril de 2003), 3: ORP (19 de abril de 2003), 8.

³³⁵ *Novo Millenio Ineunte*, 49.

³³⁶ Mensagem (5 de junho de 1994), 4: ORP (25 de junho de 1994), 10.

³³⁷ Homilia (13 de junho de 1993), 6: ORP (20 de junho de 1993), 4.

³³⁸ Homilia (2 de junho de 1997), 3: ORP (14 de junho de 1997), 2.

³³⁹ Homilia (17 de junho de 1990), 5: ORP (24 de junho de 1990), 6.

³⁴⁰ *Dies Domini*, 39.

tempos: “*Vinde Senhor Jesus!*” É a garantia da esperança futura e uma realização encorajadora em nosso caminho para a eternidade.³⁴¹

Por isso, o dia *por excelência* da celebração da Eucaristia não é a Sexta-feira, dia da morte de Cristo, mas o Domingo, o dia de Sua ressurreição. Ele também aponta para o dia da segunda vinda do Senhor na glória e antecipa, num certo sentido, o Domingo definitivo do Céu, iluminado pela luz de Cristo glorificado. Esta é a razão da atmosfera de alegria que caracteriza cada liturgia eucarística. Apesar de celebrar o drama do Calvário, regozijamo-nos como os discípulos “ao verem o Senhor ressuscitado” (Jo 20,20), pois Ele está vivo e presente no meio de nós.

Oferecendo-se a nós como Pão da Vida, e comunicando-nos seu Espírito, ele nos dá já aqui na terra o gozo antecipado daquela alegria que experimentaremos no Céu, ao nos unirmos perfeitamente a Deus.³⁴² É esta alegria desabrochada no dia da ressurreição

... foi transmitida à Igreja como *alegria inexaurível*, destinada a crescer até ao fim do mundo, e a encher cada vez mais o coração dos homens. Todos somos chamados a *acolher esta alegria na nossa vida*. Ela é-nos dada de novo, cada dia, na Eucaristia, em que se renova o mistério pascal: de maneira sacramental, mística, o sacrifício de Cristo é ali tornado presente com o seu coroamento no mistério da ressurreição. A *vida da graça* que trazemos dentro de nós, é *vida de Cristo ressuscitado*. Por conseguinte, com a graça pulsa em nós uma alegria que nada no-la pode tirar, segundo a promessa de Jesus aos seus discípulos: “*o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria!*” (Jo 16,22)³⁴³

O Espírito Santo, por sua vez, é a *fonte dessa alegria no Senhor*. Maria a experimentou da maneira mais profunda, quando na anunciação concebeu Jesus em seu seio. Então, “como a verdadeira Arca da Nova Aliança, Sacrário vivo do Deus Encarnado”³⁴⁴, ela O trouxe até sua prima Isabel. A presença de Jesus de tal forma a encheu de alegria no Espírito Santo, que ela entoou o *Magnificat*. “Quando Maria exclama: ‘A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador’, Maria traz no seu ventre Jesus. Louva o Pai ‘por’ Jesus, mas

louva-O também ‘em’ Jesus e ‘com’ Jesus,”³⁴⁵ observa o Santo Padre.

Quanto mais formos um com Maria em sua íntima união com Cristo, tanto mais seremos

... abertos a esta extraordinária ação do Espírito Santo, da qual deriva uma *alegria sobrenatural*, que surge da *comunhão com Cristo glorioso*, a exemplo da alegria concedida a Maria na glória do Céu, como primeira participante nos frutos da Redenção.³⁴⁶

Assim como Maria se regozijou acolhendo Cristo em seu seio e levando-O até Isabel, assim é o verdadeiro jubilo do cristão acolher Jesus na Eucaristia e levá-l’O ao mundo com o testemunho da caridade concreta. De fato, “recebemos o dom da Eucaristia, para que a nossa vida, à semelhança da de Maria, seja toda ela um *Magnificat!*”³⁴⁷ Diz o Papa:

“*Esse é o dia que o Senhor fez: cantemos e alegremo-nos n’Ele!*” (Sl 118,24). Meus irmãos e irmãs em Cristo: cada vez que nos reunimos na Eucaristia, somos *fortalecidos na santidade e renovados na alegria*. Porque a *alegria e a santidade* são a consequência inevitável da *união íntima com Cristo*. Quando nos alimentamos com o Pão da vida que desceu do céu, aumentamos ainda mais a nossa semelhança com o nosso Salvador Ressuscitado, que é a fonte da nossa alegria, uma “alegria em que todo o povo participará” (Lc 2,10). Oxalá a alegria e a santidade abundem sempre nas vossas vidas e floresçam nas vossas casas! E a Eucaristia seja para vós e para toda a Igreja ... *o centro da vossa vida, a fonte da vossa alegria e da vossa santidade*, e o caminho para a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor.³⁴⁸

Os Santos – frutos da Eucaristia

A Eucaristia “dá os seus frutos *sobretudo de santidade*, à qual todos são chamados na Igreja”³⁴⁹. Na verdade, alegria e santidade abundam na vida daqueles que sabem apreciar o maior dom de amor de Deus: o dom d’Ele mesmo na Eucaristia. Infelizmente, nem todos que recebem este dom produzem frutos abundantes de santidade, mas apenas aqueles que se esforçam para *viver em constante comunhão* com Cristo na Eucaristia. Os santos, e a Bendita Virgem Maria antes deles, são provas vivas do poder

³⁴⁵ *Ecclesia de Eucharistia*, 58.

³⁴⁶ Mensagem (15 de agosto de 1996), 1: ORP (28 de setembro de 1996), 8.

³⁴⁷ *Ecclesia de Eucharistia*, 58.

³⁴⁸ Homilia (16 de fevereiro de 1981), 7: ORP (22 de fevereiro de 1981), 5.

³⁴⁹ Audiência (17 de junho de 1987), 2: ORP (21 de junho de 1987), 12.

³⁴¹ Cf. Homilia (31 de outubro de 1982), 3: ORP (7 de novembro de 1982), 7.

³⁴² Cf. Audiência (8 de junho de 1983), 2: ORP (12 de junho de 1983), 12.

³⁴³ Audiência (22 de abril de 1992), 1: ORP (26 de abril de 1992), 12.

³⁴⁴ Homilia (12 de junho de 1993), 7: ORP (20 de junho de 1993), 3.

transformador da Eucaristia, pois fizeram frutificar este misterioso dom, permitindo que o Espírito Santo conformasse suas vidas a Cristo. Desta maneira, além de Maria, que foi totalmente transformada pelo poder da Eucaristia, temos diante dos nossos olhos

... o exemplo dos Santos, que encontraram na Eucaristia o alimento para o seu caminho de perfeição. Quantas vezes se comoveram até às lágrimas na experiência de tão grande mistério e viveram horas indescritíveis de alegria “esposal” diante do Sacramento do Altar.³⁵⁰

Embora não haja santo que não tenha tido um amor especial a Jesus na Eucaristia, há, por outro lado, santos e santas a quem poderíamos chamar de *santos eucarísticos*. O que os distinguia? Antes de tudo, a Eucaristia inspirou neles um grande desejo de santidade. Em conseqüência, desenvolveram um zelo extraordinário seja na vida espiritual seja no apostolado, como observa o Papa:

Os santos, entretanto, sendo *homens da Eucaristia*, hauriram deste mistério salutar um zelo cada vez maior, uma fome espiritual cada vez mais forte: a fome da verdade, do amor, do sacrifício – a fome que só o Pai celeste pode saciar, quando se tornar “tudo em todos” (1Cor 15,28).³⁵¹

Além disso, eles são os grandes santos sociais. De fato, quem reconhece Jesus no sacrário, também O há de reconhecer nos sofredores e necessitados, como o fez madre Tereza de Calcutá, que costumava dizer: “Quando contemplo o Santíssimo, penso nos pobres, e quando vejo os pobres, penso no Santíssimo.”³⁵²

O Papa João Paulo II, particularmente na última parte de seu pontificado, costumava ressaltar a dimensão eucarística da vida daqueles que ele tivera a alegria de elevar à honra dos altares. Consideremos apenas dois grandes santos da Eucaristia, da Polônia natal do Papa, canonizados em 18 de maio de 2003:

- Joseph Sebastian Pelczar, bispo de Przemy, fundador da Congregação das Irmãs Servas do Sacratíssimo Coração de Jesus, e
- Ursula Lodóchowska, virgem, fundadora das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus Agonizante.

³⁵⁰ *Mane nobiscum Domine*, 31.

³⁵¹ Homilia (21 de junho de 1992), 2: ORP (12 de julho de 1992), 5.

³⁵² Thomas NORRIS, *O culto eucarístico fora da Missa*, em: ORP (6 de setembro de 2006), 4.

O lema da vida de São José Sebastião era: “Tudo para o Sacratíssimo Coração de Jesus por meio das mãos imaculadas da Bendita Virgem Maria”. Tal lema moldou sua vida espiritual, que consistiu em confiar a si, sua vida e seu ministério a Cristo por Maria. E Maria o conduziu a seu Filho, presente na Eucaristia:

Dizia: “cada homem deve ficar maravilhado com o pensamento de que o Senhor Jesus, devendo ir para o Pai num trono de glória, permaneceu na terra com os homens. O seu amor inventou este milagre dos milagres, instituindo o Santíssimo Sacramento.” Despertava em si e nos outros incessantemente esta maravilha da fé.³⁵³

Santa Úrsula Ledóchowska, por sua vez, tinha um zelo extraordinário em proclamar com palavras e obras a Boa Nova do amor de Deus. E ela o levou principalmente às crianças e jovens, mas também a todos os necessitados: os pobres, os abandonados, os solitários.

Ela tirava do amor à Eucaristia a inspiração e a força para a grande obra do apostolado. Escrevia: “devo amar o próximo como Jesus me amou a mim. Tomai e comei... Comei as minhas forças, estou à vossa disposição (...) Tomai e comei as minhas capacidades, o meu talento (...) o meu coração, para que, com o seu amor, ele aqueça e ilumine a vossa vida (...) Tomai e comei o meu tempo, ele está à vossa disposição. (...) Sou vossa como Jesus-Hóstia é meu”. Não ressoa nestas palavras o eco de uma doação com a qual Cristo, no Cenáculo, se ofereceu a si mesmo aos discípulos de todos os tempos?

Ao fundar a congregação das Ursulinas do Sagrado Coração de Jesus Agonizante, transmitiu-lhes este espírito. “O Santíssimo Sacramento, escreveu, é o sol da nossa vida, o nosso tesouro, a nossa felicidade, o nosso tudo na terra. (...) Amai Jesus no Tabernáculo! Permanece sempre ali o vosso coração mesmo se materialmente estais no lugar de trabalho. Ali está Jesus, que devemos amar fervorosamente, de todo o coração. E se não o sabemos amar, pelo menos desejemo-lo amar, amá-lo cada vez mais.”³⁵⁴

Quando olhamos para os Santos, entendemos como “neles, a teologia da Eucaristia adquire todo o brilho duma vivência, ‘contagia-nos’ e, por assim dizer, nos ‘abrsa’.”³⁵⁵ O Santo Padre nos aconselha, portanto, de irmos “à escola dos Santos, grandes intérpretes da verdadeira piedade

³⁵³ Homilia (18 de maio de 2003), 2: ORP (24 de maio de 2003), 8.

³⁵⁴ *Ibidem*, 3.

³⁵⁵ *Ecclesia de Eucharistia*, 61.

eucarística.”³⁵⁶ E nos convida a recorrermos à Bem-aventurada Virgem Maria: “Ajude-nos sobretudo a Virgem Maria, que encarnou a lógica da Eucaristia em sua existência inteira.”³⁵⁷

Maria nos guie com ternura materna à Eucaristia: nos ajude a reviver sacramentalmente, no Sacrifício da Missa, a morte e ressurreição de Cristo, a redescobrir a Presença real do Verbo encarnado e redentor, Sacerdote e Vítima por nós homens e pela nossa salvação.³⁵⁸

Que a Virgem Santa nos ajude a redescobrir com admiração que toda a vida cristã está ligada a este mistério da fé e assiste-nos com a sua materna proteção para sermos autênticas testemunhas das infinitas riquezas do amor de Deus reveladas e comunicadas ao mundo no sacramento da Eucaristia.³⁵⁹

Capítulo VII

A Eucaristia, Presença do Amor da Trindade

“A Eucaristia é a verdadeira e viva presença do amor da Trindade” (João Paulo II)

A Eucaristia, Dom do Pai, Filho e Espírito Santo

A síntese trinitária dos ensinamentos do servo de Deus, João Paulo II, sobre a Eucaristia, apresentadas neste estudo, foi elaborada sobre dois conceitos-chave, de dom e de mistério, em torno dos quais se desenvolve sua teologia e espiritualidade eucarísticas. Primeiramente, focalizamos os aspectos essenciais da Eucaristia como um grande mistério de fé e de vida da Igreja. Vimos que as várias dimensões do mistério eucarístico convergem todas em uma só: ele é o indizível mistério do amor infinito de Deus que salva, mistério de misericórdia.

Então, seguindo a estrutura do discurso de Jesus sobre o Pão da Vida, consideramos a Eucaristia como dom da Trindade: dom do *Pai*, do *Filho*

e do *Espírito Santo*. Notamos que as três dimensões da Eucaristia – *presença, sacrifício, comunhão* – expressam seu caráter trinitário e revelam o dinamismo do amor trinitário, vivo e atuante nela:

- Como sacramento da *presença* escondida de Cristo, a Eucaristia é, acima de tudo, *dom do Pai*, que tanto amou o mundo que nos deu seu único Filho e, n’Ele, deu-se a si mesmo.
- Como sacramento do *sacrifício* redentor, a Eucaristia é particularmente o *dom do Filho*. Na Cruz, Ele se ofereceu em sacrifício ao Pai por nossa salvação e agora, partilhando-se a si próprio sob as espécies de pão e vinho, como nossa comida e bebida, ele constantemente renova aquele dom de si mesmo.
- Como sacramento de *comunhão*, a Eucaristia é, de um modo especial, *dom do Espírito Santo*. Pois é Ele quem, “completando” o dom do Pai e do Filho, comunica-nos seu dom próprio de comunhão a fim de unir-nos a Cristo e, n’Ele, ao Pai e uns aos outros.

Como “presença viva e real do amor trinitário de Deus”³⁶⁰, a Eucaristia não tem outro objetivo a não ser o de nos introduzir, o mais profundo possível, no dinamismo da vida trinitária, para em Cristo vivermos esta vida trinitária e com Ele transformarmos a história até à sua plenitude na Jerusalém celeste.³⁶¹

Dom e Mistério

O Papa João Paulo II intuiu que o aspecto primário e essencial da Eucaristia é aquele de “dom e mistério”³⁶². Mas qual é, segundo ele, o significado de “dom” e de “mistério” em relação à Eucaristia?

Para o Santo Padre, a grandeza do mistério eucarístico consiste no fato dele ser o supremo dom do amor infinito de Deus, ou seja, o dom total e gratuito que, sob as espécies de pão e vinho, Ele faz de si mesmo para nós. A simplicidade dos sinais eucarísticos não faz senão sublinhar a

³⁶⁰ Homilia (20 de agosto de 2000), 6: ORP (26 de agosto de 2000), 5.

³⁶¹ Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 60.

³⁶² Homilia (22 de junho de 2000), 3: ORP (1 de julho de 2000), 2. Cf. *Ecclesia de Eucharistia*, 7. “Dom e mistério” parece ser um tema fundamental do pensamento de João Paulo II (Karol Wojtyła). É notável que a Eucaristia como *dom e mistério* é o fio condutor de suas reflexões eucarísticas, mesmo quando não explicitado; é como que o arquétipo do sacerdócio, da união matrimonial, tanto quanto de nossas existências e vocações como pessoas.

³⁵⁶ *Ibidem*.

³⁵⁷ *Mane nobiscum Domine*, 31.

³⁵⁸ Angelus (5 de junho de 1988), 2: ORP (12 de junho de 1988), 1.

³⁵⁹ Cf. Homilia (8 de abril de 2004), 5: ORP (10 de abril de 2004), 1; Angelus (28 de setembro de 1997), 3: ORP (4 de outubro de 1997), 7.

grandeza deste dom divino. Com efeito, na Eucaristia, Deus nos dá “tudo” que poderia dar a uma criatura. Esta é, de fato, a última conseqüência do seu amor infinito que se doa sem reservas e sem medida e que tem sua fonte na mútua doação das Pessoas divinas que ocorre no íntimo da Santíssima Trindade.

A Eucaristia é, portanto, a revelação mais profunda do mistério do “*Deus uno e trino*, que ‘existe’ em si mesmo como realidade transcendente de *Dom interpessoal, comunicando-se no Espírito Santo como dom ao homem*”³⁶³. Vemos aí que o amor chega ao seu ápice no dom que uma pessoa faz de si mesma. Desta forma, a Eucaristia, na qual Deus se dá a si mesmo inteiramente a nós, revela-nos nossa própria vocação sobrenatural como pessoas, criadas à imagem e semelhança de Deus, de *sermos dom*, e de *fazermos de nós mesmos, um dom*.

Mais ainda, o mistério da Eucaristia constitui o conteúdo central do “mistério escondido desde há séculos em Deus” e é, ao mesmo tempo, o caminho pelo qual Deus realiza agora, na plenitude dos tempos, este seu plano eterno de “reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (cf. *Ef* 1,9-10). De fato,

... especialmente na Eucaristia e mediante a Eucaristia, a Igreja encerra em si o germe da definitiva união em Cristo de todas as coisas que há no céu e na terra, como nos disse São Paulo (cf. *Ef* 1,10), uma comunhão verdadeiramente universal e eterna.³⁶⁴

Assim sendo,

... a presença eucarística de Cristo ... permite à Igreja *descobrir*, cada vez mais profundamente o *próprio mistério*, como atesta toda a eclesiologia do Concílio Vaticano II, segundo o qual “a Igreja é em Cristo como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (*Lumen Gentium*, 1).³⁶⁵

Visto que na Eucaristia está contida a insondável riqueza do mistério de Cristo, ela é o *mistério dos mistérios*, a *síntese viva de todos os mistérios da fé*, desde o mistério da Trindade, passando pelo da Encarnação Redentora, até o mistério da Igreja. Realmente, “na Eucaristia está a síntese e o vértice do cristianismo”³⁶⁶.

Além disso, não podemos esquecer que é o Cristo vivo na Eucaristia que, por meio do poder de sua presença e do dinamismo de sua ação salvadora, dirige a vida da Igreja e os destinos do mundo e de todo o universo criado até a sua consumação no fim dos tempos quando Deus será tudo em todos. Por conseguinte, a Eucaristia é, na verdade, o *centro escondido da história e do cosmos*. Portanto, quando celebramos a Eucaristia, como nos recorda o Papa João Paulo II,

... encontramos-nos dentro de uma realidade sobrenatural e sacramental que traz aos nossos corações *todo o mistério de Deus Pai, Filho e Espírito Santo* e traz assim aos nossos corações *todo o mistério da criação e da história da salvação*. Tão rico é este Sacramento. Nós, naturalmente, nem sempre nos damos conta desta riqueza. Mas, todas as vezes que participamos na celebração deste divino mistério, devemos de novo encontrar a consciência desta *riqueza infinita*, sobrenatural, deste sacramento de Jesus Cristo que nos foi oferecido [como sacrifício] na Cruz e deixado como Sacramento na Última Ceia.³⁶⁷

O mistério da Eucaristia não é somente o mistério da nossa fé *por excelência*, mas exige também de nós uma grande fé. De fato, ele está totalmente além de tudo quanto poderíamos imaginar. Uma mente humana poderia porventura excogitar que Deus, em seu infinito amor por nós, iria ao extremo de assumir a humilde aparência do pão e do vinho para assim permanecer entre nós e se fazer nossa comida e bebida espirituais? Ao mistério eucarístico podemos aplicar o que Deus disse pelo profeta Isaías: “Tanto quanto o céu está acima da terra, tanto são superiores aos vossos os meus caminhos e meus pensamentos ultrapassam os vossos” (*Is* 55, 9). De fato, pergunta o Papa, “quem poderia inventar um sinal de amor maior?”³⁶⁸ “Que mais poderia Jesus ter feito por nós? Verdadeiramente, na Eucaristia demonstra-nos um amor levado até ao ‘extremo’ (cf. *Jo* 13, 1), um amor sem medida.”³⁶⁹

Eis o mistério sublime e inefável, Mistério perante o qual permanecemos estupefatos e silenciosos, em atitude de contemplação profunda e extasiada.³⁷⁰

Só aquele que acredita e ama pode compreender alguma coisa deste inefável mistério, graças ao qual Deus se faz próximo de nossa pequenez, vem

³⁶³ *Dominum et Vivificantem*, 59.

³⁶⁴ Audiência (15 de janeiro de 1992), 5: ORP (19 de janeiro de 1992), 8.

³⁶⁵ *Dominum et Vivificantem*, 63.

³⁶⁶ *Angelus* (25 de maio de 1997), 2: ORP (31 de maio de 1997), 3.

³⁶⁷ Homilia (14 de julho de 1985), 2 e 3: ORP (22 de setembro de 1985), 10.

³⁶⁸ Mensagem (6 de agosto de 2004), 2: ORP (4 de setembro de 2004), 3.

³⁶⁹ *Ecclesia de Eucharistia*, 11.

³⁷⁰ Homilia (14 de junho de 2001), 2: ORP (16 de junho de 2001), 1.

em auxílio da nossa fraqueza e se revela por aquilo que é: *infinito amor que salva*.³⁷¹

A Eucaristia, um programa de Vida

Como dom e mistério, a Eucaristia é também uma responsabilidade, uma tarefa. De fato, todo dom obriga. Quanto maior for o dom, tanto maior deve ser a resposta que corresponde à grandeza deste dom. Por ser o dom incomensurável do amor de Deus, o dom da Eucaristia requer de nós também um sério compromisso que deve tornar-se um “programa de vida.”³⁷² No entanto, a própria Eucaristia é o *projeto divino* que já existe. Pois ela é “a presença viva e real do amor trinitário de Deus”³⁷³, ansioso para nos compenetrar e transformar. Tudo o que temos de fazer da nossa parte é corresponder a este amor com o nosso amor, e acolher este Dom dando, em troca, o dom de nós mesmos. Para que isto realmente aconteça, devemos primeiro crescer na consciência da grandeza deste Dom aprofundando continuamente a nossa fé na Eucaristia. O Papa nos encoraja:

Deixai que Jesus, presente no Sacramento, fale ao vosso coração. Ele é a verdadeira resposta da vida que buscais. Ele permanece aqui conosco: é o Deus conosco. Procurai-O *sem vos cansardes*, recebei-O *incondicionalmente* e amai-O *sem tréguas*: hoje, amanhã e sempre!³⁷⁴

Com efeito, o que pode existir de mais unificante e atraente do que o Mistério eucarístico acreditado, amado e celebrado? *Eucaristia significa amor que se doa*: é a expressão máxima do amor de Cristo por nós, e ao mesmo tempo, do nosso amor por Cristo.³⁷⁵

Seguindo o exemplo de João Paulo II, deveríamos fazer da Santa Missa o centro de nossa vida, e o momento culminante de cada dia de nossa vida. Deveríamos, outrossim, tomar tempo para a adoração eucarística fora da Missa, para adorar o amor dos amores, e achar força e consolação em Jesus verdadeiramente presente na Eucaristia. Pela participação na Missa tanto quanto possível, e reservando tempo para uma adoração silenciosa, contribuímos muito para o crescimento e fortalecimento da Igreja. Pois é precisamente na celebração da Eucaristia e “no colóquio íntimo com

Jesus acabado de receber na comunhão”, ou seja, “no período da adoração eucarística fora da Missa” que “a Igreja fica solidamente edificada.”³⁷⁶

Nosso amor pela Eucaristia, entretanto, não deveria limitar-se à celebração da Santa Missa. De fato, tudo em nossa vida deveria ser uma expressão da Eucaristia. As suas três dimensões essenciais ajudam-nos a entender melhor o “*sentido eucarístico*” da nossa existência. Pois “do mistério eucarístico, que é sacramento-*sacrifício*, sacramento-*comunhão*, sacramento-*presença*, deriva a missão do cristão.”³⁷⁷ Maria, a mulher eucarística, ajudar-nos-á para que possamos viver cada vez mais o mistério eucarístico nas suas três dimensões fundamentais:

- *Presença*: Jesus permanece no meio de nós pela Eucaristia. Sua presença oculta fica, porém, muitas vezes ignorada. Como Pão da Vida, Ele quer nos assimilar cada vez mais a si mesmo a fim de viver em nós e, através de nós, continuar a sua presença aqui na terra. Eis o grande desafio de nossa vida: testemunhar Jesus no mundo e partilhar Jesus com os outros, como o fez Maria.
- *Sacrifício*: Na Eucaristia, Cristo deixou-nos seu sacrifício redentor a fim de que todos os homens pudessem ter parte nele. É necessário então que tornemos nosso, o sacrifício de Cristo, oferecendo com Ele e n’Ele nossos sofrimentos e tribulações e, mais que tudo, a nós mesmos. Desta forma, podemos eficazmente cooperar na salvação de nossos irmãos e irmãs. O sacrifício eucarístico é, portanto, um contínuo convite para “completar na nossa carne o que falta às tribulações de Cristo, por seu corpo que é a Igreja” (cf. *Cl* 1,24). Maria, por sua vez, foi a primeira a viver esta *dimensão sacrificial* da Eucaristia.
- *Comunhão*: A Eucaristia nos é dada como comunhão. Ela edifica a Igreja como uma comunidade, unindo-nos a Cristo e uns aos outros n’Ele. Por isso, temos que aprender a nos abrimos em direção aos nossos irmãos e irmãs e a nos envolvermos em suas existências. A nossa união de amor com Cristo na Sagrada Comunhão deveria traduzir-se num genuíno amor a todas as pessoas, a começar com aquelas que nos são mais próximas. Maria, a mãe do amor e da unidade, nos ajude a sermos cada vez mais instrumentos de unidade no meio dos irmãos.

³⁷¹ Angelus (2 de junho de 2002), 1: ORP (8 de junho de 2002), 1.

³⁷² Homilia (19 de agosto de 1979), 3: ORP (26 de agosto de 1979), 3.

³⁷³ Homilia (20 de agosto de 2000), 6: ORP (26 de agosto de 2000), 5.

³⁷⁴ Discurso (27 de setembro de 1997), 3: ORP (4 de outubro de 1997), 5.

³⁷⁵ Discurso (15 de março de 1997), 3: ORP (29 de março de 1997), 4.

³⁷⁶ *Ecclesia de Eucharistia*, 61.

³⁷⁷ Homilia (1 de maio de 1992), 5: ORP (10 de maio de 1992), 6.

Seguindo o exemplo de Maria, a mulher eucarística, devemos empenhar-nos para assimilar, gradualmente, as íntimas disposições que a Eucaristia estimula:

- A *gratidão* pelos benefícios recebidos do Alto, pois a Eucaristia é ação de graças;
- a *atitude oblativa* que nos impele a unir à oferta eucarística de Cristo, a própria oferta pessoal;
- a *caridade* alimentada por um sacramento que é sinal de unidade e de partilha;
- o *desejo de contemplar e adorar* a Cristo realmente presente sob as espécies eucarísticas.³⁷⁸

Rumo a uma Igreja profundamente Eucarística, que é verdadeiramente um “Ícone” da Santíssima Trindade

Como o fim do pontificado do Papa João Paulo II foi marcado de modo particular pelo mistério da Eucaristia, assim foi o início do ministério petrino do Papa Bento XVI. Este assumiu o legado eucarístico de seu predecessor, reafirmando “a centralidade do Sacramento da presença real de Cristo na vida da Igreja e na vida de cada cristão.”³⁷⁹ Assim, poderíamos perguntar, qual será a direção em que ele irá desenvolver ulteriormente a teologia e espiritualidade eucarísticas do grande Papa que o precedeu como bispo de Roma.³⁸⁰

Como João Paulo II, também o Papa Bento XVI tem um grande desejo de promover a unidade de todos os cristãos, de modo particular, a unidade com as Igrejas orientais. Eis porque ele incentiva uma teologia da Eucaristia e da Igreja que incrementa esta unidade de todos na fé e na caridade. Na sua encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, o servo de Deus, o Papa João Paulo II, já esboçou uma visão teológica que terá que ser elaborada ainda mais a fim de promover a plena comunhão entre os cristãos do Oriente e do Ocidente. Com espírito profético, ele declarou:

A desejada plenitude de comunhão na fé e na celebração ... supõe e exige, como na famosa pintura da Trindade de Rublêv, *uma Igreja profundamente*

“eucarística”, na qual a partilha do mistério de Cristo no pão repartido esteja de certo modo imersa na unidade inefável das três Pessoas divinas, fazendo da própria Igreja um “ícone” da Santíssima Trindade.³⁸¹

No entanto, como a Igreja tornar-se-á uma *Igreja-Comunhão*? Uma Igreja que seja verdadeiramente um ícone da Santíssima Trindade? Se levamos em consideração que a Eucaristia é, como João Paulo II afirma, “a presença viva e real do amor trinitário de Deus,”³⁸² então compreendemos bem que este mistério da presença escondida e da ação salvadora de Deus no mundo é o *canal principal* pelo qual a SS.Trindade se comunica à Igreja. É justamente por meio da Eucaristia que a Igreja haure sua vida do Deus Uno e Trino. Pois nela “está presente e operante todo o poder salvífico do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”³⁸³ Com efeito, é a Eucaristia que edifica a Igreja enquanto imagem visível daquela comunhão encarecida pelas Três Pessoas Divinas.

Se a Igreja quer tornar-se um ícone da Santíssima Trindade, tem que abrir-se cada vez mais para Eucaristia, este tesouro inexaurível de amor e de vida da Trindade. Em conseqüência, quanto mais a Igreja acolhe e guarda o dom da Eucaristia, tanto mais ela se torna “*uma Igreja profundamente ‘eucarística’*”, na qual a partilha do mistério de Cristo no pão repartido esteja, de certo modo, imersa na unidade inefável das três Pessoas divinas, fazendo da própria Igreja um ‘ícone’ da Santíssima Trindade.”³⁸⁴ João Paulo II tem a firme esperança de que uma abordagem eucarística e trinitária do mistério da Igreja possa preparar o caminho para a plena comunhão entre as Igrejas Católica e Ortodoxa.³⁸⁵

³⁸¹ *Ecclesia de Eucharistia*, 50.

³⁸² Homília (20 de agosto de 2000), 6: ORP (26 de agosto de 2000), 5.

³⁸³ Angelus (14 de junho de 1998), 2: ORP (20 de junho de 1998), 1.

³⁸⁴ *Ecclesia de Eucharistia*, 50.

³⁸⁵ O Papa João Paulo II reconheceu que tanto o mistério da Eucaristia quanto o da SS.Trindade são a chave para alcançar a plena comunhão com a Igreja Oriental. Por conseguinte, a comissão conjunta para o diálogo teológico, estabelecida por ele e pelo patriarca Demetrios em 1979, produziu a sua primeira declaração conjunta em 1982, intitulada “O mistério da Igreja e da Eucaristia à Luz do Mistério da Santíssima Trindade”. Aí se lê que “tomado como um todo, a celebração eucarística faz presente o mistério trinitário da Igreja” (*Enchiridion Oecumenicum* 1, Bologna 1994, 1031; cap. I, 6). Ali também se afirma que “o mistério da unidade no amor entre muitas pessoas constitui a verdadeira novidade da *koinonia* trinitária, comunicada aos homens na Igreja por meio da Eucaristia” (*Ibidem*, II, 1).

³⁷⁸ Cf. Angelus (1 de julho de 1990), 3: ORP (8 de julho de 1990), 3.

³⁷⁹ Angelus (4 de setembro de 2005): ORP (10 de setembro de 2005), 1.

³⁸⁰ O Papa Bento XVI, enquanto teólogo, desenvolveu e aprofundou a eclesiologia eucarística do Concílio Vaticano II. Foi dito que ele colaborou na Encíclica sobre a Eucaristia de João Paulo II.

Possa a Igreja, sustentada por Maria, a mulher eucarística, dar-se conta cada vez mais que a Eucaristia, “imenso e inefável dom da Santíssima Trindade para com a humanidade,”³⁸⁶ é a fonte e o ápice de toda a sua vida. “Possa, através da humildade da Esposa, resplandecer ainda mais a glória e a força da Eucaristia, que ela celebra e conserva no seu seio.”³⁸⁷ E, “possa a Igreja, renovada na redescoberta do dom e do mistério da Eucaristia, alargar esta inexaurível riqueza de vida a quem está próximo e aos que estão distantes numa urgente obra de nova evangelização.”³⁸⁸

Movido por profunda gratidão pelo dom da Eucaristia, o servo de Deus, o Papa João Paulo II, faz suas as palavras duma antiga oração, que canta simultaneamente o dom de Jesus, da Eucaristia e da Igreja:

Graças Vos damos, Pai nosso,
pela vida e pela ciência
que nos revelastes por Jesus,
vosso servo.
Glória a Vós pelos séculos!
Assim como este pão repartido
estava disperso pelos montes
e, depois de recolhido,
se tornou um só,
assim se reúna a vossa Igreja
dos confins da terra
no vosso reino...
Senhor onipotente,
Vós criastes o universo,
para glória do vosso nome;
e destes aos homens comida
e bebida para seu alento,
para que Vos dessem graças;

³⁸⁶ Meditação (20 de maio de 1983), 3: ORP (29 de maio de 1983), 5.

³⁸⁷ *Incarnationis mysterium*, 11.

³⁸⁸ Discurso (16 de novembro de 2004), 3: ORP (27 de novembro de 2004), 3.

mas a nós
concedestes-nos um alimento
e uma bebida espirituais
e a vida eterna
por meio do vosso Filho...
Glória a Vós pelos séculos!

(*Didaqué* 9,3-4; 10,3-4).

Amém.³⁸⁹

Fidelis Stöckl ORC

³⁸⁹ Homilia (20 de agosto de 2000), 7: ORP (26 de agosto de 2000), 5.

Índice

Capítulo V: A Eucaristia: Dom Amoroso do Filho 263

1. O Sacramento no qual Cristo Se doa 264
 - A Eucaristia: o dom mais sublime de Jesus aos homens 264
 - “Até o extremo os amou” (*Jo* 13,1)..... 265
 - Sacramento do Despojamento de Cristo..... 267
 - Sacramento da descida de Deus ao homem da ascensão do homem a Deus 268
 - Somos capazes de aceitar um Deus Eucarístico? 272
 - “Dei-vos o exemplo para que, como Eu vos fiz, assim façais também vós” (*Jo* 13,15) 273
 - Sacramento do Dom Nupcial de Cristo-Esposo à Igreja, Sua Esposa..... 275
2. Sacramento do Sacrifício 277
 - “Eis o meu Corpo que é dado por vós” (*Lc* 22,19)..... 277
 - “Ele tomou o pão, o partiu e o deu a eles” (cf. *Mc* 14,22) 279
 - “Fazei isso em memória de mim” (*Lc* 22,19)..... 281
3. O Sacramento que nos torna Hóstias vivas em Cristo 284
 - “Ofereci-vos como hóstias vivas” (*Rm* 12,1)..... 284
 - “[Ser] um santo sacerdócio para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Cristo” (*1Pe* 2,5)..... 285
 - “Este é o Sangue derramado para o perdão dos nossos pecados” (cf. *Mt* 26,28) 287
 - “Junto à Cruz de Jesus estava sua Mãe” (cf. *Jo* 19,25) 290
 - “Uma espada atravessará seu Coração, afim de que os pensamentos de muitos sejam revelados” (*Lc* 2,35)..... 292
 - “Completo o que falta aos sofrimentos de Cristo” (*Cl* 1,24). 294

Capítulo VI: A Eucaristia: Dom do Espírito Santo..... 298

1. Sacramento de Comunhão 300
 - Comunhão como Dom do Espírito 300
 - Comunhão: Fruto e ápice do Sacrifício Eucarístico 302

Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele (*Jo* 6,56)..... 303

A Comunhão é um laço bilateral: “Permaneeci em Mim e Eu permanecerei em vós” (*Jo* 15,4)..... 304

Maria, nosso modelo de união com Cristo 306

Comunhão Eucarística, fonte de Santidade 308

2. Sacramento que edifica a Igreja como Comunidade..... 310

Cristo e a Igreja, um só Corpo, um grande Mistério 310

Um Pão, um Corpo 312

A Igreja – uma Comunidade Eucarística 315

Comunidade conforme o modelo da Trindade 317

Comunhão Eucarística – a “forma” da Comunhão eclesial... 320

Maria, Mãe da Eucaristia e da Igreja..... 323

3. O Sacramento que nos torna instrumentos de Comunhão 326

A serviço da Comunhão..... 326

Sacramento do Amor fraterno..... 331

Eucaristia, escola de Amor 333

Compromisso com os menores dos irmãos em Cristo..... 335

Fonte de Alegria e Santidade 337

Os Santos – frutos da Eucaristia..... 339

Capítulo VII: A Eucaristia, Presença do Amor da Trindade 342

A Eucaristia, Dom do Pai, Filho e Espírito Santo 342

Dom e Mistério..... 343

A Eucaristia, um programa de Vida..... 346

Rumo a uma Igreja profundamente Eucarística, que é verdadeiramente um “Ícone” da Santíssima Trindade..... 348